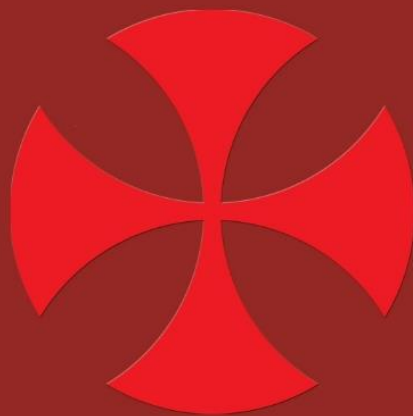




Sociedade das Ciências Antigas



A Reencarnação



Papus





Sociedade das Ciências Antigas

A REENCARNAÇÃO

**A EVOLUÇÃO FÍSICA, ASTRAL E ESPIRITUAL.
O ESPÍRITO ANTES DO NASCIMENTO E DEPOIS DA MORTE.**

POR

PAPUS



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

**"LA RÉINCARNATION"
L'ÉVOLUTION PHYSIQUE, ASTRALE ET SPIRITUELLE.
L'ESPRIT AVANT LA NAISSANCE ET APRÈS LA MORT.
DORBON-AINÉ
PARIS - 1912**

SUMÁRIO

I - A REENCARNAÇÃO	4
Definição	4
Reencarnação do corpo físico	5
Pensamento, seu mecanismo e ação	7
Reencarnação do corpo físico (cont.)	15
O fenômeno da morte	16
Os princípios da reencarnação	17
II - REENCARNAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ASTRAIS	18
As influências astrológicas	18
A evolução das formas físicas no Astral	21
III - REENCARNAÇÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL	23
Constituição do ser humano segundo os Egípcios	23
Reencarnação normal	24
O plano astral	25
Constituição do Ser Astral	26
A “paisagem astral”	27
O amor astral	28
A aproximação da morte	29
Depois da morte	31
Medida do tempo entre os hindus	33
IV - O RETORNO À MATÉRIA	33
O grande sacrifício	33
Os mistérios do nascimento	35
Sobre a encarnação da criança	40
As reencarnações anormais	41
O suicídio	42
Os Egípcios e o Duplo	43
Evolução e Involução	44
V - A VIDA SOCIAL E A REENCARNAÇÃO	46
Opinião dos clássicos	46
Karma e reencarnação	48
Modificação do destino através da oração	48
As três aparições de cada clichê - as adversidades.	49
VI - A LINGUAGEM DOS ESPÍRITOS	51
A relação com o invisível	51
O esquecimento e a reencarnação	52
As deformações da Doutrina	53
VII - OS ENVIADOS DO PAI	54
Os enviados do Além	54
Os reencarnados cíclicos	56
Joana d’Arc	57
O retorno do Espírito	57
O livro da vida	58
VIII - REENCARNAÇÃO E RELIGIÕES	58
Reencarnação e Budismo	58
Reencarnação e Cristianismo	59
Krishnaísmo e Budismo	61

A Reencarnação e o esoterismo hebraico	61
IX - TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS	62
X - A REENCARNAÇÃO HUMANA	71
Recordações das vidas passadas	71
A Reencarnação anunciada com antecedência	74
Espíritos que afirmam ter vivido várias vezes na Terra.....	75

I - A REENCARNAÇÃO

Definição

A reencarnação é a volta do *Princípio espiritual* num novo envoltório carnal. Para um ser humano, este envoltório é sempre um corpo humano. Mas pode reencarnar-se quer no mesmo planeta em que viveu sua última existência, quer num outro planeta.

Não se pode fixar um tempo de precedência à volta num corpo material, da mesma forma que não se pode fixar um tempo para a vida terrestre. Entes humanos passam três anos na terra e outros passam 90 anos. Se disséssemos: o homem vive na terra 30 anos, falaríamos como um amador de estatística, porém não como um observador das leis reais.

A duração da vida na terra é um fator pessoal; da mesma forma a duração do tempo que se passa antes de voltar à terra é igualmente um fator pessoal que depende de muitas circunstâncias.

Digamos logo que, antes de vir reencarnar-se num planeta, o ser espiritual consente na perda da memória das existências anteriores. Daremos todas as passagens dos autores clássicos, referentes a este fato e simbolizadas pela absorção do copo de água do rio Lethes, ou rio do esquecimento, que se bebia antes de voltar a terra.

Com efeito, a reencarnação foi ensinada como um mistério esotérico em todas as iniciações da Antiguidade.

Eis uma passagem dos ensinamentos egípcios 3.000 anos antes de Jesus Cristo, sobre a reencarnação:

Antes de nascer, a criança viveu, e a morte nada termina. A vida é uma volta, Khéprou, ela passa semelhante ao dia solar que recomeça.

O Homem se compõe de inteligência, Khou, e de matéria, Khat.

A inteligência é luminosa e se reveste, para habitar o corpo, de uma substância que é a alma: Ba.

Os Animais têm uma alma: um Ba, porém um Ba privado de inteligência, de Khou.

A vida é um sopro: Niwou. Quando o sopro se retira em Ba, o homem morre. Esta primeira morte se manifesta materialmente, pela coagulação dos líquidos, a vacuidade das veias e das artérias, a dissolução da matéria que compõe o corpo.

Pelo embalsamento, todas as matérias são conservadas, inclusive o sangue, que Ba voltará a vivificar depois do juízo de Osíris. O sopro está ao serviço da alma.

(M. Fontaine, *Egyptes*, 424)

Damos igualmente mais adiante passagens dos autores clássicos sobre este assunto.

Algumas sociedades orientais estabelecidas na Europa ensinaram tamanhos erros sobre a reencarnação e suas consequências, que somos obrigados, para protestar contra esses erros, a tratar do assunto detalhadamente em todas as suas partes:



Reencarnação do corpo físico

O corpo físico é o símbolo da encarnação terrestre.

Vamos falar somente, a partir de agora, da reencarnação na terra, pois que a lei se reproduzirá em todo envolvimento de carne, em qualquer planeta.

A Tábua de Esmeralda de Hermes nos ensina que “o que está em cima é como o que está em baixo e, reciprocamente, para realizar os milagres da Unidade”.

Se, pois, a reencarnação existe para o espírito, existe igualmente para o corpo; ou por outra, um corpo terrestre deve voltar a outro corpo terrestre sem deixar a terra, se um espírito volta noutra entidade material.

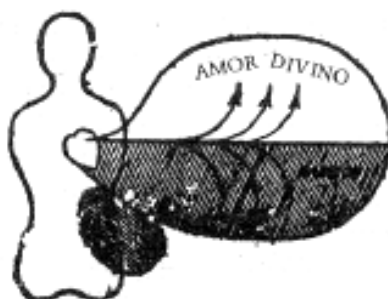
É daí que vieram as confusões entre a reencarnação ou volta do espírito num corpo material, depois de certo estágio astral, e a metempsicose ou passagem pelo corpo material em corpos de animais e de plantas, antes de voltar a um novo corpo material.

Nunca se deve confundir a reencarnação e a metempsicose, pois o homem não retrograda e o espírito não se toma nunca espírito de animal, salvo no plano astral, no estado genial; mas isto ainda é um mistério.

Estudemos, pois o corpo físico.

O corpo físico é um tríplice apoio: apoia três princípios e possui três centros nos quais cada um destes três princípios tem particularmente seu domínio. O corpo apoia:

1. - O **princípio dos instintos**, princípio inteiramente físico e que tem seu domínio no ventre;
2. - O **princípio dos sentimentos e das forças astrais**, que tem seu domínio no peito com o plexo solar como centro;
3. - O **princípio do mental e das forças espirituais**, que tem seu domínio na cabeça.



A partir destes princípios tornaram-se corpos, assim, podemos dizer que há um corpo físico, um corpo astral e um corpo mental, mas isto são apenas palavras e divisões ideológicas, vamos aderir à fisiologia comum.

De fato, na Criação tudo é um emaranhado, com o qual é impossível estudar um plano em separado. Neste sentido acreditamos apropriado abrir um parêntese e dedicar algumas linhas ao pensamento, seu mecanismo e sua ação, tentando conciliar as ideias dos filósofos com as dos fisiologistas. Na verdade, um grande número de leitores e ouvintes nos tem solicitado que tratemos brevemente esta questão, muito interessante por várias razões:

Qual é o mecanismo do pensamento?

Como é percebido, é digerido (se podemos dizer assim) e fixados na memória uma impressão vinda do exterior através dos órgãos dos sentidos?

Questões importantes que os filósofos, fisiologistas e psicólogos têm se esforçado em analisar, cada um usando seu próprio sistema.

A Ciência do Espírito inclui numerosos estudos: a Psiconomia ou conjunto dos diferentes nomes dados às faculdades da alma, a Psicologia ou estudo filosófico dessas faculdades, a Psicossófia ou procura das relações do Espírito com a Sabedoria Divina, a Psicurgia ou Psicofania ou utilização das faculdades secretas do Espírito, e muitas outras mais.

Portanto, não tenho a pretensão de resolver um problema que tem sido abordado por muitos e importantes pensadores.

A nossa ambição é muito mais simples. Nós queremos apenas um resumo o mais claro possível sobre esta questão, deixando de lado nossas ideias pessoais.

O mecanismo do pensamento é uma verdadeira digestão, e ao igual que a digestão intestinal, entram no organismo novas células procedentes de organismos retirados do exterior, a digestão cerebral fixa no Espírito e, sobretudo na memória, ideias procedentes de sensações vindas do exterior.

Faz tempo que se estabeleceu a analogia entre as circunvoluções intestinais e as cerebrais, pelo menos em seu aspecto macroscópico.

Neste estudo, o filósofo nos impedirá de perder-nos em detalhes desnecessários de anatomia, enquanto que o fisiologista nos economizará devaneios e a falta de base positiva do filósofo.

Assim como na fábula do cego e o coxo, estes dois tipos de pesquisadores vão se ajudar entre si.

Então, passaremos alternativamente do parecer médico, ao do filósofo, nos esforçaremos em tudo o que pudermos para sermos o mais claro possível.

Pensamento, seu mecanismo e ação

O mecanismo do pensamento fica reduzido a três grandes divisões:

1º Receber as sensações, as quais pertencem à SENSIBILIDADE;

2º Transformar estas sensações em Ideias, fixá-las ou enviá-las aos centros volitivos: INTELIGÊNCIA e MEMÓRIA;

3º Emitir ao exterior, na forma de atos ou palavras, o resultado da transformação da ideia através dos centros volitivos: VONTADE;

SENSIBILIDADE, INTELIGÊNCIA e VONTADE, é aqui o primeiro fundamento de todo o estudo Psicológico.

Nesta trindade, as sensações para o cérebro vêm do exterior, ao igual que os alimentos vão para o estômago. Ao contrário, as ideias são o resultado de um trabalho interior.

Finalmente, os movimentos conscientes: o Olhar, a Palavra, o Gesto ou a ação também são o resultado da transformação das ideias em diferentes movimentos pela vontade.

Pensamos que esta divisão é simples, clara e de fácil compreensão. O que diz o Anatomista ou o Fisiologista a este respeito? Eles dizem:

Tome um crânio e examine o interior de perfil. Nele encontraremos três níveis:

1º Um primeiro nível situado atrás do osso frontal, nível superior, onde encontrarás localizadas as circunvoluções anteriores do cérebro que dirigem a Vontade.

2º Um nível médio, localizado por baixo do anterior, onde se encontram os orifícios, na maioria de entrada e de saída dos 12 pares nervosos, e sobre o qual repousa a parte média do cérebro, apoio das faculdades intelectuais (Inteligência e Memória).

3º Finalmente, um nível abaixo do nível anterior, nível sobre o qual repousa o cerebelo, o bulbo e o cérebro posterior, órgão da Sensibilidade.

Assim, os ensinamentos da Anato-Fisiologia se apoiam praticamente em isto para convergir para um resultado idêntico.

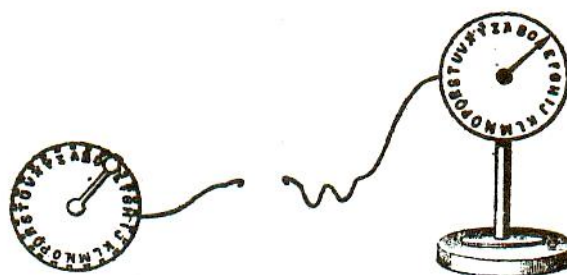
Vamos continuar com a análise detalhada deste problema.

*
* *

O cérebro, como todos os corpos físicos, é um suporte e não um criador. Constitui sempre o mesmo suporte orgânico para todas as funções psíquicas. Este suporte são os neurônios, ou células nervosas com seus dendritos e axônios.

Estes neurônios correspondem exatamente ao quadrante receptor do telégrafo pelo que corresponde a sua sensibilidade.

O quadrante do telegrafo não cria a mensagem, somente a recebe passivamente e sua manivela gira sob o impulso do telegrafista transmissor.



Mas sabemos que este registrador telegráfico não se moveria se a linha telegráfica ligando o emissor com o quadrante receptor não fosse atravessada por uma corrente, que neste caso é uma corrente elétrica.

Ocorre exatamente o mesmo com o sistema nervoso.

Uma corrente, chamada força nervosa, percorre os centros nervosos dando-lhes a tensão necessária. É centrípeta nos órgãos dos sentidos e centrífuga nos órgãos motores, pelo momento sua direção tem pouca importância. O que devemos constatar é que ela existe que é a coisa principal.

Nem mesmo temos que discutir sua origem. Esta força nervosa, será produzida por uma transformação direta do sangue a nível das células nervosas? Ou pelo contrário, como diz Luys, será produzida no cerebelo?

Neste momento, isto não interessa. Constatamos que se o cérebro constitui o suporte dos neurônios, a circulação sanguínea fornece a corrente: Força Nervosa, origem de todo o funcionamento dos centros psíquicos, e isto é suficiente pelo momento. Esta força nervosa é a mesma em todo o organismo e para todos os órgãos do sistema nervoso. Participa tanto nas funções superiores do pensamento como nas funções mais simples de assimilação ou da função das diferentes glândulas.

Além disso, quando o organismo está em grande perigo, por exemplo, quando colônias microbianas (estados tíficos) atacam os intestinos, toda a força nervosa disponível se concentra no ponto atacado para produzir fagócitos ou qualquer outra forma de defesa, e as funções psíquicas, ao se ver privadas de sua força de nervosa, param e deixam de funcionar. Neste caso, embora o telegrafista transmissor (sensação) envie sua mensagem, a manivela do quadrante telegráfico receptor não girará, não por causa da ausência do telegrafista, senão porque a corrente não passa através do fio do telégrafo.

Isto é o que acontece no corpo humano, ao igual que em todo organismo vivos previsto de centros cérebro-espinhais, em caso de doença grave.

O mesmo fenômeno também pode ocorrer em casos menos graves. Assim, quando um ser chamado "nervoso", ou seja, onde a força nervosa se move com facilidade, se produz uma emoção muito forte, observa-se que, sob a influência desta emoção, toda a força nervosa flui repentinamente para o plexo cardíaco, resultando em uma ruptura brutal da corrente nervosa para o cérebro e ... um desmaio, fenômeno que atualmente se explica com mais facilidade.

*
* *

Assim, o neurônio e a força nervosa são ferramentas que estão à disposição de outros elementos para produzir fatos psíquicos. Equivalem ao quadrante receptor do telégrafo e a corrente elétrica.

O que produz o funcionamento destes órgãos receptores é a mensagem, no caso do telégrafo, e a SENSACÃO, no caso do ser humano. A sensação constitui o meio pelo qual o organismo pensante é colocado em relação com o mundo exterior.

Esta sensação adota diferentes nuances distintas:

1º Ele é decomposta, isto é, dividido por uns órgãos receptores, chamados de órgãos dos sentidos que filtram e clarificam as sensações: o tato (gravidade, calor, forma, etc.), o sabor ou tato bucal, o olfato, o ouvido e a vista. Assim, o cérebro recebe sensações de formas, sabores, odores, luz e harmonia, e cada uma destas sensações é percebida por um órgão especial e diferenciado para esse fim;

2º Depois de ser decomposta como a luz através do prisma, a sensação se concentra em uma mesma área de centros nervosos.

Os nervos ópticos, ao igual que os nervos olfativos, os do sabor, do tato e os do ouvido, convergem nos núcleos ou conjuntos de neurónios situados na base do 4º ventrículo, a nível do que vulgarmente se denomina nuca.

Não recebemos realmente a sensação da vista através dos olhos, senão através da parte posterior do cérebro, para a nuca, e o mesmo acontece com as demais sensações.

3º Quando a sensação chega ao centro de entrada, é percebida, condensada e digerida por novos órgãos nervosos. Agora será utilizada para a criação de "imagens mentais" de IDEIAS, último produto do trabalho psíquico: o Eidolón dos gregos.

Em linguagem popular, pode-se dizer que a ideia constitui apenas o resultado da digestão cerebral.

Assim como a finalidade da digestão abdominal e a transformação dos alimentos procedentes do exterior em substância humana, a finalidade da digestão cerebral é a transformação das sensações procedentes do mundo exterior em elemento psíquico pessoal ou ideia. Na verdade, a ideia é um campo pessoal que cada um marca de acordo com sua própria natureza.

Um condutor alcoólatra tem seu próprio campo de ideias, suas opiniões, sua forma particular de viver, um professor de filosofia também tem o seu próprio campo ideológico. É evidente, que os dois campos são diferentes entre si, da mesma forma que uma floresta selvagem difere de um jardim cultivado cheio de lindas flores e arbustos raros.

Assim, há também uma analogia entre os dois tipos de produção cerebral realizadas, uma no cérebro do alcoólatra, e outro no cérebro do professor, dedicado às mais elevadas concepções do

Espírito.

A comparação feita contesta por si mesma responde à pergunta sobre se as ideias são inatas no cérebro, ou se são o simples resultado de um funcionamento orgânico parafraseado no famoso ditado: o cérebro produz o pensamento ao igual que o rim segrega a urina.

Nenhum carvalho cresce por si mesmo. É necessário ter plantado uma semente em solo fértil, que, com a ação do sol, da atmosfera e no tempo preciso, vai se tornar na árvore magnífica que admiramos.

Da mesma forma, se a terra não recebe uma semente especial, não pode fabricar nem uma árvore nem qualquer outra planta.

Foi o Filósofo Desconhecido Louis-Claude de Saint-Martin, que, em um famoso tratado, resolveu a questão das ideias inatas.

No cérebro existem "ideias sementes" de germes psíquicos irrigados pela sensação, acalentados pela tensão nervosa, coloridos e iluminados pelo sol interior ou pela Consciência Pessoal (Espírito). A ideia resulta de todo este processo.

A Herança atua fatalmente e em forma de Destino sobre o órgão cerebral, o temperamento pessoal, resultado da preponderância de uma membrana embrionária sobre as outras, atua sobre a força nervosa e sua circulação; o meio psíquico interior (amor ou ódio, verdade ou erro, alegria ou tristeza), por sua vez reage alterando a cor das ideias no momento de sua assimilação ou determinação intelectual.

A combinação de todos estes elementos de ação determina a criação de nossa personalidade psíquica de acordo com a nossa própria forma ideação, ou seja, da fabricação de nossas ideias.

É necessário conhecer em detalhes o mecanismo de transformação das Sensações em Ideias para estudar a psicologia?

Não, não é, do mesmo modo, que não é necessário conhecer o mecanismo de um relógio para saber as horas.

Este estudo pode ser apaixonante, mas não é necessário para resolver o problema. No entanto, faremos o possível para abordá-lo tentando esclarecer as afirmações da psicologia pura, utilizando nossos conhecimentos sobre a fisiologia dos centros nervosos.

*
* *

Uma das características da digestão abdominal é a decomposição das várias operações. Amidos, carnes e gorduras são transformados em sucessivos centros e finalmente, o intestino faz uma sintética revisão final.

À primeira vista, a chegada de sensações também é quebrada e sabemos que a impressão da sensibilidade não é realizada em um único meio, mas envolve cinco centros distintos, um que diz respeito às múltiplas percepções do tato, outro as do gosto ou do olfato, outro da audição e da visão, mais sutis, todos eles convergem na base do quarto ventrículo, cujos núcleos têm suas raízes no mesencéfalo, suporte das faculdades da inteligência.

Este é, de fato, a característica do cérebro. Permitam-me recordar aqui os princípios mais básicos da

fisiologia do sistema nervoso.

A medula não guarda qualquer impressão. Seus centros posteriores cinzas recebem uma sensação, a qual é enviada automaticamente aos centros cinzas anteriores e transformada em movimento. É o ato reflexo com todas suas características mecânicas e automáticas. Se os cordões medulares não alcançam o cérebro, nada mais é do que um mero reflexo, nada do que entra como sensação na medula fica nela, e a sensação fica expressa em um movimento.

A partir do momento em que se forma um órgão cerebral, sua primeira característica é a possível conservação de toda sensação percebida. Esta sensação pode, obviamente, voltar a ser enviada sob a forma de movimento centrífugo, tal como ocorre na medula óssea, mas também pode ser armazenada em algum lugar próximo do mesencéfalo, sob a forma de ideia classificada na memória, para não ser transformada em clichê de movimento verbal ou de outro tipo mais tarde.

Assim, além do centro de recepção das sensações e do centro de envio de comandos motores, o cérebro tem uma série de órgãos que lhe são próprios destinados a pôr em funcionamento faculdades relacionadas com o que tem sido chamado de inteligência.

Essa inteligência dirige a transformação de sensações em "Imagens" psíquicas, em Ideias, a classificação dessas ideias na memória, todo o trabalho realizado pela Imaginação sobre estas ideias e, finalmente, a propulsão dos órgãos motores do prosencéfalo por intermédio destas ideias. Assim, qualquer sensação convertida em ideia pode formar parte integrante do médio psíquico individual.

Este é exatamente o que acontece abaixo, nos centros abdominais, no que todas as substâncias digeridas e assimiladas estão destinadas a fazer parte integrante do organismo físico, seja se transformando de imediato em células acticas se colocando na reserva em um gânglio linfático, ou bem em uma massa de gordura, atuando então como uma ideia colocada na reserva na memória para ser usada em um determinado momento.

Alguns vão argumentar que não damos uma solução à questão da transformação da sensação em ideia.

No momento, isso não é o que pretendemos, vamos tentar esclarecer um pouco esta questão nos ajudando pelo método analógico.

Se quisermos estudar a questão mais ou menos o que observamos quando o estômago digere um pouco de fibrina, quando acontece a peptonização ou humanização desta carne de origem animal?

Observamos também que a ação do suco gástrico produzido pelas glândulas do estômago, também é necessário o calor orgânico produzido pelo fluxo sanguíneo e os diversos movimentos (sem mencionar o acionamento da secreção glandular) produzidas pelo sistema nervoso, especialmente no grande simpático (plexo solar).

Para que esta fibrina procedente do reino animal se torne parte do ser humano por meio de digestão, é necessário que desçam duas forças dos planos superiores: o calor do sangue procedente do tórax e a incitação nervosa procedente do cerebelo através de seu pedúnculo inferior que penetra nos centros cinzas anteriores da medula onde tem sua origem o grande simpático.

Não aconteceria o mesmo com a ideia?

Para transformar uma sensação em ideia, não seria necessário, além de tensão nervosa local e dos neurônios que só atuam como suportes materiais, a descida das forças mais elevadas, procedentes uma do centro da vida universal da Natureza, e a outra das contrapartes divinas, de estes planos

ignorados pelo fisiologista onde reside o Espírito, o Bai dos sábios do antigo Egito?

Sabemos perfeitamente que tratar o problema a partir dessa base, vão vir encima de nós todos os adeptos do transformismo, os evolucionistas e os materialistas, os quais geralmente substituem as novas ideias por palavras pretensiosas. Mas isso não nos importa. Tentamos deixar claro que nenhum avanço, nenhuma evolução, quando se considera sob aspecto verdadeiro, envolve duas descidas de forças superiores, dois sacrifícios, duas involuções, e não há nenhuma razão para que esta lei, que se aplica a tudo não se aplique também à psicologia ... até mesmo a psicologia elemental. A este respeito, recordamos uma das nossas comparações familiares.

Aqui temos um lenho, um pequeno pedaço de uma árvore que no passado foi muito grande. Este lenho é constituído por:

1º Um pouco de terra a partir da qual a raiz da árvore extrai meticulosamente substâncias que circulam pela crosta;

2º Um pouco da atmosfera sintetizada pela clorofila nas folhas e outros órgãos respiratórios da planta, que é distribuída de ali para todas as partes;

3º Um pouco de Sol também fixado na massa da árvore.

Façamos uma operação alquímica: coloquemos o lenho no fogo. Imediatamente o sol vai sair em forma de luz e de calor, a atmosfera se exteriorizará na forma de múltiplos gases e a terra ficará na forma de cinzas.

Para que esta Terra se transforme em árvore, tem sido necessário o sacrifício, a descida e a involução de duas forças superiores: a atmosfera terrestre e luz do sol. O mesmo acontece em todos os planos.

Isto nos leva a procurar, em um cérebro puramente material (a terra da planta antes mencionada) a ação de outras forças que não são as meramente físicas, e podemos dizer que, se o ser humano se relaciona com o mundo físico através da sensação, também se relaciona com outros planos através do sentimento, de um lado, e através da intuição ou iluminação interior, por outro.

Tal como dizemos anteriormente, na criação, na verdade, tudo está entrelaçado e nenhum plano pode ser estudado sem os outros. Mas não nos antecipemos e nos concentremos na mera sensação.

Esta sensação se apresentará ante uma força procedente de um plano superior, a qual utiliza o cérebro como um simples ponto de apoio, ao que chamamos Espírito.

O Espírito ou a própria consciência dará a esta sensação, no momento de sua transformação em ideia, a marca do individualismo humano na qual se produz esta transformação. A ideia produzida terá uma luz particular, em função do caráter do Espírito que controla o cérebro.

Por outro lado, esta ideia terá uma energia particular em função da tensão da inteligência que terá transformado esta sensação, que a terá "verbificado", se pudermos utilizar esta expressão.

Assim, a sensação é transformada de três diferentes maneiras:

1º Encontra-se vitalizado nos neurônios sob a influência da tensão nervosa que atua nos órgãos puramente físicos. É o lado anátomo-fisiológico da questão;

2º A sensação é digerida pela inteligência, que soma e em seguida subtrai, que faz a soma dos totais

anteriores ou multiplicação, e, finalmente, a eliminação dos resíduos ou divisão, com assimilação do quociente, o que se transforma em imagem mental, em ideia pessoal; a sensação se “verbifica” e sofre a influência da força que ilumina qualquer homem que venha a este mundo;

3º Concluindo, esta sensação é coletada também neste plano da inteligência e se encontra sujeita à iluminação do Espírito. Adquire a cor da luz característica do homem de carne em que se encarna um pouco de Espírito Divino. Quando o espírito está no cérebro de um aflito, a ideia é de cor roxa escura, quando se trata de um cérebro entusiasmado pela presença de Deus da Verdade ou inclusive da torrente do Amor Universal, esta ideia é totalmente branca tais como a luz do Sol.

VITA-VERBUM-LUX, estas são as três chaves das forças que descem do alto para transformar um estímulo do mundo exterior em uma pequena chama bruxuleante: a ideia humana.

*
* *

Para a maioria dos filósofos da antiguidade, a ideia era uma imagem. A palavra grega: "Eidolón" traduz muito bem este conceito.

Quando nos é anunciado algum evento através do Invisível, costuma se manifestar como uma série de "imagens animadas" durante o sono. Do mesmo modo, as técnicas de adivinhação têm como base as imagens ou os números. Que ninguém se surpreenda se mencionarmos aqui os sonhos e as artes da adivinhação; ciência exata não faz distinção entre fatos "sérios ou acadêmicos" e "não-sérios ou mundanos". Tudo o que existe tem direito a ser estudado seriamente e as imagens vistas nos sonhos exigem, qualquer que seja, a sua causa real.

Esta linguagem das imagens permite ao cérebro humano, se expressar sem ter em conta a sua linguagem particular. Um exemplo disto é o cinema, que, se está bem feito, tanto o pode entender um chinês, um inglês, um pele-vermelha ou um árabe.

Esta é uma verdadeira linguagem universal, uma cópia exata da linguagem usada pelo invisível ou se não aceitarmos esta expressão, a linguagem dos sonhos são imagens mentais derivadas da sensação.

Assim, inicialmente, toda sensação se torna imagem mental ou ideia. Esta ideia pode ser trabalhada imediatamente pela faculdade que mistura as ideias, as associa, as dissocia e as agrupa: a Imaginação. Pelo contrário, esta ideia pode ser fixada imediatamente e imobilizada na memória, onde algum dia a imaginação irá busca-la. Quando a ideia sai do âmbito da inteligência, passa para o campo da Vontade e se converte "ideia força", uma imagem dinâmica, que pode afetar os órgãos motores do corpo, os quais podem projetá-la e fixa-la fora.

O anátomo-fisiologia, por um lado, e a patologia anatômica, por outro, tem há muito estudado os centros motores da fala articulada, associação de ideias necessárias para este fim e uma série de fatos relacionados a estas investigações. Basta lembrar que o neurônio é um simples suporte que, em alguns casos excepcionais, pode ser substituído por qualquer outro órgão. Lembramos aqui o incêndio do Hôtel-Dieu, quando alguns doentes que tinham os nervos motores atrofiado das pernas, começaram a correr devido ao perigo que corriam. Portanto, convém ser cauteloso ao realizar o estudo das localizações cerebrais, ao igual que fazer outros na mesma ordem.

Assim, para resumir, podemos estabelecer a seguinte escala:

Sensação...
Imagem mental sensível ou Ideia...

Ideia transformada pela Imaginação ou Ideia fixada na Memória...

Ideia força ou clichê de Volição...

Acionamento dos Órgãos Motores (laringe)...

Ideia exteriorizada pela Palavra (linguagem articulada) ou ideia fixada pelo gesto: desenho, hieróglifo, escrita...

Este é o ciclo concebido de uma forma muito elementar, quase infantil, deste estudo de psicologia relacionado com a anatomia e a fisiologia.

Agora, temos que nos estender neste ponto e nos perguntar se a Sensação age apenas em um centro do ser humano ou em vários. Este estudo foi concebido e realizado por Fabre d'Olivet em sua obra: "Constituição Filosófica do Ser Humano" que aparece como prefácio a sua obra sobre o Estado Social do Homem.

Como todos os iniciados da antiguidade, ele nos diz que o homem tem três centros pertencentes ao âmbito da Sensibilidade, e não apenas um como se pensava.

Assim, quando uma Sensação aciona o âmbito orgânico e físico do Instinto produz, como resultado da transformação, Prazer ou Dor, em todas as suas graduações. Ao acionar o âmbito da vida universal encarnada em nós, a Sensação se transformará, através de sua ação sobre o plano do SENTIMENTO, em um caráter totalmente diferente, que pode ser um sentimento de Amor ou de Ódio.

Finalmente, ao exercer sua ação sobre o Espírito divino encarnado em nós, sob o plano do CONSENTIMENTO, a sensibilidade vê nascer a impressão da Verdade ou do Erro correspondente a este elevado nível.

Estes impulsos: Prazer, Amor, Verdade ou Dor, Ódio, Erro, são passionais, ou seja, dirigem a Inteligência e a Vontade para um extravio especial, o qual pode ser aprovado ou contrariado e detido pela vontade, segundo esteja treinada para resistir ou se deixe influir facilmente pelos centros passionais sem lhes apresentar resistência.

Este treinamento para conter a perda das paixões, constitui a base de toda a educação religiosa, filosófica e mesmo iniciática e também o caráter verdadeiramente elevado dos esforços do ser humano.

O estudo de cada pessoa tem muito pouco a ver com este treinamento, assim podemos entender como uma instrução primária como a do Cura d'Ars, tornaram-se tochas da humanidade devido ao desenvolvimento de suas faculdades espirituais. A partir deste ponto de vista, o caso de Joana D'Arc é ainda mais característico. Sua personalidade foi absorvida pelo espírito divino ... e não sabia ler ...

Para certos filósofos materialistas, este predomínio da educação sobre a instrução lhes escapa de tal forma que tendem a ver casos patológicos em todas as manifestações diretas dos planos superiores da Humanidade. Eles não conseguem entender a razão superior que levou Newton a buscar chave do Apocalipse, ou que incitou os Discípulos do Salvador a deixar tudo para seguir o Mestre. Estes filósofos são aqueles que querem demonstrar a histeria de Joana d'Arc ou a alienação hereditária Cakya-Mouni. Não é preciso lhes injuriar, tão somente ter pena deles e aguardar que seus cérebros adquiram a maturidade necessária para abordar com sucesso estas questões das faculdades divinas encarnadas em nós.

Assim, a Inteligência não deverá transformar em Ideias tão somente as Sensações, mas também os Sentimentos e as Intuições, e na Memória serão gravadas tanto as ardentes imagens do prazer que

experimenta um sibarita ao comer um delicioso prato, como as deliciosas imagens das doces confissões dos primeiros amores, e inclusive brilhantes imagens de bem-estar que proporciona a descoberta de uma verdade que há muito tempo era procurada.

O animal de duas patas, condecorado com o nome de Ser Humano e que permanece em um nível inferior, busca o prazer no vinho e na embriaguez instintiva.

Em um plano mais elevado, buscar o prazer na Mulher e na embriaguez sentimental.

Finalmente, em um plano superior, a fonte do seu bem-estar é constituída pela embriaguez intelectual da Verdade.

Reencarnação do corpo físico (cont.)

Mas, voltemos agora à Reencarnação propriamente dita do corpo físico.

O corpo físico é um revestimento fornecido pela terra aos outros princípios, para uma encarnação. Trata-se da terra que a evoluído na forma humana para uma existência.

Tal como dizemos anteriormente ao citar o exemplo do lenho, quando este queima no fogo, desprende calor e luz, ficando como *caput mortuum* (termo utilizado pelos alquimistas) a cinza.

Podemos dizer que a cinza representa para o lenho o que a terra deu e o que volta a se tornar terra. O calor e a luz representam o que o sol deu à planta e o que volta ao plano das forças solares.

O mesmo acontece com o corpo humano.

Os minerais produzem os ossos, o que corresponde ao elemento Terra dos Antigos; os vegetais produzem os músculos e os órgãos vegetativos: o elemento Ar dos Antigos; os animais produzem os neurônios e os nervos: o elemento Fogo dos Antigos, contendo neles também a força nervosa. Finalmente, os líquidos orgânicos correspondem ao elemento Água.

Vê-se que o corpo humano tem como origem a evolução dos corpos animais e dos estados anteriores.

Uma lei oculta, denominada lei de repetição, quer que os clichês sejam representados três vezes na espiral evolutiva, em momentos diferentes e cada vez num plano mais elevado da espiral.

Esta lei se reproduz durante a gestação, no seio da mãe, do corpo físico, o qual reproduz em suas formas exteriores as formas animais através das quais suas células passaram antes de terem a honra de fazer parte de um corpo físico humano.

O corpo físico pertence a uma família animal da qual veio a maior parte de suas células, depois de uma evolução astral.

A transformação evolutiva dos corpos se realiza no plano astral; pois há corpos humanos que se prendem por sua forma fisionômica, quer ao cão, ao macaco, ao lobo, inclusive até aos pássaros e peixes. Esta é a origem secreta dos totens da raça vermelha e da raça negra; mas isto sairia do tema que estamos tratando.

O corpo físico, uma vez constituído, se põe em relação com a atmosfera terrestre pela respiração, e a evolução de uma vida terrestre prossegue seu curso. Durante esta evolução, o corpo físico assimila minerais para nutrir seus ossos, vegetais para nutrir seus músculos e seus órgãos esplênicos, e

animais para nutrir seus neurônios.

Digamos de passagem que o corpo físico sendo um animal, em geral resultado de síntese de uma evolução terrestre especial, as alimentações excepcionais destinadas a favorecer um dos seus centros especiais, só devem ser temporárias. Assim o vegetarianismo é necessário, mas só um mês em três meses; de resto, nunca é total, pois que, em cada aspiração, engolimos, infelizmente, milhares de seres vivos que são absorvidos, nem sempre completamente, em nossos pulmões. É, pois, por um sentimentalismo anticientífico que se pode julgar que o corpo físico evoluciona por meio do vegetarianismo.

Encontrar-se-ão nos tratados de fisiologia, as diversas transformações do corpo físico durante a vida. Notemos somente que este corpo físico continua a absorver os elementos que a terra lhe forneceu na ocasião de sua constituição, e continua a transformá-los conforme determinadas leis.

Acharão em nosso “Tratado Metódico de Magia Prática” pautas para a alimentação que permitem dinamizar um dos três centros do corpo físico.

O fenômeno da morte

Cheguemos assim ao fenômeno da Morte.

O fenômeno da morte tem por característica a tendência de cada um dos princípios que constituem o ser humano, em voltar ao seu plano.

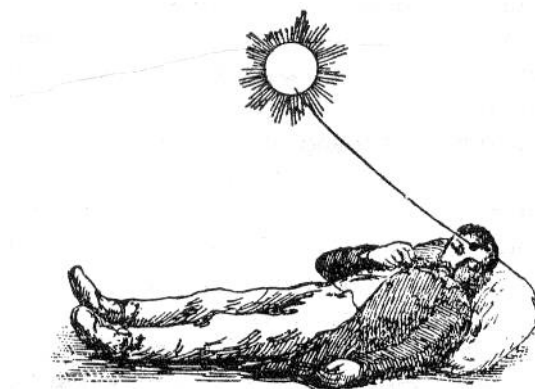
Quando se rompe o laço que fazia do ser humano uma faísca fixa na terra pelo encontro da corrente permanente de cima e de baixo, a corrente não passa mais de baixo para cima, nem de cima para baixo, e as linhas de força mudam de direção. (As palavras cima e baixo são aqui figurativas e somente representam diferentes planos).

O fenômeno da morte estando realizado, os líquidos orgânicos são coagulados, a atividade dos órgãos esplâncnicos cessa, o corpo físico se esfria, as células físicas, privadas do laço que as fazia concorrer à harmonia vital, vão cada qual tomar sua autonomia, vai haver putrefação e decomposição como em cada vez que uma célula, primitivamente hierarquizada, se toma autônoma. É o abcesso ou o cancro durante a vida, é a decomposição após a morte, para o corpo físico como para o corpo social.

Em virtude desta decomposição, as células físicas vão voltar a seus princípios constituintes.

Trataremos primeiro do sepultamento dos corpos e a seguir o caso da cremação.

As células que fizeram parte dos ossos do ser humano têm por característica a duração e a lentidão da evolução, como tudo o que é mineral; ficarão muito tempo intatas no esqueleto e só se tomarão diretoras da evolução das células do plano mineral muito tempo depois da morte do ser físico ao qual pertenceram. A grande recompensa dos seres minerais terrestres é tomarem-se ossos humanos; a duração desta encarnação mineral ultrapassa em muito a duração do próprio corpo físico.



As células dos músculos e dos órgãos vegetativos voltam ao plano vegetal e, repetimos aqui, que cada célula da terra que passou por um corpo humano, toma-se diretora das outras células terrestres com as quais ulteriormente pode achar-se em contato, porque tudo é inteligente e o espírito divino circula por toda parte.

Os líquidos do ser humano voltam, por diversos caminhos, aos líquidos terrestres, enquanto os gases voltam à atmosfera.

A cremação, por sua vez, faz voltar diretamente à atmosfera a maior parte das células dos órgãos vegetativos e dos músculos, e é sob a forma de gás e pela respiração que os seres terrestres, vegetais e animais, absorverão e reencarnarão estas células.

Além disso, a evolução das células minerais, reduzidas ao estado de cinzas, se acha consideravelmente adiantada; porém na incineração há graves perigos quando os princípios astrais não estão completamente desembaraçados.

Vamos seguir a reencarnação de um corpo físico enterrado, já que é o mais simples para nos mostrar a evolução destes princípios.

Os princípios da reencarnação

As células do corpo do homem se dispersam; os vegetais absorvem uma parte destas células, e o vegetariano, que absorve estes vegetais, vê a reencarnação das células do ser humano morto fazer-se em seu corpo mais rapidamente. Mas, em geral, o vegetal é absorvido por um herbívoro, um boi, por exemplo, e as células vegetais que se reencarnaram no corpo físico são por sua vez assimiladas pelo boi. O homem vivo, que assimila por sua vez a carne deste boi, assimila as células vindas do antigo corpo físico do homem morto.

O ciclo é assim realizado para a reencarnação do corpo físico do plano humano no plano humano.

Em caso de cremação é pela respiração que o homem fixa em estado de gás os princípios do antigo corpo humano; é pelo mesmo meio que os vegetais os fixam; também as cinzas, misturadas com a terra, tornam-se parte principal da constituição das fibras vegetais ou dos ossos animais.

Em suma, vemos realizar-se para o corpo físico, e somente para o corpo físico, o ciclo figurado pelos antigos alquimistas sob a forma de uma serpente mordendo a sua cauda. O Ouroboros, dos alquimistas, com sua fórmula misteriosa, *‘Ev το παν*, lembra a Tábua de Esmeralda; “O que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima”, para realizar os milagres da Unidade.

Passamos rapidamente em revista o que diz respeito à reencarnação do corpo físico. No capítulo

seguinte vamos estudar o que se refere à reencarnação dos princípios astrais.

Não podemos terminar este capítulo sem lembrar que tudo o que acabamos de dizer já era ensinado no antigo Egito. Os sacerdotes faziam, para explicar este ensino, o que chamavam o “Osíris vegetante”: uma massa formada de terra vegetal e grãos era modelada na forma de um corpo humano; este corpo, regado convenientemente e colocado em condições normais de vegetação, ficava logo coberto de ervas correspondente à evolução dos grãos. Este corpo continha também um pouco de cinzas humanas. Quando as ervas chegavam ao estado de evolução normal, eram absorvidas por um herbívoro, imagem de Ápis, e este animal, sacrificado conforme os rituais, servia de alimentação para os Sacerdotes inferiores, que reencarnavam assim o corpo místico de Osíris.

II - REENCARNAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ASTRAIS

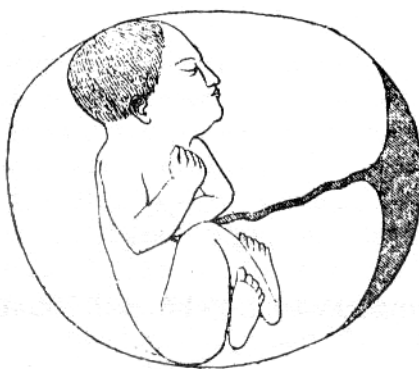
As influências astrológicas

A reencarnação dos princípios astrais devia ser precedida de um estudo astrológico, ou melhor, ainda, astrosófico (ver Papus: “As Artes Divinatórias”). São, com efeito, as relações entre a terra e o plano das forças astrais que devemos de estudar agora. Era preciso, para fazer completamente este estudo, toda a ciência dos antigos Egípcios ou dos modernos iniciados, para bem descrever estas imensas correntes de força que vêm se fixar no útero humano.

Vamos, todavia, esforçarmo-nos para descrever da melhor forma possível os elementos do problema, no caso de não poder resolver o problema em sua totalidade.

Na sua bela peça iniciática chamada “*O Pássaro Azul*”, Maeterlinck mostra, numa de suas cenas, o país das Almas que vão se encarnar. Cada uma destas almas tem uma missão, boa ou má, e é para realizar esta missão que a alma vem a terra. É esta a reencarnação do princípio espiritual. Mas, durante a estada no plano invisível, o espírito elabora seu corpo futuro por meio das forças astrais.

Durante a gestação, ou seja, durante os nove meses que se processa a elaboração do corpo físico, quais são os fenômenos astronômicos? Este é o primeiro ponto que devemos resolver.



Cada 24 horas, a terra se apresenta ante cada um dos doze signos Zodiacais o ponto onde se encontra encarnado o corpo físico; a Lua realiza a cada mês sua revolução diante do pequeno corpo físico em formação, tão bem que é preciso no mínimo 7 revoluções lunares ou, normalmente, 9 revoluções lunares, para conseguir a plena formação deste corpo físico. Todo horóscopo de um ser humano, horóscopo do dia do nascimento, para ser exato, devia ser precedido pelo horóscopo do dia de concepção. Alberto o Grande, em seu tratado de magia — que se tornou o grande Alberto dos feiticeiros — explica que cada um dos sete planetas age sobre o corpo em formação:

As forças de Saturno vêm constituir a estrutura geral do ser humano, durante o primeiro mês; as forças de Júpiter agem sobre os humores, no segundo mês; as forças de Marte sobre o sangue, no terceiro mês, e a criança começa a mover-se. O Sol vem iluminar com seu calor e sua vida o ser humano assim formado. Vênus, enfim, lhe dá a beleza dos envoltórios exteriores; Mercúrio age sobre todos os movimentos e o sistema nervoso; e por fim a Lua vem aperfeiçoar, por sua influência maternal, a obra realizada. Neste momento a criança pode nascer e, com muitos cuidados, poderá viver; realizou os sete meses de gestação. Mas, em geral, Saturno vem aperfeiçoar todos os ossos e todas as fibras, Júpiter vem por sua vez dar a força necessária a todos os elementos vitais, e a criança pode nascer em melhores condições.

Vê-se, pois, que durante a gestação, a mãe se comporta como uma verdadeira pilha astral, concentrando ao redor de si todas as forças misteriosas que circulam na atmosfera invisível da terra. É durante este momento que forças astrais conscientes, vindas de uma das portas zodiacais pelas quais o espírito passou para encarnar-se, se fixam nos centros invisíveis do corpo que se forma. Há, no astral de cada ser humano, entes que aparecem ao espírito sob uma forma muito cruel, e que são os executores das ordens de cima. A estas influências os Cristãos dão os nomes de anjos bons e maus. Sejam quais forem seus nomes, elas existem e agem.

Eis a criança que nasce. Por sua primeira inspiração, abandona as influências astrais de sua mãe e fixa em seus pulmões o astral terrestre, ligando-se pela respiração à atmosfera de nosso planeta, que está em relação direta com os raios solares.

O astral que circula no ser humano durante sua vida, põe este ser humano em relação com todas as forças astrais da natureza. O centro destes seres astrais é fisicamente no plexo cardíaco. O ponto de contato dos princípios astrais e dos princípios espirituais é fisicamente em baixo do cerebelo, no que os anatomistas chamam - “a base do quarto ventrículo”, exteriormente no parte da nuca. Os Egípcios, que conheciam estes mistérios, chamavam “Sa” à magnetização da nuca para agir sobre os clichês astrais.

Durante a vida, o problema moral consistirá unicamente em saber se as forças astrais de que dispõe o ser humano serão postas mais ao serviço do instinto ou ao serviço do espírito. Há, aí, uma evolução ou uma involução das influências astrais pela vida física, da qual resulta a criação dos envoltórios astrais que agirão após a morte. Para falar como os místicos, criamos nosso “carro da alma”, tal como o denominava Pitágoras e o designa claramente São Paulo.

Se pusermos ao serviço da satisfação dos nossos instintos todas as nossas forças; se, para fazer dela um emprego exclusivamente pessoal, recusando fazer aproveitarem os menos felizes que nós, então nosso “carro da alma” não tem mais substância astral para sua criação e, ainda que sejamos ricos na terra, seremos pobres no astral.

Sei muito bem que pretenderam que todas estas ideias foram inventadas pelos sacerdotes para exploração da miséria humana e para criar a resignação; mas os sacerdotes egípcios eram operativos e videntes, que verificavam no invisível todo o seu ensino no visível; e, como todos os filósofos, e também o resto dos seres humanos, devem passar pelas portas da morte, verão que o chamado conto dos iniciados era da mais escrupulosa exatidão.

Assim, é durante a vida que criamos, pelo manejo das forças astrais postas à nossa disposição, criamos todas as tendências evolutivas e involutivas da nossa astralidade futura.

Deixemos, pois, de lado a evolução das forças astrais durante a vida; este é o domínio do Destino de Fabre d'Olivet, do “Karma” dos Hindus e do “Fatum” dos astrólogos da Idade Média.

O poder do Pai se manifesta, os seres invisíveis que rodeavam a pessoa humana agiram, o homem

foi morto, sacrificado na hora marcada pelo destino; os seres astrais realizaram sua missão; a morte física tem chegado.

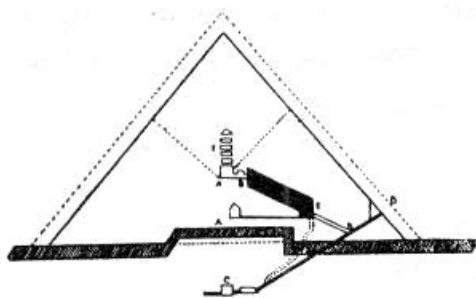
É neste momento que o astral se divide em duas seções: uma parte deste astral, constituindo a imagem (*imago*), o ídolo (*eidolon*) do ser humano, sua forma astral, fica unida às células físicas das quais constitui a vitalidade, presidindo à migração e evolução delas; uma outra parte deste astral fica unida ao princípio espiritual de que forma envoltório, que permitirá a este espírito atravessar as regiões astrais.

Nas sessões espíritas, se for o duplo, a forma astral, que é evocada, em caso de materialização, o ser aparece com hábitos terrestres; se, pelo contrário, for a parte superior do ser humano que é materializada, o ser aparece envolto de fluído branco que apresenta a forma de gaze.

Pelo fenômeno da morte, o astral evoluciona, pois, em dois planos.

Sem dúvida que foram os Egípcios, os seres que mais estudaram, teórica e praticamente esta vida astral do duplo. Os Egípcios pretendiam que, durante a vida, o espírito dirigisse todos os atos do corpo por meio das forças emanadas da região do céu em que se acha a estrela polar; eis aí porque a entrada das Pirâmides está sempre matematicamente dirigida para a estrela polar.

Depois da morte, os Egípcios conservavam, primeiramente salgando-o durante três meses, depois injetando-o com aromas, o corpo físico; impediam assim a dispersão das células físicas pela mumificação e fixavam ao redor do corpo a força astral que teria presidido à decomposição destas células físicas.



Iam mais longe: por meio de uma cerimônia mágica muito complicada, evocavam as forças astrais que giram ao redor da estrela polar, infundiam-nas no duplo da múmia reencarnada nesta espécie de existência astral, e encarnavam este duplo, quer na própria múmia, quer em pequenas estatuetas de madeira ou de barro cozido colocadas ao redor da múmia.

Os Egípcios tinham, pois, constituído verdadeiras cidades subterrâneas de astrais vivos, e puderam assim agir primeiramente sobre o astral terrestre, fixando por muito tempo o polo de civilização sobre seu país, e, atrasar também a reencarnação dos seres humanos, lutando, pela ciência contra as forças do destino.

Ficaremos estupefatos mais tarde, quando conhecermos, sob sua verdadeira luz, a ciência dó antigo Egito. Porém deixemos estas exceções, voltemos de novo à morte normal, e lembremo-nos que neste momento o astral se divide em duas seções: uma seção que forma o “carro da alma” e que envolve o espírito, e outra seção que forma a força astral e envolve o corpo físico que vai decompor-se.

Se o ser humano constitui bem seu “carro da alma”, se os clichês de bondade e de devotamento formam as estrelas luminosas desta massa astral, então a evolução do futuro corpo astral será certa.



A evolução das formas físicas no Astral

Aqui precisamos falar de um problema extremamente importante. Os sábios observaram que o conjunto dos seres vivos na terra, formavam uma espécie de hierarquia bem caracterizada: os corpos de certos seres vivos são muito pouco diferentes dos corpos dos seres que lhe são inferiores ou imediatamente superiores. É esta a ideia que presidiu à questão da evolução dos seres animados tão cara aos Darwinistas.

Ora, é impossível observar a existência desta evolução, na terra, nas condições gerais; realmente há na terra transformações de órgãos, adaptações ao meio, porém não verdadeiras evoluções de um corpo de cão a um corpo de macaco, ou de um corpo de macaco a um corpo de homem. A razão disso é simples: é que a evolução se faz, não durante a encarnação física, mas sim durante o estado astral que segue imediatamente a morte física. É neste momento que o corpo astral evoluciona, se transforma e se torna corpo astral do ser imediatamente superior. Este corpo astral fabrica, por sua vez, os órgãos físicos, e eis de que modo um ser físico de ordem imediatamente superior vem à terra para encarnar, num plano mais elevado da espiral, as formas do antigo ser imediatamente inferior.

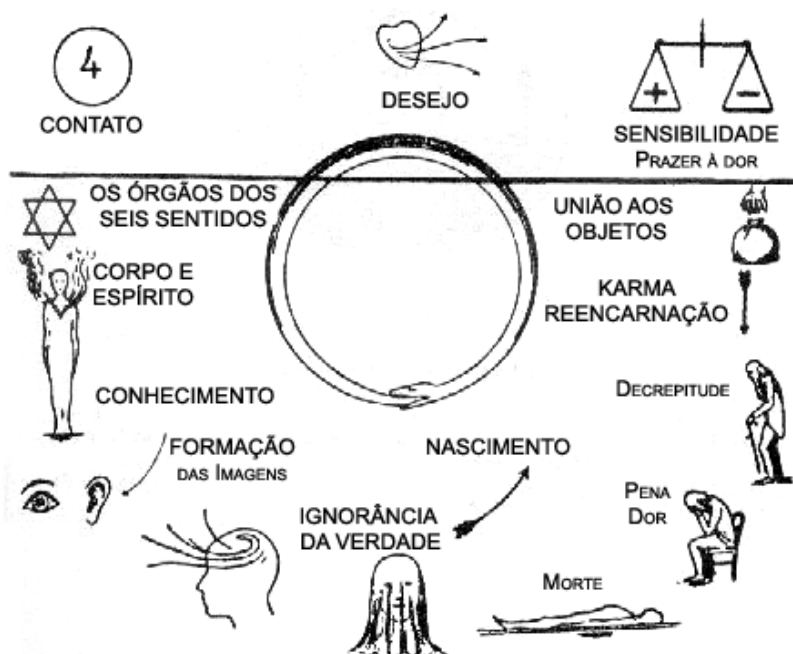
Realmente, todos os corpos físicos da natureza evoluem a fim de constituir o corpo físico do ser humano; mas esta evolução se faz no plano astral.

Portanto, após o descanso astral, mais ou menos prolongado, conforme o ser que deve reencarnar-se, quando o momento desta reencarnação chega, o corpo astral futuro difere do corpo astral precedente, conforme a conduta na vida anterior do espírito encarnado; é esta a origem da beleza ou da fealdade do futuro corpo físico, da força ou da fraqueza dos órgãos futuros, do poder de elevação das forças astrais, do signo do zodíaco pelo qual virão estas forças que rodeiam o espírito, e de todas as leis secretas da reencarnação espiritual das quais vamos falar no capítulo seguinte.

Os contos populares indicaram estas influências astrais sob a forma das boas e das más fadas que vêm ao redor do berço de cada ser humano que desce a terra.

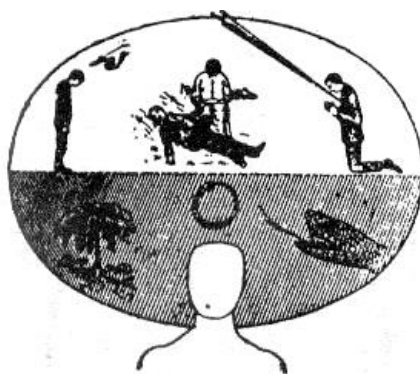
No momento da concepção, a força de atração dos futuros pais será tanto maior quanto as forças astrais de que dispõem pela sua saúde física, moral ou espiritual, forem mais intensas. É assim que pais, protegidos pelo céu, irão unir suas forças às do sol para encarnar espíritos rodeados de corpos astrais muito evoluídos; ao passo que os bêbados, os folgazões, os burgueses sem ideal e sem amor, irão somente pescar na atmosfera invisível inferior da terra espíritos de suicidas ou de antigos amadores de coisas materiais, que terão corpos físicos fracos, disformes, aleijados ou sempre doentes.

A concepção é, pois, um ato extremamente sério do ponto de vista das forças astrais, e não é de estranhar que as leis civis e religiosas tenham-na rodeado de tantas precauções, estabelecendo toda uma série de regulamentos relativos ao casamento e suas consequências sociais.



Os povos que abandonam a luz da religião, sejam quais forem os critérios desta religião, se rodeiam de uma série de forças astrais negativas de que terão de sofrer em todas as formas sociais. Voltaremos sobre este ponto quando falemos da reencarnação dos princípios espirituais.

Não podemos dizer tudo o que haveria a dizer sobre a evolução da forma astral, que devia ser acompanhada de um tratado completo de astrologia mística.



Esquema da Aura Espiritual

As imagens das boas ações se encontram na parte branca;

a representação das más ações, estão na parte escura.

À esquerda da parte branca: a Humanidade, no centro: a Caridade, a direita a Oração.

À direita da parte escura: a Calúnia, ao centro: o Orgulho e a esquerda: a Preguiça

Ocupemo-nos, agora, da reencarnação do princípio espiritual.

III - REENCARNAÇÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL

Antes de nascer, a criança há vivido e a morte não põe fim a nada. A vida é um porvir, Kheprou; seu passo é como o do dia solar que volta a começar.

*(Os Egípcios 3.000 anos antes J.C.)
(Marius Fontanes, Les Egyptes.)*

Vimos até agora a reencarnação do corpo físico, que nos mostra a lei geral aplicar-se a cada um dos princípios do ser humano, a reencarnação do corpo astral com a evolução dos seus elementos determinando a evolução do corpo físico, e vamos tratar do estudo da reencarnação do princípio espiritual.

A reencarnação espiritual foi ensinada como um mistério em todos os templos iniciáticos da Antiguidade. A citação acima é um exemplo disso, e, poderíamos achar, tanto na tradição oriental como na tradição ocidental, milhares de citações análogas à precedente.

Para o iniciado da antiguidade, o homem era principalmente castigado aqui na terra em seus bens materiais e em seus filhos. Cristo proclama que o pecado pode ser punido até a 7.^a geração. Tudo isto nos indica a importância da ideia da reencarnação espiritual para as religiões da antiguidade, a tal ponto que, nas obras que se ocupam deste estudo, a reencarnação dos elementos físicos no plano físico, e a reencarnação com evolução dos elementos astrais no plano astral, quase sempre foram deixadas de lado: só se fala da reencarnação do espírito, que quase se torna incompreensível, ou ao menos muito metafísica, se não se estudar a reencarnação dos princípios precedentes.

Constituição do ser humano segundo os Egípcios

Para procurar fazer compreender bem os detalhes desta reencarnação espiritual, vamos lembrar a ideia que a tradição iniciática dá da constituição do corpo humano e dos princípios que o constituem.

O corpo humano é formado de um envoltório físico material, que todos conhecemos e vemos. Este envoltório material era chamado pelos Egípcios de Khat.

Junto a este envoltório material, há um princípio que recebe a forma do corpo, que é verdadeiramente seu duplo. Este princípio que está ligado ao plano astral, que nele respira secretamente e sofre a influência dos astros, foi chamado por Paracelso de corpo astral, e pelos Egípcios: Kha, palavra que os sábios orientais contemporâneos muito bem traduziram, junto com Maspero, pela palavra o “duplo”.

Da mesma forma que o corpo físico vem do plano físico e volta a ele, este corpo astral vem do plano astral e volta a ele, como vimos no capítulo anterior.

O Kha, ou corpo astral, é o governante do organismo; está fisicamente localizado no nervo “Grande Simpático” e em todas as suas ramificações. Se quisermos fazer uma representação exata do nervo “Grande Simpático”, precisamos desenhar todos os capilares, todas as artérias, todas as veias e todos os órgãos ativados por este nervo. Temos assim um verdadeiro duplo do corpo físico.

O princípio espiritual que utiliza como meio de ação sobre a matéria este duplo astral, era chamado pelos Egípcios de Khou, ou espírito. O ser humano encarnado era, pois composto de um corpo:

Khat, de um duplo astral: Kha, e de um espírito: Khou. Este espírito agia geralmente de longe, por meio de clichês enviados à nuca do seu corpo físico.

Os Egípcios pretendiam que, desde o nascimento, o espírito se refugiava nas regiões astrais, na estrela polar, e daí é que incitava os elementos materiais. Depois da morte o nome dos princípios mudava: a parte física, podemos dizer astrofísica, que envolvia o ser humano privado de corpo material, tomava o nome de Bi. A parte astro-vital deste corpo fluídico tomava o nome de Ba, Alma, animando tanto os animais como todos os seres vivos. E enfim a parte astro-espiritual, que nos hieróglifos está simbolizada por um gavião de cabeça humana, tomava o nome de Bai.

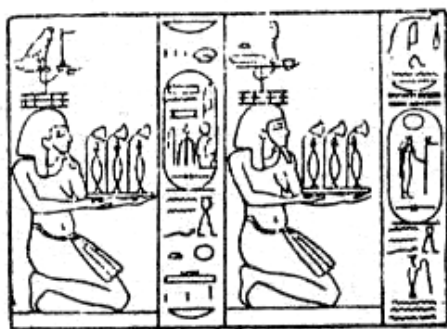
Se entrarmos em todas estas argumentações, é porque a tradição ocidental tem sua origem nos ensinamentos secretos do Egito, e esta tradição Egípcia sempre foi um modelo de clareza, de síntese e de ensino verdadeiramente divino; ao passo que a tradição vinda do Oriente foi deformada, obscurecida, encoberta pela análise, e nunca apresenta a claridade luminosa da tradição do Egito.

Além disso, Moisés era um sacerdote de Osíris; foi iniciado pelos Egípcios; sua iniciação foi completada pela tradição negra de Jethro, mas é no Egito que devemos procurar a origem dos ensinamentos que Moisés nos vai transmitir em seu Sepher. Compreenderão, assim, porque insistimos tanto sobre os ensinamentos do Egito a este respeito.

Vamos então tomar o ser humano no momento de sua morte, e vamos estudar:

1. ° A reencarnação normal, depois de um tempo de evolução astral mais ou menos longo;
2. ° A reencarnação anormal, que quase sempre se dá imediatamente, como consequência de um castigo, quer por causa de um suicídio, quer por causa de uma execrável vida terrestre;
3. ° O que chamaremos a reencarnação forçada, prisão do espírito num astral dinamizado pela magia, e que por sua vez se acha preso num corpo tirado da decomposição pela mumificação.

É este o grande mistério da iniciação egípcia, que ainda não foi — que o saibamos — revelado.



Reencarnação normal

Após a morte, da mesma forma que as células físicas voltam cada qual aos três planos de que saíram, os minerais recebem os ossos e os princípios minerais do corpo humano, os vegetais recebem os músculos, e as células animais voltam aos animais, assim também cada um dos princípios que constituem o ser humano voltam ao seu plano; o corpo físico volta ao plano físico, o corpo astral, ao plano astral, e o espírito ao plano espiritual ou divino.

Estes três elementos ficam, todavia ligados e a morte do corpo físico provoca a dissolução de vários seres minerais, vegetais e animais, que formavam na terra os satélites secretos do corpo físico.

Há igualmente um astral e um divino das evoluções; porém sua análise sairia do nosso assunto.

Seria tão absurdo fixar um termo exato de 1.200 anos como de 10 anos ao tempo que separa uma encarnação de outra volta à terra, como o seria fixar para a vida humana na terra um período igualmente exato. Não se pode dizer que na terra um homem vive 60 a 80 anos, pois que o período que se passa na terra é essencialmente individual: existem aqueles que passam dois dias e outros ficam 102 anos com todo o tempo intermediário.

Da mesma forma, o tempo de estada no que chamaremos os planos invisíveis não pode ser determinado, e é essencialmente individual. O espírito nunca para, sua essência é a atividade, e cada vez que na terra temos aspirações de descanso é que o espírito está obscurecido pelo corpo físico. Basta lembrar com que rapidez as lembranças de toda a existência se apresentam em caso de submersão e de perigo de morte, ou com que rapidez um sonho pode ser determinado por um choque físico durante o sono. Lembraremos a este propósito a história do dormidor que sonhava ter sido preso, julgado, condenado por um crime que lhe imputaram: sofreu os pavores da prisão, foi tirado da sua cela, conduzido a guilhotina e guilhotinado. Acordou espantado tendo recebido no pescoço o sobrecéu do seu leito. Todas estas imagens o espírito tinha evocado entre o momento da queda do sobrecéu e o momento da percepção desta sensação de queda. Todo este tempo não passou de um segundo.

O espírito é de tal modo ativo que existe a este respeito um mistério de que apenas ousamos falar; é que há casos em que o espírito pode animar ao mesmo tempo corpos diferentes em vários planetas. Porém não sairemos do nosso assunto.

O espírito sendo essencialmente ativo continua sua ação após a morte: combina, imagina, trabalha sem cessar, e, inconscientemente, os deuses inferiores que estão presos a ele, fabricam sob sua influência os corpos físicos futuros da sua reencarnação humana e das dos reinos animal, vegetal e mineral que acompanharão esta reencarnação.

O plano astral

Na revista “Iniciação”, já tivemos muitas vezes a ocasião de estudar o plano astral sob alguns dos seus aspectos; agora queremos descrever do melhor modo possível as condições de existência intelectual nesse mundo em que devemos residir após a nossa morte. Deixando de lado os sofrimentos do nascimento neste plano astral que chamamos de Morte em nossa linguagem terrestre, tais como os estudamos em nossa obra sobre o “Estado de Perturbação”, transcreveremos as impressões de um ser humano inteligente e de boa espiritualidade, que acaba passar para esta nova existência em condições desconhecidas para a maior parte dos seres encarnados, e procuraremos conhecer diversos modos da sua atividade, entre outros a evolução de um amor neste novo estado.

Para chegar a este fim, teremos de resolver algumas questões (que por esta vez trataremos muito superficialmente):

1. - Uma ideia geral dos sentidos que pode possuir o ser astral;
2. - Uma ideia geral do meio no qual este ser age;
3. - Um estudo particular do modo da sua atividade psíquica, e, por conseguinte, da sua concepção do amor.

Quando um explorador volta, após uma perigosa viagem, de um lugar até então desconhecido, não faltam bons burgueses, cujo ideal esteve sempre contido entre um cofre e um sobrecéu, para sorrir com ares de céptico do que chamam “as boas farsas do viajante”. Seguidamente acontece o mesmo com os estudos sobre o astral. Os que nunca deixaram o horizonte terrestre têm dificuldade em

imaginar outra coisa senão um céu cinzento que se estende sobre montes de pedra e são levados a considerar as afirmações dos “iluminados”, “daqueles que viram a verdadeira luz”, como meras exagerações de viajantes imaginativos.

Que importa! Considerai tudo isso como uma simples lenda, se assim o desejares. Meu dever é evocar ideias, e vou me esforçar para cumprir do melhor modo possível o meu dever: Ouvi agora as primeiras revelações do “Ser Astral”.

Constituição do Ser Astral

“Desde há quanto tempo eu estava morto? Ignoro-o. A noção do tempo tinha neste ponto mudado de aspecto desde a minha transformação, que me foi impossível conceber uma duração conforme minhas ideias anteriores. Tinha vagamente lembrança de uma espécie de letargia semiconsciente que durou até o momento presente. Lembrava-me também do trabalho que tive para me habituar progressivamente a ver, ouvir, pensar e principalmente, coisa estranha, ver pensar sem nenhum dos órgãos materiais cujo emprego me era familiar na terra. E compreendi por que sabedoria providencial estes órgãos de matéria grosseira tinham desaparecido, pois não poderiam nem conter, nem suportar a luz intensa que se escapava de todo o meu ser; meu corpo, com efeito, era inteiramente luminoso; mas tinha conservado quase completamente a forma do meu envoltório terrestre. Uma luz difusa, porém ainda muito fraca de intensidade, se escapava do meu corpo; pois apenas nascia para meu novo estado e meus meios de ação estavam singularmente transformados.

“A vontade, que felizmente tinha desenvolvido do melhor modo possível na terra, era o verdadeiro motor do meu novo organismo e o desejo constituía o princípio de todas as ações. Com efeito, a locomoção era instantânea, e bastava ter o desejo de ir a um lugar deste mundo novo e fazer um leve esforço de vontade para estar instantaneamente no lugar desejado. Esta ausência de transição entre o ponto de partida e o ponto de chegada é uma das sensações mais difíceis de conceber para um homem terrestre.

“Em sonho, quando estava encarnado, muitas vezes aconteceu-me voar em paisagens da Terra e esta sensação de embalamiento no ar só pode dar uma ideia grosseira da felicidade experimentada nestas mudanças instantâneas. Da mesma forma o sentido do tato estava totalmente abolido em meu novo estado; bastava pôr atenção numa árvore para apanhar seus menores detalhes. Se ousasse empregar uma imagem grosseira diria que tateava com a minha vista. A luz e o ar eram os únicos alimentos de que teriam necessidade nossos organismos neste mundo singular; porque, se disse que nada tínhamos de material aqui, exagerei ligeiramente. Devia ter dito que a matéria era a tal ponto evoluída que dificilmente se teria reconhecido no envoltório luminoso que nos constituía o barro escuro utilizado para semelhante emprego na terra. Assim o sentido do tato, e seu anexo, o sentido do gosto, tinham desaparecido ao mesmo tempo em que a forma do nosso novo corpo sofrera uma leve transformação pelo afinamento do ventre que, sendo inútil, se atrofiou completamente. Entre os sentidos receptivos, a vista e o ouvido tinham tomado uma singular agudeza, da mesma forma que o olfato, último vestígio de nossa forma terrestre.

“Mas novos sentidos tinham nascido. A vista, transformando-se, tinha permitido o nascimento da faculdade de ver a intimidade das coisas penetrando na luz própria delas; mas o que me encantava e me atemorizava ao mesmo tempo era a faculdade, tão nova para mim, de ouvir pensar quando os outros queriam principalmente os entes astrais mais velhos que eu neste mundo. A intuição tão obscura na terra tinha adquirido tal amplidão que os sentimentos chegavam quase sempre a substituir as sensações em nossa vida corrente.

Isto é o relativo aos órgãos da sensibilidade.

“Se procurar agora descrever meus órgãos de ação terei de fazer grandes esforços para ser compreendido por aqueles que ainda estão encarnados.

“Na terra podia agir sobre o exterior de quatro modos: pelo andar (pernas), pelo gesto (braços), pela palavra (laringe), e pelo olhar (olho). Da mesma forma que o tato desapareceu, o andar não existe mais e o gesto se transformou singularmente.

“Quando quero agir sobre um ponto sem me transportar a ele, basta-me estender os braços para um objeto, e imediatamente um traço de luz colorida sai de minha mão e vai misturar-se com a luz do objeto. Falarei adiante desta luz, característica das coisas. Aqui o olhar é motor e tudo é posto em movimento pelo olhar. Este movimento é mantido, se for necessário, pela luz pessoal do operador. Mas a mais bela das minhas novas faculdades, uma faculdade quase divina, é o poder de transformar uma ideia em um ser real pela palavra. Muitas vezes tinha lido na terra esta frase: O verbo é criador; mas só aqui é que pude compreender todo o seu valor. Se uma ideia que acabo de conceber me parece bela, basta-me evocá-la à vida por minhas palavras e logo a ideia, tirando um pouco de minha luz, toma corpo e me aparece. Isto causa uma pequena fadiga; porém como comparar este trabalho agradável ao esforço terrível que é preciso na terra para forçar a matéria a tomar as formas de uma ideia, mesmo tão vulgar como a de uma mesa? É somente aqui que pude admirar em seu justo valor os inauditos esforços dos artistas da terra que vêm entre nós procurar suas ideias, da maneira que logo direi. Porém o que indica que em toda a parte a sombria fatalidade exerce seu império é que estas formas viventes, criadas aqui por cada um de nós, são efêmeras e após cada uma das agradáveis letargias, que são para nós o que o sono é para vós, nada mais subsiste das criações da véspera. Estamos condenados, ao menos aqui, ao que me parece, ao eterno trabalho de Penélope. Todavia a nossa parte de alegria é demasiado grande para deter-me em maldizer estes benefícios. Pois, podemos alcançar tal perfeição das nossas criações ideais, pelo emprego da oração, que nem mesmo posso procurar dar-vos uma ideia aproximativa disso.

“Isto é, em poucas palavras, o resumo de minha constituição física; agora falaremos um pouco do meio que me rodeia”.

A “paisagem astral”

“Na terra tudo é obscuro num fundo vagamente luminoso, e só podemos perceber a cor e a formas dos corpos quando a luz terrestre os ilumina. Aqui tudo é luminoso sob um fundo azul-escuro, e cada objeto como cada ser possui sua luz própria. Por isso, quase me é impossível dar-vos uma ideia de uma paisagem astral. Perdoai-me, pois, desde já, minhas inevitáveis lacunas.

“Neste momento avisto aos meus pés as pequenas luzes fracas e de cores vivas que são nossos restos minerais, nossas pedras. Entre elas sobem, compridas e numerosas, as hastes iluminadas de mil plantas, cujas flores se distinguem por cores tão múltiplas quão brilhantes. De tempos em tempos, o brilho rápido de um inseto que passa, perturba a harmonia dos tons tão diversos e, todavia tão agradáveis. Quanto mais um ser é elevado na hierarquia natural, mais a luz que irradia é intensa, por isso a passagem de um ser humano ilumina sempre a natureza que atravessa, tão depressa como o raio, a menos que sua vontade o leve a diminuir seu passo. Porque, se falei desta faculdade que possuímos de nos achar sem transição no lugar desejado, é preciso que saibais que podemos à nossa vontade diminuir o passo; porém então nós nos deslocamos voando, só pelo impulso da nossa vontade. Voltemos, porém ao prado que vos descrevia. Este prado é limitado por uma vasta floresta cujas grandes luzes vegetais se estendem até mui longe diante de mim. Acima da minha cabeça, o sombrio Oceano etéreo rola suas ondas fluídicas, pois nosso mundo é em toda parte rodeado por este Oceano cujas correntes, todavia mais leves que o ar terrestre, são assaz formidáveis para arrastar em seus rodamosinhos os seres cuja “astralidade” não está ainda completamente definida. É ele que nos separa do mundo

terrestre, e é entre ele e a terra que começa a região da luz elementar, a que vedes e na qual se banham os seres mais inferiores do nosso mundo, as larvas múltiplas e poliformes, encarregadas de dissolver todos os traços de matéria terrestre, cujo menor resto tornaria impossível a existência aqui. São estas correntes terríveis que se opõem de um modo tão grande aos esforços que podemos fazer para nos comunicar com algumas dentre as almas ainda encarnadas na terra. É em consequência de um desejo de intensidade pouco comum e porque no mesmo instante fui chamado por tua prece, que pude, ó meu caro filho, penetrar até teu entendimento, porém a corrente astral se torna muito violenta e sou obrigado a desaparecer. Ora. Espera e voltarei”.

Mais de um ano depois tivemos a grande alegria de continuar os caros estudos interrompidos e eis os resultados das nossas novas investigações.

O amor astral

“Filho do sonho, encontro-te enfim e me apresso em descrever-te do melhor modo possível as minhas novas impressões. Que transformação se operou em meu ser! Quando outrora tive a felicidade de comunicar com uma alma encarnada, foi-me preciso perder antes no turbilhão astral as parcelas de matéria que inevitavelmente se tinham unido a mim. Aquilo me produziu um sofrimento que passei com coragem, como passarei aquele necessário a esta minha nova conversa; porque o sacrifício é a lei divina em todos os mundos e o amor me ensinou a procurar o sacrifício.

“Amei, e a alma gêmea que se sacrificou por mim permitiu-me compreender novos e grandes mistérios que me esforçarei em revelar. Minha evolução era lenta e minha luz era sempre pouco intensa até que vi aparecer diante de mim um ser cuja claridade irradiante e pura me encheu de temor e admiração. Um sentimento desconhecido desperta então em mim e projeto para este ser um raio cheio de ardentes desejos; porém meus esforços são vãos, e uma vontade muito doce, porém mais forte que a minha, se opõe à minha ação. Depois, subitamente a visão maravilhosa desaparece e ouço: “Faz-te merecedor do amor da alma gêmea”.

“O amor, ideia nova para mim neste mundo, poderia porventura merecê-lo? E na impossibilidade de ver de novo o ser estranho cuja doce vontade paralisava todos os meus esforços, evoco à luz a imagem do meu desejo e da minha dor. Então, diante de mim se aglutina uma porção de minha luz, e esta luz toma forma, e vejo nascer uma criação maravilhosa que contemplo com admiração:

“Ó minha ideia, ó filha minha, que poder é o meu que me permite criar-te tão bela! Porém o fatal Destino virá cortar o fio dos teus dias esta mesma noite e talvez jamais o amor virá me permitir conceber-te outra vez com tão radioso brilho, ó minha ideia, ó filha do mais belo dos meus sonhos. Vai-te para junto d’ELA, procura sua luz e leva-lhe todos os meus sofrimentos e todas as minhas esperanças”.

“Minha ideia viva desaparece imediatamente, e penso naquela que deve, se eu for digno, revelar-me os mistérios do amor divinizado. Uma harmonia dulcíssima chega a mim; eis SUA luz (d’ELA) envolvendo com seu fogo brilhante minha criatura que se avança para mim. Depois SUA voz: “Que minha luz se fusione na tua para imortalizar tua bela ideia, ó meu amor, ó pobre ser abandonado”. Ela aparece e a natureza se ilumina com os brilhos de nossa alegria!

“Então soube que o amor de uma mulher torna imortais as ideias vivas criadas por nossos desejos e nossas vontades.

“E quando, num raio de fé, uma alma da terra, artista, sábio ou poeta imanta com seus desejos nosso mundo, quando passando através dos turbilhões do Oceano astral, seu apelo e sua prece

sobem até nós, é uma ideia viva, filha do nosso amor que vai iluminar o gênio do homem terrestre e se tornará o IDEAL que deve realizar na Terra inimiga e páfida.

“Tal é o grande mistério do nascimento do nosso gênio mediante nosso amor. Revela, filho de nosso sonho, minhas palavras aos teus irmãos; ora, trabalha, espera e logo voltarei, porque agora vou purificar-me pelo sofrimento. Adeus”.

Tais são as palavras do Ser astral. História ou lenda, realidade ou sonho, dedico-as aos artistas e aos que sabem.

Em suma, os que chamamos “mortos” estão intimamente ligados à vida, e sua ação se manifesta de um modo contínuo. Eis porque os Chineses enfeitam um antepassado quando um encarnado faz uma grande obra social, e eis porque, na China, a vida dos mortos está intimamente ligada, nos atos de cada dia, de um lado à vida dos vivos e do outro à terra natal. O que podemos dizer, parafraseando o belo pensamento de Swedenborg, é que: “O céu está onde o homem pôs seu coração”, indicando que a origem da felicidade no plano divino é sempre sentimental, conforme a expressão terrestre. Tudo o que foi adquirido durante uma existência fica adquirido, e a natureza é muito avarenta de suas evoluções para fazer perder a uma inteligência o resultado dos trabalhos que esta inteligência realizou na terra ou das provas que sofreu.

Voltaremos a tratar mais tarde da necessidade das provas terrestres; fiquemos, neste momento, no estado do espírito que, envolto por seu carro luminoso, toma posse do mundo que deixou.

Há vários casos, digam o que disserem, em que seres mortos voltaram à terra após ter passado o que chama-se no Egito as “portas da morte”, em egípcio: Ro, que era também o nome das favas com manchas pretas. Daí o horror dos Egípcios e dos Pitagóricos a estas favas que eram o símbolo das portas da morte e dos mistérios de Prosérpina.

O iniciado se desdobrava e ia conscientemente atravessar estas portas da morte. Voltava e estava tão certo da existência além do túmulo como estava certo da existência da lua. Ê por isso que tomava o título de “escriva das duas vidas”, de “duas vezes nascido” (Dwidja, em sânscrito) ou batizado.

*
* *

Damos abaixo a narração das impressões de uma ressuscitada, feita por uma materialista contemporânea célebre: Louise Michel.

A aproximação da morte

Ê provável que, à parte certos pontos gerais, à aproximação da morte, cada qual tenha consciência em relação consigo mesmo.

Eis os meus com as circunstâncias em que aconteceram.

Empreendi em Fevereiro de 1904 uma longa viagem de conferências com o colega Girault; tinha escolhido para título *Tomada de Posse*, e Girault: *Para a Cidade Melhor*; as duas conferências se completavam mutuamente. Podíamos fazê-las cem vezes sem que fossem da mesma maneira, pois que a tomada de posse da terra pela humanidade começa no meio das ruínas do velho mundo através das quais cresce o novo germinal. Ê nesses escombros que os povos procuram orientar-se para uma existência melhor, mais consciente e mais elevada.

A viagem devia compreender 30 cidades da França, Córsega e Algéria.

As primeiras conferências aconteceram em Calais, Roubaix, Tourcoing e Liancourt, pois eu vinha da Inglaterra.

Uma tormenta de neve nos surpreendeu em Liancourt, e comecei a lutar contra uma gripe, ora vencida, ora mais forte.

Em Troyes, onde passava alguns dias, o médico e os amigos opondo-se à que fosse fazer a conferência de Chaumont, eu não quis, resistindo, fazer que se ocupassem de mim, mas sentia que minha vontade seria menos poderosa; a vontade se dobra como o aço de uma espada: parecia-me que indo a Chaumont ficaria curada; foi em Chaumont que fiz meus estudos e Chaumont e Paris eram as únicas cidades que tinha visto antes da minha viagem a Caledônia.

Quando fui à conferência de Toulon, julguei que esta vez tinha vencido o mal e era desta convicção que falava no fim do meu discurso. Mas, uma vez no hotel Términus, onde devia ter um ou dois dias de descanso, era eu que estava vencida; a gripe tinha-se mudado em congestão pulmonar.

Desci rapidamente a tal estado que pensava nesta expressão que representa o aniquilamento de todas as forças do corpo: o trapo humano; parecia-me efetivamente que meu corpo arrastava-se como um farrapo; o pensamento, tendo-se exteriorizado, olhava-o como a qualquer outra coisa.

À aproximação da morte tudo se toma sensação; primeiramente, nas condições comparáveis à da agulha de uma bússola procurando o Norte durante os ciclones, os sentidos podem ser empregados uns pelos outros: depois parece ser um só deles que reúne a todos.

Parecia-me ler através dos meus dedos cartas que minha amiga Charlotte tinha em suas mãos.

Na agonia existe mais confusão do que dor; parece que nos deixamos levar pelos elementos experimentando duas sensações diferentes: uma, deixar-se levar pela corrente da água, a outra que dissemina no espaço o ser cujas moléculas se desagregam, como um aroma se espalha no ar ou uma matéria corante se propaga em um líquido. Estas sensações não são sem prazer: parece quem poderiam durar por muito tempo.

O pensamento se materializa em símbolos, em quadros, e sob esta forma é mais intenso e mais elevado.

As lembranças se compõem das impressões recebidas anteriormente, que se renovam de forma mais fortes. É assim que recebia sensações da mesma ordem que as que tinha presente com mais força, pela própria situação.

Na Caledônia, durante um ciclone, o céu, a terra, o oceano na total escuridão na qual rugiam os elementos desencadeados, ao passo que torrentes de água vertiam nas ondas que subiam precipitadas, procurando escalar as praias com suas garras brancas de espuma; segurava-me nos rochedos para resistir aos urros dos abismos que me atraíam para o fundo; pensando que em tempos remotos tínhamos vivido nos elementos, tinha esta mesma impressão deslizando no infinito com a certeza que a morte é uma volta aos elementos.

Lembrava-me de uma impressão do infinito, porém de outra ordem; um dos nossos amigos, o Sr. Huot, tocava em seu violino um trecho composto por um niilista que morreu desconhecido; sentia a sensação de outrora, ainda a de um abismo, em cujas estreitas e úmidas paredes teria, na escuridão, batido com os braços; aí, ainda eram os elementos que se ouviam como durante os ciclones, porém que cantavam.

Quando se torna difícil falar, a voz não é mais que um sopro, que apenas pode evocar uma vibração na garganta onde a sede desapareceu, quando os membros estão pesados como o mármore, uma grande paz se produz; as coisas parecem naturais; tudo se olha do alto do pensamento; o corpo está estendido ante ele, e não nos perguntamos se vamos a viver ou morrer; tão somente observamos, isso é tudo. Olha-se isto e aquilo, parece como se o mundo tornou-se menor, muito menor para que a raça humana não seja mais do que só povo.

Olha-se de perto e longe aos mortos e aos vivos e como ao redor de uma pedra jogada na água estão ao redor de círculos concêntricos, estas ondas, sem dúvida, de eletricidade, vão-se embora longe, muito longe.

O tempo pesa como um rochedo, o passado parece existir ainda, o futuro é já, a personalidade desapareceu e olha-se sempre: nós mesmos nos sentimos olhados.

Diante dos olhos uma nebulosa estendeu-se semelhante aos grandes nevoeiros; no quarto só distinguia ainda as pessoas pela forma, a estatura, como se elas fossem grandes sombras chinesas.

Ao longe, o pensamento sempre se materializa por imagens. A guerra aparece como uma imensa mancha de sangue com mortos, moribundos, cavalos sem cavaleiros e com as crinas ao vento; mais longe, o grande desastre chegando ao cúmulo: as mães, as criancinhas, os velhos abandonados; incêndios iluminando ruínas; a fome, a peste, como outrora, e, todavia a humanidade chegada à primeira juventude da raça, o velho covil é pouco a pouco penetrado pela luz, a ciência, a verdade, como as cavernas cheias de feras foram, depois da descoberta do fogo, invadidas pelas famílias humanas, com a tocha à mão.

Como voltei daí, não o sei; é uma dor real e cruel quando as moléculas dispersadas ou próximas a sê-lo se unem e sobem à corrente da vida, e a voz extinta passa de novo através dos lábios já imóveis.

Será porventura a corrente simpática, que de toda parte se dirigia para mim, que veio ajudar os cuidados de Charlotte e do sábio doutor Bertholet? Principalmente uma coisa chamou minha atenção: é que devo me esforçar em merecer esta simpatia muito grande para um só ser, ao passo que tantos outros caem esquecidos por todos.

Em meu estudo sobre mim mesma, enganei-me na avaliação do tempo. Apesar das peripécias da doença, pareceu-me mais curto.

Quando comecei a achar-me melhor, avaliei em oito dias a agonia que durara quase quatro semanas; pensei então nestes contos em que o sono que durou cem ou mais anos parece ser de algumas horas.

E, durante este tempo, no Oriente a questão se desembaraçou a golpes de machado; o arroz da Manchúria germinaria no sangue para lucro dos fazendeiros Russos e dos Japoneses, para a maior glória do czar, se os estudantes e os mujiques deixassem passar a hora dos 89 ou dos 93 do Norte.

A fraternidade entre os povos se cimenta com o sangue derramado, que nenhum assalto dos déspotas ou dos seus inconscientes rebanhos poderá mais desagregar dela uma só partícula.

A respeito da guerra e dos desastres, se as lições dadas à raça humana por todos os grandes carneiros de homens não fossem enfim compreendidas, seria para se considerar os homens mais estúpidos que os animais.

LOUISE MICHEL

Seja o que for, podemos resumir, conforme as experiências iniciáticas e conforme as narrações dos que voltaram, o estado do ser humano imediatamente após a morte.

Com exceção da morte por suicídio, a sensação da morte não é dolorosa nos casos em que se segue a evolução normal. Esta sensação é análoga à que se sente num barco que desliza sobre a água; daí a barca de Isis, a barca de Caronte, e todas as ideias mitológicas que traduzem para o povo na Antiguidade as sensações do plano astral. Para os contemporâneos, a sensação é análoga a de uma viagem de trem, sem sacudidas. O ser não crê que sofreu o que chamamos de morte; parece-lhe estar dormindo e sonhando. Ao mesmo tempo, como a morte é um verdadeiro nascimento para os planos que aqui chamamos invisíveis, o ser encontra ao redor de si todos os seus parentes, todos os que julgava ter perdido e que celebram sua chegada com grandes mostras de entusiasmo, enquanto os pobres abandonados da terra se lamentam e creem numa separação definitiva.

Durante três dias, diz a tradição iniciática, o espírito, acompanhado por seu guia, pode visitar todos os pontos da terra que ele deseje. Pode aparecer, quer em sonho, quer diretamente (fantasmas como são chamados pelos vivos) aos entes queridos que deixou na terra; pode até - e isto muitas vezes acontece - seguir seu enterro no estado astral; depois chega o sono.

É preciso que os novos órgãos astrais se habituem ao plano nos quais doravante vão evoluir e, como a natureza não dá saltos, esta nova adaptação se faz lentamente, conforme a evolução anterior do espírito.

Para os iniciados, para aqueles que já se encontram no plano astral, esta evolução é suprimida e a passagem das portas zodiacais se faz com toda facilidade. Para os não-iniciados e os profanos, os que não passaram por este plano (que é indicado no grau Rosa-Cruz da Maçonaria pelo esqueleto colocado na entrada e na saída da câmara vermelha), para todos eles a evolução é mais lenta e pode o despertar não se produza até que não tenha transcorrido um período que, em tempo terrestre, oscile entre um mês a um ano. Aqui, mais uma vez tudo é individual. Os Hindus estudaram perfeitamente estas diferenças de tempo, e nos mostram que um ano do plano divino é equivalente a 365 anos do plano terrestre.

Por isso, os Espíritos têm muita dificuldade, quando são invocados em sessões espíritas ou de outra índole, em fixar o tempo terrestre cuja noção já perderam.

É claro que não podemos entrar em detalhes a respeito da ocupação do espírito no plano divino porque também este é um caso de evolução individual: uns participarão da marcha dos seres astrais, - era este o ideal dos Egípcios: participar da vida de Râ; - outros, mais modestamente, participarão da evolução de um mineral e outros das criações das invenções terrestres ou marcianas. Precisaríamos de muitos volumes para estudar detalhadamente estes temas em todos seus detalhes, cuja existência apenas podemos aqui esboçar.

Uma vez realizado o despertar, o espírito utiliza seus órgãos astrais, primeiramente para ajudar a evolução geral, depois para constituir seus futuros “aposentos” terrestres ... Dizemos “terrestres”, porque falamos desde a terra; porém a reencarnação pode fazer-se em qualquer outro planeta de qualquer sistema, supondo que o sistema astronômico ensinado pelos sábios contemporâneos seja exato, o que só saberemos depois da morte.

O que vai interessar-nos na evolução normal do espírito, não é tanto o que fará no outro plano (o que seria objeto de investigações especiais), como o que se vai passar no momento em que está para voltar a encarnar-se. Esta obra tem por título: “A Reencarnação” e só eventualmente é que podemos falar do que não é a própria reencarnação.

Vamos, pois estudar agora os fenômenos que precedem o que chamaremos os horrores da agonia do reencarnado, o grande sacrifício pelo qual vai abandonar conscientemente as regiões espirituais para vir participar das provas e sofrimentos da vida terrestre.

Trataremos depois o caso das reencarnações anormais.

Medida do tempo entre os hindus

UNIDADES	VALORES INDIANOS	VALORES EUROPEUS E ANOS TERRESTRES
1 Nimesha	16/3 Trutis	8/45 de segundo
1 Kastha	18 Nimeshas 8 Vipalas	3 segundos 1/5
1 Kala	37 Kabitas 4 Palas	1 minuto 3/5
1 Makurta	30 Kalas 2 Gharis	48 minutos
1 Dia e uma noite (terrestres)	Makurtas 60 Gharis	24 horas
1 Dia e uma noite dos Pitris	30 Dias e noites terrestres	Um mês terrestre
1 Dia e uma noite dos Devas	12 Meses terrestres	Um ano (365 dias)
1 Ano dos Devas	365 Dias e noites dos Devas	365 anos
1 Kali Yug	1200 Anos dos Devas	438.000 anos
1 Dvapars Yug	2400 Anos dos Devas	876.000 anos
1 Treta Yug	3600 Anos dos Devas	1.314.000 anos
1 Satia Yuga	4800 Anos dos Devas	1.752.000 anos
1 Chatin Yuga (4 Yugas)	12000 Anos dos Devas	4.380.000 anos
1 Yugas dos Devas	12000 Chatu Yugas	53.560.000.000 anos
1 Dia e uma noite de Brahma	2000 Yugas dos Devas	105.120.000.000.000 anos
1 Ano de Brahma	365 Dias e noites de Bhahma	38.465.800.000.000.000 anos
1 Manvantura	71 Yugas dos Devas	3.731.760.000.000 anos
1 Chatur Kuga de Brahma	12000 Anos de Brahma	463.625.600.000.000.000.000 anos
1 Dia e uma noite de Parabrahm	20 Yugas de Brahma	92.725.120.000.000.000.000.000 anos

IV - O RETORNO À MATÉRIA

O grande sacrifício

Da mesma forma que o homem, na terra, muda de plano quando os tempos passam, assim também no plano espiritual, o espírito adquire consciência de que as provas devem ser prosseguidas para sua evolução pessoal e a evolução de todos os outros espíritos, de que somente é um elemento. É então

que lhe é exigido o grande sacrifício.

Está totalmente consciente de todas as suas encarnações anteriores, sabe o que ganhou ou o que perdeu nas suas últimas existências e sabe igualmente quais são as adversidades que deverá vencer ao longo da existência que vai começar.

Há uma verdadeira agonia com todos os seus horrores, há uma luta terrível entre o espírito e seus sofrimentos futuros, análoga à agonia terrestre e à luta da matéria que não quer deixar o espírito que encarna.

Diante das provas entrevistas: um casamento infeliz, a morte dos filhos, a separação dos seres queridos, a ruína terrestre, a prisão, a desonra, o desterro, talvez compensadas apenas por algumas insignificantes alegrias, o espírito se enche de angústia, sua luz se obscurece e ele exclama, as palavras que ecoou através de todas as esferas visíveis e invisíveis: “*Eli, eli, lamma sabactani*”, meu pai! Meu pai! Por que me abandonaste?

É então que intervêm os espíritos de proteção; todas as luzes dos avós, todos os raios divinos do enviado celeste se concentram na luz obscurecida de angústia da vítima da fatal evolução, e os cânticos celestes a rodeiam e a reconfortam. Num momento de entusiasmo sublime, passando em revista todo o ciclo dos seres de todos os planos que com ele vão evoluir, o espírito exclama: “Meu pai, estou pronto, permiti-me somente na terra ser um soldado de nosso Senhor, não me abandoneis e que a vossa presença me salve neste inferno terrestre onde vou me consumir”. Depois os fluidos do rio do esquecimento, rio astral e não físico, rodeiam o espírito que vai descer.

Esta perda de memória é indispensável para evitar o suicídio na terra. Há às vezes no plano divino sinais de tal beleza que os pobres seres terrestres apenas podem conceber. Assim, quando chegou o momento da descida do Salvador, os espíritos divinos, que vinham realizar a missão sagrada, se agruparam ao redor do enviado do Pai, e, diante da grandeza de sua missão, diante do terror das provas a atravessar, os louvores se misturaram aos gemidos. Um espírito mais ardente que os outros, exclamou: “Ó Mestre! ninguém pode amar-te mais que eu, ninguém tem mais certeza de ser-te sempre fiel”. Ó palavras imprudentes! O destino quer um traidor, o destino quer um ingrato para que os clichês rituais se realizem, e aquele que presume ter muita força será Judas, aquele que se crê incapaz de abandonar será S. Pedro e ouvirá os três cantos do galo.

Porém estendamos um véu como o faz a Natureza, deixemos os fluidos de sombra se condensarem ao redor da luz espiritual, deixemos os espíritos se encaixarem nas esferas astrais que vão conduzi-los, às portas do Zodíaco e daí à terra, e lembremo-nos do que diz Virgílio em sua Eneida, Livro VI:

Então Enéas avista, num canto do vale, um bosque isolado; as águas do Lethes banhavam este lugar tranquilo. Nas margens do rio volteava uma multidão de sombras de todas as nações do universo: assim, durante os belos dias do estio, as abelhas se espalham nos prados, descansam em diversas flores e voam ao redor dos lírios; todo o campo ressoa do zumbido do enxame. Enéas, surpreendido, pergunta a seu pai qual é este rio, e por que todas estas sombras parecem tão apressadas na margem.

Estas almas, respondeu Anquises, devem animar novos corpos; é por isso que veem em multidão às margens deste rio, cujas águas, que a largos goles bebem, lhes fazem perder a lembrança do passado. Desde há muito tempo, meu filho, desejo fazer-vos conhecer aquelas almas que devem formar vossa gloriosa posteridade: este conhecimento aumentará a alegria que deveis ter de vossa feliz chegada à Itália.

Ó meu pai, interrompeu Enéas, é possível que estas almas voltem a terra para animar uma segunda vez corpos mortais? Será possível que desejem com tanto ardor ver de novo a luz e que tenham tanto gosto para esta infeliz vida?

As fases da alma descendo a terra foram admiravelmente descritas por Saint-Yves d'Alveydre, e não podemos fazer melhor do que repetir sua admirável evocação de um dos maiores fatos espirituais (Saint-Yves, *Descida da alma*).

Os mistérios do nascimento

Existe alguma coisa tão grave como a Morte: é o Nascimento.

A Vida é o sorriso da Natureza; o Nascimento é o beijo que ela dá à alma humana.

A mulher, por sua parte, leva em si mesma a presença real da Natureza. Ionah, a virtude plástica da natureza, habita felizmente nela.

Ruah, o espírito, o amor desce do céu para descansar e alegrar-se em seu coração; o grande segredo da criação lhe sorri numa criança, quando uma alma descida nela a contempla com seus olhos.

Imortal após a morte, a alma também o é antes do seu nascimento.

Pela Mulher, no estado social os antepassados se incorporam nas gerações.

Evocado à vida social de conformidade com os mistérios do Espírito Santo e os do Pai, ou de um modo profano, o antepassado imortal, que vai tomar-se a criança sujeita à morte física, vem, em seu tempo marcado, onde deve vir.

Durante esta evocação, que começa por uma vertigem de imortalidade, conforme seu grau na hierarquia psicúrgica, a alma deixa uma das suas moradas cosmogônicas, e retorna.

Invisível, porém sensível aos corações apaixonados, ela visita a mulher que deve visitar, e durante nove revoluções lunares, prende seus eflúvios siderais, pelo sangue e pela alma da mãe, ao corpo terrestre, cuja primeira aspiração vai absorvê-la.

Este nome de alma (âme), em francês, é magnificamente conforme ao Verbo celeste. Tem a mesma raiz que “amour” (amor).

Que é a alma?

Abri, com as chaves necessárias, o texto em hebraico do Sepher Bereschit, do livro dos princípios cosmogônicos, e, se Deus o quiser, a Ciência divina dos santuários egípcios vos responderá por Moisés, e vos dirá o que é Aisha, faculdade volitiva de Aish.

Um antepassado venerável levantou o primeiro véu do sentido oculto; porém mais que ele, não quer levantar o segundo, senão ao falar, no segundo capítulo, dos Mistérios dos Sexos e do nome de Jeová.

Eis tudo o que posso dizer neste momento.

A alma é o Princípio imortal da Existência, a causa irradiante através do corpo visível e do corpo invisível.

A teurgia a encontra; a psicurgia, que é a ciência da arte de amar e de querer, a prova

experimentalmente.

Em fisiologia, a alma é a força que anima e move, atrai e repele, escolhe ou elimina. O Nascimento é, pois grave; o amor e os sexos são coisas religiosas, e tanto na Natureza como em Deus, nada é banal.

O Nascimento é a corporização das almas.

Vos existíeis antes do vosso nascimento e sobrevivereis à vossa morte. É por isso que, em nome de Moisés, em nome de Jesus, e de Maomé levantai-vos! E ouvi!

Saber é lembrar-se: lembremos juntos, vós Almas imortais, que, na espécie terrestre, suspirais pelo reino celeste do homem e quereis o divino da vida. Os Mistérios do Espírito Santo são a ciência total, a arte absoluta, o amor perfeito da vida.

Eles se revelam na aurora do dia, nos olhos dos noivos e dos esposos, no sorriso e nas lágrimas da maternidade.

Inclinai-vos sobre este berço, oriente da Vida social, túmulo cosmogônico da alma. Nesta criança palpita um Mistério do Espírito Santo e da esposa do pai.

Esta criança é um antepassado, uma alma celeste numa efígie terrestre, uma imortalidade que vem mortificar-se, purificar-se na dor, aperfeiçoar-se na prova, prosseguir, no lugar e do modo necessário, quer a expiação, quer a elaboração, quer a missão, a criação, desde há séculos começadas e recomeçadas.

A desigualdade das condições não é, pois, para o sábio, senão o que devia ser num estado social perfeito: a escada de equidade que gradua os estados psicúrgicos, as necessidades indispensáveis às almas para desenvolver sua boa vontade numa esfera social correspondente à do seu céu.

É por isso que a Iniciação graduada dos sexos e das ordens é desejada pela Providência, a fim de que o homem cesse de maldizer o destino que, geralmente, é a lei que sua vontade suscitou.

Porém, sei muito bem que só a ciência não pode iluminar vossas almas, e vou pedir à arte um segredo psicúrgico, graças ao qual, aos poucos, os poetas da Promessa poderão atraí-las e arrastá-las no movimento da luz do Espírito Santo.

Assim, esta alma nasce em um mundo de efígies e de provas, e grita. Seu elemento era o fluido celeste, a luz interior do universo, o éter espiritual, o centro é o lugar da substância cosmogônica.

Ei-la no exterior, na intempérie e às escuras.

Ela não percebe seu corpo celeste, pois este se eclipsa.

Já não tem nem sua ciência, nem a consciência, nem sua vida real. Sua inteligência se obscurece, sua clarividência direta desaparece, seu entendimento já não razoa, sua sensibilidade psicúrgica se vê atormentada por toda parte.

Entre ela e o Universo se interpõe um obstáculo terrível, algo obscuro e limitante, curvo, obtuso, azedo e quente, um estranho composto que ruge e formiga, um véu sábio e artisticamente tecido, dobrado sobre si mesmo e sobre ela, cujas contexturas animadas, imagens do Universo, em comunhão precisa com Ele, figura das faculdades da Alma, em conjunção substancial e específica com ela, se enlaçam e a enlaçam nas malhas tortuosas dos órgãos e das vísceras: é o corpo.

Se o corpo grita é porque a Alma sofre.

Ela quer fugir; porém cai sob uma irradiação que lhe lembra a Luz viva, Ionah, a substância celeste; é um beijo materno.

Às vezes, parece que ela morreu. Lembra-se como num sonho da imensidade desta Luz secreta na qual se banhava nua nos turbilhões resplandecentes, os cumes, os vales etéreos de um astro amado, sem atmosfera elementar, sem atração física, mundo das essências, dos aromas e dos perfumes da Vida, donde ouvia subir e descer as Harmonias e as Melodias interiores dos Tempos e dos Espaços, dos Seres e das Coisas, onde se lançava, palpitante, à voz íntima dos bem-amados, para contemplar Shamain, o Éter, o Mar azulado do Céu, as ilhas, as frotas siderais, os movimentos de seus Gênios animadores e de suas Potências animadoras.

Como um reflexo de estrela sobre uma água que estremece, uma lembrança da grande realidade cai nela e ainda treme.

Ela exala ainda a celeste ambrosia dos Mistérios eternos do Espírito Santo, e os eflúvios do outro Mundo só se evaporam lentamente da sua balsâmica essência que a Mãe bebe, respira e beija com um enlevo estranho para os profanos.

Não voeis doce reflexo do Astro dos Magos! Lembra-te que sois Imortal!

Ela julga vê-las ainda, as brancas, as divinas, homens e mulheres, deusas e deuses, diáfanas, luminosas formas, tipos da Beleza, cálices da Verdade, que se movem, pairam e se enlaçam nas ondas mágicas do celeste Amor, nas comunhões deslumbrantes da Sapiência.

Não seriam ainda as Teorias sagradas, os Poemas vivos do Verbo oculto, os Hinos dos Pensamentos criadores, as Sinfonias dos sentimentos animadores, dos ensinamentos hierárquicos dos Círculos psicúrgicos, o tumulto santo dos grandes Mistérios, os Deuses, raios do Deus cuja luz é a sombra, o traço luminoso, o voo aromático dos Gênios, dos Enviados, das Inteligências perfeitas, dos Espíritos imortais, das Almas vitoriosas e glorificadas?

Ó vertigem! Aí, não é ainda o quádruplo círculo inferior das almas que sobem ou descem o oceano fluídico, brilhante, sobre o qual passa a brisa do Amor, no fundo do qual gritam o Nascimento e a Morte?

Não seria isto também? ... Porém, que ia eu dizer?

Que se passou, pois? Canta, filha dos Deuses! Ouvi!

Uma grande perturbação, uma vertigem, um enlevo, uma atração agradável e terrível uma encantação dos Astros, uma palavra de ordem, um grito de esfera em esfera, adeuses pungentes à Vida superior, aos bem-amados, uma prece, uma cerimônia solene de ritos fúnebres, um último abraço, um último beijo, um juramento de lembrar-se e de voltar, um Gênio de alados pés que toma a Imortal e a arrasta aos abismos, a Imensidade de cima que se fecha, a de baixo que se abre com ruído, o Oceano tumultuoso das Gerações, abismos de Almas que ganham ou deixam o cimo ou o fundo da atmosfera de um outro astro, batalha elétrica das paixões e dos instintos da Terra... depois... então o que?

Ê a órbita da Terra, é o Oceano metálico desenrolando seus fluxos e enrolando seus refluxos. Atravessa-se os turbilhões de almas que sobem e descem, umas diáfanas e puras, espiritualizadas e leves, exortando-se em vencer as que se opõem a alcançar a luz, a escada dos raios celestes, a

vencer a região das Nuvens e das correntes fluídicas, a ganhar a Cidadela ígnea do fogo superior, os círculos do Éter; as outras, obscuras e cobertas de manchas como peles de veados e de répteis, sujas pelos crimes, materializadas pelo Instinto, entorpecidas pelo Egoísmo, impotentes em vencer os rios elétricos do ar, arrastadas pelas Tempestades e os Ventos, rodando longe da barca de Isis no poço demoníaco do abismo, no vertiginoso cone das trevas que a Terra arrasta nos Céus, gritando no Silêncio, agarrando-se às primeiras e procurando arrastá-las consigo para diminuir mais o peso espantoso do Destino.

Que mais ainda? Tenta lembrar!

São, na Atmosfera, as Nuvens, as grandes Correntes polares, os sopros do Oriente, as rajadas do Ocidente, os rios aéreos sacudindo a espuma das nuvens, agitando suas serpentes elétricas; é o Oceano inferior do Ar, com suas quatro regiões, a das águias, dos grandes migradores, das cotovias e das pombas. Nesta última, começa o reino da Substância plástica da terra, com seus quatro Nomes: Mineral, Vegetal, Animal, Hominal, e seus sete Turbilhões de Potências geradoras e de Gerações especificadas.

Depois dos circos e dos anfiteatros vertiginosos das montanhas brancas, depois dos encantos deslumbrantes das Geleiras e dos Abismos, eis chegarem em número infinito as leves ondulações das colinas verdes, o jorrar escumoso das torrentes, o serpenteio espumante dos regatos e dos rios metálicos, o balançar das Florestas ressoantes, a imensidade circular dos campos ervosos, onde ondeia a herba.

É a Terra, uma das mil Cidades do Reino do Homem, Filho imortal e mortal do Deus dos Deuses, é Demeter, é Adamah, o mundo das efígies e das Realidades físicas, o Inferno, o Purgatório, o Paraíso, conforme a Alma que se encarna, conforme o Espírito que reina na carne das Almas encarnadas, conforme a Fé, a Lei, os Costumes do Estado Social.

Eis aqui os círculos de pedra das Metrópoles, das Cidades, das Vilas e dos Povos, com os ruídos das vozes metálicas que, do alto das torres e dos relógios, marcam, anunciam, por sobre o ruído das grandes ondas populares, o Nascimento e a morte.

A Imortal para bruscamente; prendendo-se fortemente à claridade dos Astros, ela mede o espaço percorrido, a distância que a separa dos Céus:

- “Obrigado!” diz a seu Guia!
- “Coragem! Tu o juraste! Lá em cima a coroa da Fé, lá em baixo o Sofrimento!”
- “Perdoa-me! Sim, tenho medo! Sim, lá em baixo, não podia reunir minhas lembranças...”
- “O conseguirás, auxiliando-te das Ciências”.
- “Ao menos, disse-me: em que Estado Social, em que Raça, em que Nação, em que Lar?”
- “Aqui, responde o Guia alado das Almas, aqui, a Genetlíaca celeste indica o teu destino”.
- “Por muito tempo?”
- “Até que se cumpra”.
- “Ó meu Gênio alado, quem são estes coros de Almas que nos seguem?”

- “São os Antepassados que fazem teu cortejo; pois vou subir novamente”.
- “Já? Sinto-me desfalecer de novo!”
- “Coragem, pois, Alma imortal! Voltarei se souberes querer”.
- “Onde estou? O Céu, a Terra, tudo desapareceu; porém uma atração invencível me prende completamente”.
- “Alma mortal, eis tua Mãe!”

“Em nome de Deus, em nome da Natureza, em nome de Iod e de Hevah, eis aqui tua pátria viva”.

“Sê unida a ela por todas as Potências mágicas da Vida!”

“Adeus!”

Ela se lembra ainda de seus entretenimentos com a Alma materna, sua indivisível e mútua penetração, suas comunhões misteriosas, cheias de lembranças e de esperanças supraterestras, dores e alegrias, estremecimentos, êxtases, músicas mudas, o lento enrolamento dos nove círculos selênicos, e encantação das epigêneses, depois... um sofrimento terrível, um vapor sulfuroso, um eflúvio ferruginoso subindo repentinamente dos Abismos ígneos da Terra, girando em turbilhão, arrancando-a da Alma materna, fechando-a num vácuo pneumático, num antro pulmonar quente, móvel... um grito neste antro, nesta efígie oca e... a lembrança entra em suas profundezas com as Entidades celestes.

Só voltará pela Ciência.

*
* *

Ó vós que pondeis vossa vergonhosa honra em descender do gorila, mereceríeis não subir!

Afastai-vos deste Mistério celeste; deixai aqui as mulheres orarem.

Elas saberão ao menos dizer: “Pai Nosso que estais nos Céus...”

Ficai vós, Virgens, Esposas, Mães, Avós, Druidas da Árvore da Vida; ficai junto a este Agárico vivo, orai ao Antepassado dos Antepassados. E sabeis que se, no círculo das gerações, o Pai dá o germe da efígie, o movimento inicial da Espécie, a Mãe dá sua substância e forma especificadas, e em contrário às almas dos animais que vêm do Fogo terrestre, a Alma humana vem do Céu.

Chamai, pois ao Sacerdote, para que em nome do Estado Social, a Espécie humana saude a Lei do Reinado e a ordem do Reino.

Que Sacerdote, perguntareis?

O da vossa Fé e dos vossos Costumes sociais: papa, cura, pastor, rabino ou morabita.

Fazei acolher solenemente este recém-nascido.

Pois, em verdade, vos digo: o nascimento é coisa tão grave como a Morte, é um dos Mistérios que era preciso entreabrir aos vossos olhos.

Sobre a encarnação da criança

Fixação da alma no cérebro da criança

Eis o espírito preso a seu corpo material. Não esqueçamos que a natureza não dá saltos (*natura non facit saltus*). Por isso, este estado especial, que será chamado de infância terrestre, será um verdadeiro estado misto no qual o espírito vive ainda em dois planos. Até a idade de sete anos, tem lugar esta existência dupla, e a criança vê seus antepassados, vê seu gênio familiar lhe aparecer seguidamente e brincar com ele. Se os pais forem bastante inteligentes para não cortarem estas relações, esta existência em parte dupla pode ter uma grande importância no destino terrestre.

Assim, durante sete anos, o espírito experimenta, o cérebro da criança está em relação com a terra e com o invisível. Vive nos dois planos. Esta é a razão pela qual a criança tem visões que seu espírito percebe no plano invisível. O nascimento para a vida terrestre é a morte do além. Os antepassados que rodeiam a alma choram e se lamentam porem seguem protegendo a criança durante seus primeiros anos terrestres.

A alma se encarna quando a criança tem entre um e sete anos. Pode ser que ao nascer, a criança não receba a alma, então se produz a morte da criança. A natureza recorre a todas suas forças; a criança se inicia na terra, adquire consciência deste novo meio, aparecem novas ideias.

Louis Claude de Saint Martin disse que, na natureza, a árvore não aparece como tal. Primeiro tem uma semente. O mesmo acontece com as ideias, que são como sementes no cérebro da criança; logo as sensações da vida diária fazem crescer as ideias. O cérebro da criança é um jardim no qual podem germinar as sensações que, por sua vez, dependem da herança, do exemplo dado pelos pais. Este jardim pode ser um jardim de ódio e de desprezo, todo depende da encarnação anterior e do meio no qual a criança evolui.

Dos 7 aos 14 anos se produz-se uma fase de credibilidade, a criança crê em tudo o que lhe dizem, porém, na escola a necessidade de contestar ao professor a faz cambiar de opinião.

Dos 14 aos 21 anos, a criança se transforma e se converte em um indivíduo como tal. Se segue os conselhos que lhe são dados, será sábio e ponderado, porem a maioria das vezes faz pouco caso, foge do que lhe rodeia, cria sua própria personalidade. É a idade “íngata” para as mães.

Dos 21 aos 28 anos, o ser humano cria sua própria crença pessoal; se trabalha, acredita que os padrões exploram aos trabalhadores, se é filósofo, cria seu próprio ateísmo e só entende o medo da polícia e da cárcere, mas logo evolui.

Assim, no ser humano, sucedem-se três fases características: a Incredulidade, a Rebelião e a formação da Personalidade. Todo ser humano está sob estas mesmas leis. Existe quem acredite não crer em nada, porque tem permanecido por muito tempo no estado de credulidade, de onde saiu para se voltar ateu. Estes pensam que todos os homens que acreditam são ingênuos ou cegos e que jamais tem refletido. Após este estado de negação, o homem volta ao estado de crença. Por exemplo, Auguste Comte, o fundador da doutrina positivista, não era ateu; só aceitava as coisas reais e positivas. Depois voltou-se crente. Então, seus discípulos, o rotularam de “louco” e de “desequilibrado”. O mesmo aconteceu com Newton e outras grandes inteligências.

Todos os seres humanos seguem o mesmo modelo: a vendedora de verduras e o filósofo seguem a mesma lei de evolução. A luz procura a honestidade, o homem de ciência busca a verdade. As leis da evolução são as mesmas para todos os seres humanos. Assim, não se pode atuar por orgulho, temos que seguir o nosso próprio caminho e nos perguntar por que os demais não pensam como nós, procurando não faltar a um juramento.

Se intentarmos explicar os mistérios do casamento a uma criança de oito anos, o cérebro da criança não resistiria. Da mesma forma, se alguém ri da ideia psíquica diante de nós, não temos que tentar forçar o cérebro que não pode assimilar esta ideia, pois não está suficientemente evoluído.

Convém lembrar que a ideia começa a germinar no cérebro da criança, depois a criança crê em tudo o que lhe dizem e finalmente forma sua própria personalidade. No geral, o homem vive 10 vezes 7 anos; evoluciona por períodos de setenários.

Os germes que se implantam no cérebro da criança dependem da herança, das existências anteriores e da realidade dos corpos físicos. Se uma criança tem que ser perturbado, sua alma não pode fazer nada para impedir isto; às vezes trata-se de um castigo por serem seus pais orgulhosos.

Podemos modificar nosso destino? **O presente nos é dado para modificar nosso destino.** Trata-se por tanto da teoria Cristã, porém não da Budista.

*
* *

Precisamos dizer aqui uma palavra de grande mistério: é que o espírito pode experimentar diversos corpos e só tomar posse definitiva do mais forte. Na morte de recém nascidos, nem sempre há volta do espírito ao plano divino: ele experimenta diferentes corpos, o que é muito diferente. Pode-se dizer, em geral, esta proba nunca excede sete meses. Depois, no estado de infância, existe um laço astro-espiritual entre os diversos planos pelos quais o espírito passou.

Resumindo:

- 1°. Agonia terrestre;
- 2°. Morte terrestre e nascimento no mundo espiritual.
- 3°. Constituição dos órgãos astro-espirituais.
- 4°. Vida espiritual, participação indireta na vida terrestre e constituição dos futuros órgãos físicos pela criação de seus clichês astrais;
- 5°. Aparição das provas da futura encarnação, aceitação livre e voluntária de todas estas provas, pedido de reencarnação.
- 6°. Agonia espiritual. Absorção dos fluidos do Lethes (Esquecimento), e descida para a terra;
- 7°. Nascimento terrestre, e constituição progressiva dos órgãos do corpo físico.

Os antigos Egípcios pretendiam que, ao nascimento, uma parte das forças astrais se refugiava na estrela polar para vir animar o duplo depois da morte e da mumificação. Isto nos leva ao ciclo das reencarnações anormais.

As reencarnações anormais

“Podeis ser punidos até a sétima geração”, dizem as Sagradas Escrituras.

Esta frase é incompreensível se não se conhece o mistério da reencarnação. Fisicamente, uma doença pode modificar os corpos físicos durante três gerações, senão mais. Astral e espiritualmente esta modificação pode estender-se até sete gerações, como muito justamente o diz a Escritura.

Suponhamos um homem carregado de uma terrível responsabilidade social, representando na sociedade profana o papel de juiz, geralmente fonte de um destino horrível ou de recompensas sublimes. Suponhamos mais que este homem seja um céptico, crendo somente no prazer imediato, e julgando os outros homens como o faz a si próprio. Por seu ateísmo transcendente e sua certeza da

não-responsabilidade efetiva de seus atos, cobertos por sua situação social, este homem acumulou, no momento de sua morte, as maiores dificuldades para os seus, dizendo a si próprio, com alegre sorriso: “Depois de mim o fim do mundo.”

Tal ser determinou, sem saber, o seu próprio destino; quis que não houvesse outro mundo, não haverá para ele. Morreu com idade, rodeado da falsa consideração terrestre, nunca fez bem durante a sua vida senão a si próprio, foi um cancro social, por isso o plano divino está fechado para ele.

Não tendo habitação espiritual do outro lado, reencarna-se imediatamente num dos seus netos ou em um neto de pobre, caso ele não tenha descendência própria. Porém geralmente é ele mesmo, como descendente de si próprio, que vem receber os interesses negativos do capital de provas que constituiu.

Sofre, pois, na segunda geração, aquilo de que quis fugir. O neto do magistrado tem instintos espantosos, revela-se contra tudo: família, sociedade, religião, é um “cabeça dura” Acusa seu avô de todas as suas desgraças, não sabendo, que foi ele mesmo que estabeleceu sua sentença. A prisão, que fartamente distribuiu aos outros, se abre para ele; é aí que, às vezes, um raio celeste vem procurá-lo, é aí que nas provas mais duras seu espírito readquire consciência da existência do além, e é, pouco a pouco, levado para este plano divino que tinha desconhecido e menosprezado.

O suicídio

Um outro caso de reencarnação anormal assaz frequente é o suicídio.

O suicídio foi deixado ao homem em compensação do esquecimento das existências anteriores. Se o homem tivesse consciência de tudo o que deve resgatar, nem mesmo quereria começar a vida física e se suicidaria imediatamente. Enfim num momento de covardia, de loucura, de desespero, o homem rompe voluntariamente o laço que o prendia ao corpo físico. Aqui também não se pode fazer regra geral: há suicídios do destino, que não determinam nenhuma dor, pois é uma terminação normal e prevista de uma vida terrestre; há suicídios devido à loucura, durante a qual o espírito é estranho ao seu corpo (alienus); há suicídios causados por larvas astrais... e por muitas outras causas.

Sem querer estabelecer uma regra geral, pode-se dizer que o homem que se suicidou conscientemente não é reconhecido como morto pela Natureza. É o terrível suplício de Tântalo; tem sede, tem fome sem ter órgãos físicos para realizar seus desejos, tem necessidades atrozes de sono sem órgãos físicos para descansar seu espírito, volta, em momentos de raiva terrível, ao seu corpo frio, e muitas vezes, de volta ao túmulo, entra em seu cadáver e o move. Frequenta as reuniões espíritistas e os centros de orações, pedindo auxílios a todos os corações compassivos, **e é somente no dia em que o destino tinha determinado sua morte real que se dá a libertação.**

Neste caso, pode faltar ao corpo físico futuro o órgão que homem tinha voluntariamente suprimido em sua existência anterior, ou ao menos o funcionamento deste órgão pode ser gravemente prejudicado. É assim que as pessoas que fazem saltar seus miolos podem nascer com perturbações cerebrais graves, epilepsia, idiotismo, ou atrasos intelectuais que o médico terrestre não pode compreender. Os que se envenenaram nascem com perturbações gástricas que nenhum médico pode acalmar e sofrem durante uma existência terrestre inteira a dor constante de um centro digestivo impossível de ser curado. Os enforcados nascem disformes e corcundas...

Porém não podemos estabelecer uma corrente de modificações físicas, que seria puramente imaginativa. Quisemos somente indicar aqui as grandes chaves de um mistério.

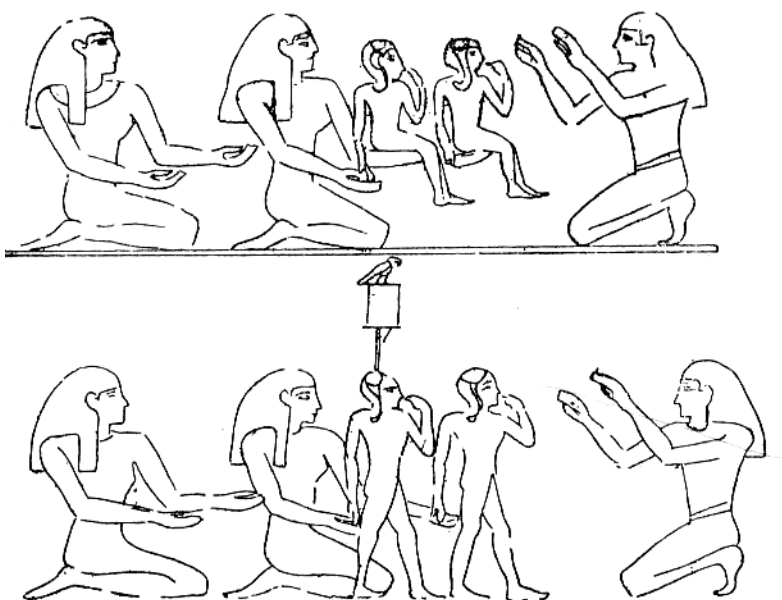
Por isso, minhas senhoras, se quiserdes conhecer a verdadeira receita da beleza atual e futura, sede

crentes, sede carinhosas, sede boas em todos os planos, e voltareis para nos encantar em corpos cada vez mais perfeitos. Impedi os suicídios ao redor de vós e tomai-vos o exemplo da resignação às provas terrestres: evitareis assim as terríveis reencarnações anormais.

Os Egípcios e o Duplo

Resta-nos falar de uma forma de reencarnação anormal que existiu na terra durante séculos e séculos: é o que chamaremos a reencarnação do duplo entre os Egípcios.

Este mistério foi muito pouco aprofundado; todavia precisamos dizer algumas palavras a seu respeito.



O Egípcio, do qual atualmente só conhecemos uma ínfima parte de toda sua grandeza, quis lutar face a face contra as forças mais terríveis da natureza, forçou o polo magnético terrestre a ficar no Egito durante mais de 55 séculos, ao passo que o tempo normal de evolução deste polo é um século e meio. Quis também lutar contra esta lei da reencarnação, que tão bem conhecia.

Para este fim, o Egípcio imobilizava as células do corpo físico pela mumificação, encantava o astral, a que chamava de Duplo, por meio de cerimônias que precediam a introdução da múmia em seu túmulo, e por este encantamento, prendia o duplo à múmia, e impedia uma parte da evolução espiritual. O espírito realizava no plano divino uma série de funções que normalmente devia realizar, participava da natureza de Deus; porém a reencarnação era adiada por muito tempo.

As cidades de túmulos eram, pois realmente habitadas por seres astrais, e esta existência astral importava muito mais ao Egípcio do que sua existência física.

Os encantos mágicos faziam com que os alimentos e os servos representados no túmulo fossem positivos, e assim se resolvia o problema da luta consciente do homem contra os decretos divinos. É o que poderíamos chamar a reencarnação forçada, caso especial de reencarnação anormal.

Para ser bem sucedida esta operação, era preciso um conjunto de circunstâncias que raramente se realizaram, de modo que se pode dizer sem temor que, apesar de toda a sua ciência e sua magia, os Egípcios eram bem sucedidos no encantamento verdadeiro do duplo somente mais ou menos uma vez em mil vezes que o intentavam, o que já é muito.

Estes são os casos mais frequentes de reencarnação anormal.

Evolução e Involução

O espírito imortal do homem paga numa existência as faltas que cometeu numa existência anterior.

Durante a vida terrestre, fabricamos nosso futuro destino.

Quando morre o corpo material, o Espírito passa de um estado inferior a um estado superior: evoluciona. Pelo contrário, quando vai produzir-se o nascimento num novo corpo, o Espírito passa de um estado superior a um estado inferior: involuciona.

Porém, durante estas séries de evoluções e de involuções o Universo físico, astral e psíquico prossegue na sua marcha para frente no Tempo e no Espaço, de tal forma que estas séries ascendentes e descendentes por que passa o Espírito só são perceptíveis para ele e não agem sobre o Progresso Geral do Universo.

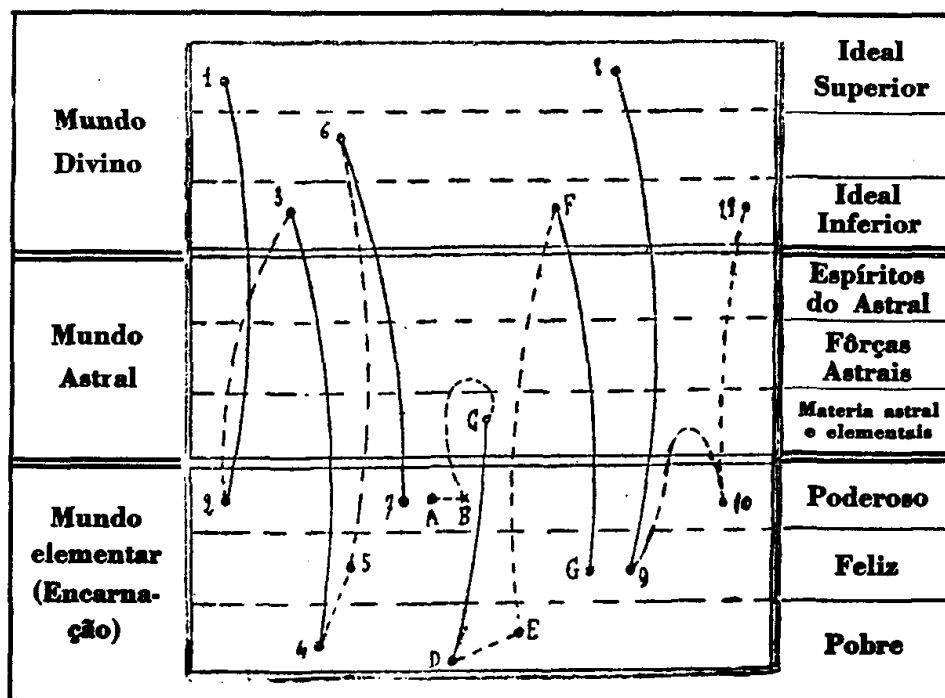
É o que nos mostra o exemplo do navio (Universo) que prossegue em seu caminho para frente sem ter em conta as subidas ou descidas que os passageiros possam ser levados a fazer do convés até as cabines da melhor classe do navio. A liberdade dos passageiros é total, embora limitada pela marcha para frente do navio, que leva a todos.

Durante a série de evoluções (morte) e de involuções (nascimento) por que passa o espírito imortal, o Ser atravessa diversas classes sociais conforme a sua conduta nas existências anteriores.

Entre as reencarnações, o Espírito imortal goza do estado de felicidade correspondente ao ideal que criou durante sua reencarnação. Um rico que tenha malgastado a sua riqueza, um poderoso que tenha abusado do seu poder, se reencarnará no corpo de um homem que terá de lutar quase toda a sua vida contra a adversidade.

Esta adversidade não vem de Deus, ela vem do emprego que fez o Espírito imortal da sua vontade nas existências anteriores. Porém, durante esta encarnação, o Espírito poderá, pela paciência nas provas e a persistência na luta, reconquistar em parte o lugar perdido.

O Progresso existe, portanto, para o geral e, por conseguinte, existe de modo imediato para cada ser particular. Porém, de modo imediato cada ser é susceptível de subir ou descer na escala social, quer durante a vida, quer pela sua reencarnação.



Explicação da figura

1. - O Espírito no mundo divino (estado de felicidade).
- 1 a 2. - Involução do Espírito para a Encarnação.
2. - Encarnação no corpo de um homem rico e poderoso. O Destino feito por este homem durante a sua vida é detestável.
3. - Evolução do Espírito para o mundo divino. Realização do estado inferior concebido durante a vida.
4. - Reencarnação do Espírito no corpo de um homem atormentado pela adversidade: consequência da vida anterior.
- 4 a 5. - Durante sua encarnação, o Espírito readquire uma classe social mais elevada que a que lhe era primitivamente destinada.
6. - Evolução para o mundo divino. Realização do ideal concebido no sofrimento.
7. - Reencarnação no meio social mais elevado.

SUICÍDIO

- A.- Um homem pertencente a classe social mais elevada suicida-se (B).
 B a C.- Seu espírito só evoluciona no astral, e é preza da ação dos elementais.
 D.- Reencarnação quase imediata na classe social menos elevada, às vezes num corpo enfermo ou disforme.
 E.- Evolução relativa durante a vida. Resignação ao sofrimento.
 F.- Evolução do Espírito no mundo divino.
 G.- Reencarnação em uma classe social bastante elevada.

OS QUE NASCEM MORTOS

8. - Partida do Espírito para a Encarnação.
9. - Encarnação. O corpo não permite ao Espírito realizar seu destino. A criança morre na sua infância.
10. - Reencarnação imediata após uma curta passagem no astral. (Uma classe social mais elevada recompensa o Espírito dos primeiros sofrimentos passados).

11. - Evolução para o mundo divino.

Passamos em revista as diferentes fases da vida espiritual antes da reencarnação. Vamos poder entrar agora no estudo rápido da influência da reencarnação sobre a vida social.

V - A VIDA SOCIAL E A REENCARNAÇÃO

Opinião dos clássicos

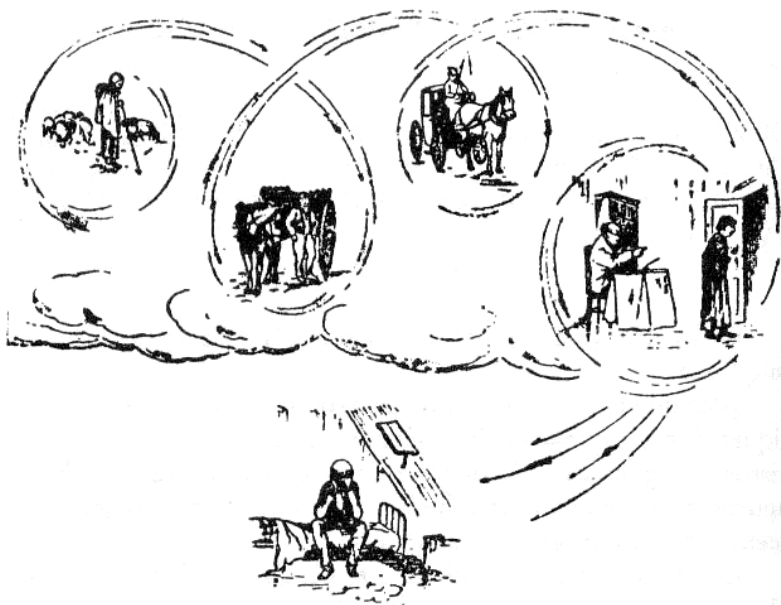
Sem a noção de reencarnação, a vida social é uma iniquidade.

Por que razão seres sem inteligência estão enriquecidos e são cumulados de honras, ao passo que seres de valor debatem-se na necessidade e na luta diária para obter alimentos físicos, morais ou espirituais?

O homem é tão orgulhoso que não pode admitir ser ele mesmo que se pune, atribuindo à sua família, isto é, aos avós, ao meio social, ao seu corpo físico e até a Deus, a culpa de sua vida de provas.

Toda a antiguidade ensinava como um mistério o segredo da reencarnação e das suas consequências sociais. Sem querer mostrar erudição, o que seria fora de propósito aqui e talvez acima dos nossos meios, lembraremos que o Gênesis de Moisés, escrito conforme documentos egípcios e reconstituído por Daniel para Esdras, tem três sentidos:

- 1º. Um sentido teogônico, reconstituído por Saint-Yves d'Alveydre na sua Missão dos Patriarcas;
- 2º. Um sentido fisiogônico, reconstituído por Fabre d'Olivet;
- 3º. Um sentido sociológico, reconstituído por Lacour no seu livro sobre os Elohim e por Heibling.



Estado social e reencarnação

O ensinamento secreto dos mistérios se dá neste último sentido e a reencarnação é apresentada como a origem das diferenças sociais.

Aquele que procedeu mal em uma existência anterior, será punido numa existência posterior. É inútil dizer que esta existência pode passar-se em diferentes planetas, pois todos os planetas são habitados e a terra é um dos círculos do inferno invisível; é por isso que aqui quase todos somos demônios e que as provas sejam em grande número.

A ideia egípcia da reencarnação passa à Grécia por meio de Pitágoras e seus discípulos. Primeiramente Empédocles e depois Platão popularizaram este conceito.

Lemos no “Timeu” de Platão, estas palavras de duplo sentido:

Os covardes são mudados em mulheres, os homens levianos e vãos, em pássaros, os ignorantes em animais selvagens tanto mais rastejantes e inclinados para a terra, quanto mais degradante foi a sua preguiça, os homens porcalhões e gulosos vão animar peixes e répteis aquáticos.

(TIMEU, Diálogo de Phedra)

Lemos no Phedon:

Os que se abandonaram à intemperança, aos excessos do amor e da mesa, e não tiveram freio, entram provavelmente no corpo de animais semelhantes, e os que só amaram a injustiça, a tirania e as rapinas, vão animar corpos de lobos, gaviões e falcões. O destino das outras almas é relativo à vida que tiveram.

Estes extratos têm mais relação com a reencarnação física que com a espiritual; trata-se aqui de metempsicose e indicamos no primeiro capítulo a diferença que havia entre a metempsicose e a reencarnação.

Plotino, nas suas Eneadas, diz:

Desde a mais remota antiguidade admite-se que se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las sofrendo castigos nos infernos tenebrosos. Depois é admitida a passar em novos corpos para recomençar suas provas.

Em outro lugar, Plotino diz:

Quando nos perdemos na multiplicidade, somos punidos primeiro pela nossa própria perda, depois, ao tomarmos novos corpos, temos uma condição menos feliz.

Os Druidas ensinavam também a reencarnação com a metempsicose como corolário para o corpo físico.

O que nos interessa aqui é a influência da reencarnação espiritual na vida social, e só citamos tudo o que precede para mostrar que esta ideia não é nova e que formou a base de todos os mistérios da Antiguidade.

O espírito saía do Zodíaco pela Porta da Morte ou Capricórnio; entrava de novo nele pela Porta da Vida, Câncer (Porfirio em sua “Arte des Nymphes” escreve que para os egípcios existem duas portas no céu: uma situada no Trópico de Câncer, recebia o nome de Porta dos Homens, ou seja, para os Homens. Por esta porta as almas vinham a terra para animar os corpos dos homens. A segunda porta, chamada de Porta dos Deuses, ou seja, para os Deuses, estava situada no signo astrológico de Capricórnio e seu papel consistia em dar passagem para as almas que após a morte regressavam ao céu. A primeira porta era a Porta da Vida, a outra a Porta da Morte ou do Inferno (*De Brière*).

Pode-se dizer, em geral, que a vida social atual é determinada pelo estado anterior do espírito e que

determina o estado social futuro. Um bandido que atacava e saqueava muitos seres humanos na sua encarnação anterior, é muitas vezes obrigado a vir posteriormente para aliviar e tratar os que antes tinha atacado. Um Rei, ou um chefe de sociedade, que abusou dos seus poderes, vem sofrer o castigo das leis injustas que promulgou. É uma implacável, a ação do destino sobre o espírito; porém o espírito humano tem de particular que nada pode sobre a constituição do seu corpo e sobre as leis que o regem, exceto pela higiene e os adestramentos psíquicos, mas pode tudo sobre a constituição das leis sociais, sobre a criação das sociedades, que quase totalmente provieram da vontade do homem.

Karma e reencarnação

Um primeiro ponto a resolver é o de saber se este destino, se esta lei fatal pode ser modificada pelo homem.

Os Hindus, de quem os teósofos, ou antes, os membros da Sociedade Teosófica, adotaram algumas ideias, deram a este destino o nome de Karma.

A análise simbólica das letras sânscritas que compõem este nome seria das mais interessantes, porém fora do nosso assunto. Os Orientais, ou melhor, os profanos das doutrinas orientais, de que os budistas são a representação atual, ensinam que este destino não pode ser modificado senão pela conduta atual do homem agindo sobre o seu destino futuro.

Os Iniciados do Oriente, isto é, os Adeptos da Escola Bramânica, os Taoístas da China e os Iniciados do Ocidente, continuadores da tradição Egípcia secreta, cujos ensinamentos foram iluminados pelas palavras vivas de Nosso Senhor Jesus Cristo, nos ensinam, pelo contrário, que este destino pode ser modificado sob a influência da Piedade Celeste pelos Seres Divinos aos quais o encarnado tem sempre o direito de apelar.

Modificação do destino através da oração

Nosso mestre espiritual, o grande mestre contemporâneo desconhecido, Philippe de Lyon, hoje falecido, disse a este respeito profundas verdades nos seus ensinamentos. “Entre dois seres, um que ora, outro que não ora, o que ora tem uma grandíssima utilidade no invisível, porque nutre espiritualmente certos seres que só vivem de preces humanas”. “Voltamos, dizia ele, com as paixões que não combatemos”. “É, dizia ainda, no mundo em que fizemos as dívidas que voltamos para pagá-las”. Ensinava também que na vida progredimos incessantemente e, na medida deste progresso, mudamos de guia: daí a necessidade de fazermos a paz imediata com os inimigos, pois, ofendendo os inimigos, ofendemos seus guias, e a paz só pode ser feita entre amigos, aliás, seria preciso esperar que, na série das reencarnações, o mesmo período se reproduza e que o perdão seja dado; é preciso até que o ofendido ore pelo ofensor.

De resto, serão encontradas, nas obras contemporâneas de Sedir, sobre os Evangelhos e a Lei Moral, uma quantidade de ideias que o nosso amigo bebeu nos ensinamentos do mestre espiritual e que soube apresentar ao público com sua erudição e seu talento habituais. Portanto, a vida social é o resultado matemático das existências anteriores.

O destino atual pode ser modificado por três elementos:

- 1º. Pela coragem física;
- 2º. Pela submissão às provas morais;
- 3º. Pela prece e a assistência divina.

O Destino domina sobre o passado, a Vontade humana sobre o presente, a Providência Divina sobre

o futuro.

Pitágoras tinha aprendido dos Chineses que o destino tinha por algarismo o 5, a vontade humana por algarismo o 4, e a providência divina por algarismo o 3. Era preciso na terra a união astral, isto é, um quadrado de 3 e de 4: 3 vezes 3 = 9, 4 vezes 4 = 16, 16 e 9 = 25 para equilibrar o quadrado do poder fatal, $5 \times 5 = 25$.

Esta é a chave secreta deste famoso quadrado da hipotenusa que não encontraram gerações de estudantes.

É, pois, necessário que o homem na terra una suas forças às do plano divino, para equilibrar a força do destino.

Os Ocidentais tem razão quando junto com os brâmanes, proclamam que a prece é uma alavanca com uma força formidável que, apoiando-se na vontade humana, pode levantar o peso terrível do destino ou do Karma.

Não podemos fazer a análise de todos os casos da vida social determinada por uma existência anterior; lembremos somente que a atração mais intensa manifestada pelo amor recíproco, vai atrair os espíritos mais afastados da terra, isto é, os mais puros; que a atração mais fraca exercida pelos pais alcoólicos ou sem amor, vai trazer espíritos próximos da terra, como os suicidas ou os pesados espíritos materiais.

Uma sociedade atual é, portanto, o resultado matemático de uma sociedade anterior, e compreende-se também a sabedoria dos Chineses que só consideram os seres vivos como o resultado passageiro da sociedade dos antepassados.

Em cada família há uma reencarnação normal dos espíritos que pertencem a esta família no invisível e cujo sobrenome principal, com seus algarismos secretos, é a chave das correspondências astrais. Porém, há também, em cada família, numerosa ou não, um espírito estranho à família e vindo de um plano muito diferente: é o cometa entre os planetas familiares. Geralmente é o que produz o desespero dos pais presos às suas ideias materialistas; é o artista na família do vendedor, o pródigo na do avarento e, às vezes, o “cabeça quente” na família do juiz.

É um resultado do segredo dos equilíbrios da natureza. Quando entre dois povos têm um atroz ódio mútuo, os guias espirituais intercambiam as reencarnações, com o que as vezes vê-se o espírito de ódio se modificar. Tal como dizia o mestre espiritual: “vimos pagar aqui as dívidas que contraímos comentário da admirável prece do Cristo: Pai, perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”, palavras que foram traduzidas pela igreja esotérica, em modo astro-espiritual: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como perdoamos aos que nos ofenderam”.

As três aparições de cada clichê - as adversidades.

A encarnação terrestre deve fortificar os órgãos espirituais futuros, e esta resistência dos órgãos aos poderes do destino só se pode fazer pelo adestramento espiritual, e o adestramento na terra chama-se: **Provações**.

Quando dizemos: “*O pão nosso de cada dia dai-nos hoje*”, nos ensinava nosso mestre espiritual, pedimos provações, e estas provações são estritamente adaptadas à nossa resistência. Aquele que conhece a origem secreta da vida que circula em todos os planos da encarnação, sabe perfeitamente que excetuando casos excepcionais, o Pai jamais deixará seus filhos morrerem em qualquer plano, contanto que estes tenham deixado “entreaberta” a porta entre ele e seu guia espiritual.

Para levantar um peso de 20 quilos com facilidade, os músculos dos braços têm necessidade de um adestramento que consiste em levantar progressivamente pesos cada vez mais pesados, começando por um peso leve. É este o adestramento dos órgãos físicos, a chave de todos os deportes atléticos. Dá-se com o moral o mesmo que com o físico: cada prova se apresenta sucessivamente três vezes sob a forma de um clichê astral que age no nível da nuca (os anatomistas diriam: na base do quarto ventrículo), aonde vêm terminar todos os centros sensoriais conscientes do ser humano. Coisa curiosa, encontramos sob o nome de “Sa”, entre os antigos Egípcios, um ensino idêntico, e a influência da nuca, como ponto de concentração dos clichês invisíveis, é perfeitamente descrita em todos os baixos-relevos.

Portanto, uma primeira prova nos é dada, muito branda: podemos resistir a ela sozinhos. Se o fizermos, o clichê apaga-se e vem uma segunda vez mais forte. Nosso espírito, aguerrido pela primeira resistência, pode ainda opor-se à sugestão do clichê, porém é preciso que aplique toda a sua força de ação. Suponhamos que ainda obtenha a vitória. O clichê torna a voltar mais intenso, uma terceira vez e neste momento o espírito só pode vencer com o apelo às forças divinas, o apelo ao seu guia tendo bastado no segundo caso. Se o clichê foi definitivamente destruído pela influência da prece e da vontade, a piedade entra no coração do espírito encarnado, e é por esta forma que é conhecida a idade real de um espírito: aquele que condena os outros por qualquer coisa é um espírito encarnado de pouco, que destruiu poucos clichês e foi sujeitado a pouquíssimos. “Aquele que tem piedade, alcançará piedade para si”, diz a Gnose. E encontramos tanto na doutrina gnóstica como na igreja católica (da mesma forma que na igreja bramânica); a Maria, a Virgem de luz, a Virgem Maria, Maha Mayah, que é a piedade celeste viva e que é a grande reformadora dos julgamentos do destino; ela esmaga com seu pé a cabeça da serpente Karma, Nahasch, Schanah, ou o tempo, o passado, e sua fatalidade.

Portanto, quando um crime é cometido, aquele que sabe e que se lembra, ora pelo criminoso cujo destino foi de vir fazer na terra um papel terrível e fatal; aquele que não sabe bate no peito dizendo: “Eu sou um homem honesto, os meus deixaram um nome sem mancha, e acho que este criminoso mancha a humanidade inteira com a sua ação infame, é preciso livrar dele a terra”. Este espírito sem piedade tornar-se-á também um criminoso numa existência ulterior, pois a ignorância não é perdoada no outro plano. A bondade numa encarnação terrestre é, pois, não só um dever, como também uma prova especial de inteligência das outras ciências. Ser considerado como um bom asno, que os malvados da terra fazem correr à vontade, ser explorado pelos falsos pobres, os falsos amigos, e toda a multidão dos desesperados da terra, é geralmente sinal que se está no caminho verdadeiro, e as luzes se acendem do outro lado para aquele que é desprezado e zombado pelos fortes da terra.

Não é nosso papel pregar moral, pois ninguém é imoral na vida privada como um moralista na vida pública, e conhecemos muito nosso estado inferior do ponto de vista espiritual para querer julgar os outros. Por isso, damos todas estas ideias como um ideal vivo que o homem deve procurar alcançar através de diversas encarnações.

Estamos certos, conforme as nossas experiências pessoais, que a reencarnação é a única chave verdadeira das diferenças sociais, e vamos agora entrar em três questões importantes:

- 1º. A linguagem dos espíritos;
- 2º. O esquecimento das existências anteriores durante a vida;
- 3º. A remessa pelo invisível dos espíritos emancipadores.

Isto formará o assunto dos parágrafos seguintes.

VI - A LINGUAGEM DOS ESPÍRITOS

Tem havido casos em que seres da terra entraram realmente em comunicação com o mundo dos Espíritos. A este respeito mencionaremos o caso de Trithemo e principalmente o de Swedenborg.

Swedenborg mostrou, por visões a distância da terra, que suas faculdades de percepção do invisível eram reais. É assim que tinha anunciado o incêndio de uma cidade, que se produzia a uma grande distância, na hora exata em que este acontecia e vários outros fatos do mesmo gênero.

O pastor Charles Byse, que escreveu sobre Swedenborg um livro notável intitulado “Swedenborg”, diz com muita justiça (pág. 121):

O vidente sueco foi capaz de viver durante 37 anos seguidos em relação constante com os habitantes do além. Ele os viu e ouviu como eles se veem e se ouvem uns aos outros, recebeu sua visita e visitou seu domínio; numa palavra: viveu ao mesmo tempo nos dois mundos - no da matéria e no do espírito.

Sem passar pela morte, explorou, por assim dizer, o universo invisível de que sabemos tão pouco e que nos interessa muito, e muitas vezes conta detalhadamente o que viu nestas viagens de um gênero tão novo.

É a melhor descrição que pode ser feita daquele que vivia nos dois planos, como todos os grandes iniciados dos mistérios antigos.

Ora, todas as narrações dos videntes concordam em declarar que os espíritos falam por meio de imagens, que é evocando e precipitando clichês que procuram falar aos habitantes da terra.

De fato, a visão em sonhos se faz por imagens, e tudo o que se refere ao invisível está intimamente ligado a produção de imagens que chamamos nas nossas escolas: “clichês astrais” que ao manifestar-se na terra se tomam clichês físicos.

A relação com o invisível

Daí um fato extremamente interessante: é que os povos primitivos, os quais, assim como as crianças, permanecem em relação quase contínua com o invisível, escrevem principalmente por meio de imagens. A linguagem ideográfica de que os antigos Egípcios, a colônia dos Atlantes, e os antigos Chineses foram os protagonistas, era uma indicação destas relações com o invisível. As imagens desta linguagem ideográfica, os primeiros hieróglifos, eram realmente a cópia de objetos terrestres, porém o princípio da escritura era totalmente derivado das relações do homem com o invisível.

Swedenborg esteve em relações com seres invisíveis; isto é fora de dúvida. Como eram estes seres invisíveis? Pertenceriam ao plano astral superior ou ao plano divino? É uma questão que seria interessante resolver, porém não o podemos fazer diretamente neste capítulo.

Um ser desencarnado, uma vez chegado ao outro plano, utiliza novas faculdades para comunicar seu pensamento, isto é um fato; porém estas novas faculdades não o fazem esquecer o adquirido em sua última encarnação, com o qual o ser desencarnado conserva a memória das últimas línguas terrestres que falou. Porém esta memória se obscurece pouco a pouco, para só tomar a aparecer na próxima encarnação.

É raro que um ser espiritual reencarnado na terra, seja levado, por circunstâncias aparentemente fortuitas, a falar, além da sua língua atual, a língua do país da sua última encarnação. É uma

observação de interesse para ser verificada.

Para resumirmos, o espírito desencarnado tem uma linguagem particular formada da precipitação de clichês com a emanção da sua luz pessoal. Só podemos esboçar este problema, não tendo os elementos necessários para resolvê-lo completamente.

O esquecimento e a reencarnação

Se há uma objeção considerável que foi feita pela lógica, origem de tantas ideias falsas, à doutrina da reencarnação, é a objeção proveniente do esquecimento, durante uma existência, das existências anteriores.

Dissemos, e repetimo-lo que este esquecimento é uma necessidade inevitável para evitar o suicídio. Antes de voltar a terra ou ao plano físico, todo espírito vê as provações que deve sofrer, e só vem depois de aceitar conscientemente todas estas provas. Ora, se o espírito soubesse, uma vez encarnado, tudo o que terá de suportar, sua razão se apagaria, perderia a coragem e o suicídio consciente seria o resultado de uma visão clara. É a história de Gribouille que se lança na água para não se deixar molhar pela chuva. Uma mãe que tivesse um espelho mágico que revelasse com exatidão o futuro, certamente quebraria este espelho depois de oito dias de prova, ao ver nele todas as provas que seus filhos hão de passar. O mesmo aconteceria para o espírito que não tivesse bebido a água do Rio Lethes antes de voltar a terra. Seria preciso tirar do homem a faculdade do suicídio, se quiséssemos que guardasse com segurança a memória das existências anteriores.

Porém, podemos descansar um pouco aqui nestas questões importantes, para ver até onde a revelação totalmente primária e sem detalhes da doutrina da reencarnação levou os cérebros pouco habituados às altas concepções filosóficas.

Pode-se conservar uma memória longínqua, uma intuição especial de uma existência anterior; porém, ter uma visão clara do que foi, da pessoa exata que representou na terra, é um fato extremamente raro e fora das leis naturais.

Conhecemos um conselheiro municipal de uma grande cidade do Sudoeste da França, livre pensador e ateu, que jamais quis atravessar, mesmo de carruagem, uma floresta dos arredores da cidade, dizendo: “Sinto que aí fui assassinado”. Era inútil objetar-lhe que esta sensação era pouco compatível com seu ateísmo e à sua ideia de que nada existia depois da morte, respondia: “De fato, é estupidez, porém tenho esta sensação, e ela é mais forte que todos os meus raciocínios”.

O ser humano, que tem consciência deste mistério da reencarnação, imagina imediatamente a personagem que teria sido e, como que por acaso, acontece que esta personagem foi sempre um homem considerável na terra e de alta posição.

Nas reuniões espíritas ou teosóficas, veem-se reencarnados pouquíssimos assassinos, bêbados ou antigos negociantes de legumes ou criados (profissões também honrosas); é sempre: Napoleão, uma grande princesa, Luiz XIV, o Grande Frederico, alguns Faraós célebres, que se reencarnaram na pele desta boa gente que chega a fantasiar que foram as grandes personagens que imaginam. Seria realmente um castigo para estas personagens, terem voltado a terra em tais condições. Esta tendência humana é tão forte, que já os discípulos de Pitágoras, quando aprendiam este mistério, imaginavam todos terem sido algum grande tirano ou um rei célebre, antes de voltar a terra, e quando perguntavam ao Mestre o que era ele na ocasião em que julgavam terem reinado, Pitágoras respondia sorrindo: “Enquanto éreis tão poderosos e os homens tremiam sob a vossa autoridade, eu era um galo”.

Esta importante lição de filosofia que mostrava aos discípulos que Pitágoras pensava na evolução

dos corpos enquanto os outros se entregavam a investigações inúteis a respeito dos espíritos, só teve um inconveniente: é ser totalmente incompreendida pelos filósofos clássicos que transformaram o imprevisto de Pitágoras em uma doutrina filosófica, e confundido por isto a metempsicose com a reencarnação, a reencarnação do corpo com a do espírito. Ninguém pode imaginar o mal que fazem à doutrina da reencarnação estes pretensos espíritos superiores reencarnados em pobres seres pretenciosos e sem inteligência.

Cristo tem um compartimento que contém milhares de espíritos. Cada vez que um espírito do compartimento do Cristo se reencarna, obedece na terra a seguinte lei:

- 1°. É o mais velho da sua família;
- 2°. Seu pai se chama sempre José;
- 3°. Sua mãe se chama sempre Maria ou a correspondência numérica destes nomes em outras línguas...

Enfim, há neste nascimento dos espíritos provenientes do compartimento do Cristo - e não falamos do próprio Cristo - aspectos planetários muito particulares que não vale a pena revelar aqui.

As deformações da Doutrina

Um grande número de visionários que ignorava tudo isto, pretendeu ser a reencarnação do Cristo na terra... e a lista não acabou.

É o grande erro da semicênica, da ciência primária que, se for acompanhada da Instrução chamada clássica e que chamaremos, como Saint-Yves, simplesmente pagã, demonializa os melhores cérebros e os faz desviar moral ou mentalmente, conforme o caso.

Pode-se, pois, ter a intuição de ter vivido em tal época, que se viveu neste ou naquele meio, pode-se ter a revelação, pelo mundo dos espíritos, que foi uma grande dama contemporânea do grande filósofo Abelard, tão indignamente incompreendida pelos grosseiros contemporâneos, mas não temos a certeza do ser exato que se foi na terra.

Citaremos a este respeito uma história típica que indica muito bem a mentalidade de todos estes reencarnados de salão; um mundano, nobre, inteligente, e suscetível de ocupar um lugar honroso na alta sociedade, tinha-se deixado desviar por esta doutrina da reencarnação. Depois de ter hesitado entre vários grandes personagens que o seu espírito teria animado anteriormente, escolheu Henrique IV. Declarava, pois, friamente em todas as conversas mundanas, que era Henrique IV reencarnado.

Um outro mundano, muito espiritual, ao assistir a esta conversa, lhe responde com a mesma frieza: “Então, porque não me abraçais?” O outro, aturdido, olha-o, e o homem de espírito lhe diz: “De fato, se sois Henrique IV reencarnado, eu sou a bela Gabriela”.

Logicamente, a resposta era perfeita, pois não há mais razão para que um seja a bela Gabriela que o outro Henrique IV, admitindo, questão ainda controvertida, que se possa mudar de sexo através da reencarnação.

O orgulho é a grande trava para muitos partidários da doutrina das reencarnações, já que seguidamente seu papel é ao mesmo tempo nefasto e importante. Se certa gente guarda as grandes personagens da história para reencarnar a si mesma, é preciso reconhecer que os adeptos desta doutrina conservam os assassinos, os grandes criminosos e geralmente os grandes caluniados para fazer reencarnar seus inimigos. É assim que, depois de ter dito que Cagliostro foi uma personagem duvidosa, fizeram-me a grande honra de me considerar como Cagliostro reencarnado. Era até um ensinamento secreto de uma sociedade cujos membros viram muitos outros, e que me absterei de

qualificar.

Ora, o Dr. Haven acaba de publicar sob o nome de Cagliostro, o Mestre desconhecido, uma obra de alto valor (*“Cagliostro, o Mestre desconhecido”, por Marc Haven, 1º vol. in-8, Dorbon-Ainé, editor*), escrita como sabe escrever Marc Haven e na qual faz-se plena justiça a este grande homem indignamente caluniado pelos Jesuítas. Cagliostro vai tornar-se simpático; não posso mais representar sua reencarnação, e será preciso que os meus inimigos encontrem um outro canalha para substituí-lo como vestimenta anterior do meu indigno espírito.

É triste ver homens inteligentes acusarem aqueles a quem não compreendem ou de quem não gostam, de praticar a magia negra ou de serem vilões reencarnados. Uma escola de ocultismo tem sempre a tendência de acusar as escolas rivais de trabalharem na magia negra; é tanta tolice como a de determinar a reencarnação anterior de um homem; em primeiro lugar é uma prova de ignorância e também uma injúria feita às leis do céu. Porém, como é humano, é preciso lembrar-se das palavras de Cristo, saber que todos somos crianças na terra, e repetir ainda uma vez: “Perdoai-lhes, meu Pai, pois não sabem o que fazem”.

De fato, é útil que estas doutrinas, fonte de futuras grandes colheitas espirituais, penetrem, mesmo deformadas, em meios nos quais nunca teria podido penetrar de um modo normal pelas academias, as escolas ou as revistas, consideradas sérias. A doutrina da reencarnação penetrou nos meios populares de um modo intenso, sob a influência do espiritismo, penetrou nos meios mundanos sob a influência da teosofia, doutrina baseada num tríplice estudo: Karma, Vegetarianismo e Reencarnação.

Seja qual for a deformação que esta doutrina sofreu para penetrar nestes dois meios tão opostos, representados de um lado pelo homem mundano, no seu luxuoso cômodo, inquietando-se pela vida de Buda, dos Vedas, de Manas, e do Linga Charita, e de outro lado, seu porteiro, perguntando à sua mesa se o espírito de Adolpho, seu sobrinho recentemente falecido, é feliz, seja qual for, digo, a deformação desta doutrina, é preciso reconhecer que a sua ação será benéfica, e que não temos o direito de zombar dos meios secretos que o céu emprega para fazer evoluírem-se os cérebros na terra.

Para muitas Parisienses, a cartomante substituiu o confessor, aliás muito finas e espirituais, por que nos admirar, então, que o irmão pedinte de outrora seja substituído pela “taboa de comunicação”, e que as Orações de Bossuet sejam compensadas pelos ensinamentos do inflexível Karma dos Budistas?

O espírito de Deus sopra onde quer, Ruach é Aour e o ouro espiritual tem esta grande diferença do ouro material que pode ser largamente distribuído aos pobres como aos ricos sem mudar suas condições sociais; a pequena ideia aumenta e se multiplica a medida que penetra num maior número de cérebros, o montão de ouro diminui à medida que passa num maior número de mãos. É esta a lei dos dois J. C.: Júlio César para o montão de ouro, e Jesus Cristo para a ideia emancipadora. A doutrina da reencarnação é uma das chaves áureas do mundo espiritual.

Falta-nos falar dos enviados do Pai, dos balizados e dos espíritos emancipadores, o que faremos no parágrafo seguinte.

VII - OS ENVIADOS DO PAI

Os enviados do Além

Há na terra seres excepcionais que vêm aqui como o Salvador desceu aos infernos, isto é, livremente e sem ter nada mais a pagar: são enviados. São caracterizados por poderes particulares

aliados a uma grande modéstia.

Durante a nossa existência terrestre, tivemos a felicidade de conhecer um destes seres, e de torná-lo conhecido de alguns dos nossos amigos. Todos os que se aproximaram dele, ficaram admirados pelos raios maravilhosos que dele saíam e encontrarão no nosso “Tratado Elementar de Ciências Ocultas” uma pálida descrição deste homem, como nosso mestre espiritual. Oh! ele deixou a terra há alguns anos e só se comunica com os seus pobres amigos e alunos através dos véus do Além.

Ora, este homem, quando dava lições, fazia-o sempre com um tato perfeito e sem ferir a consciência de quem quer que seja, evitando sempre o escândalo físico ou mental. Conhecia uma família burguesa, rica, considerada, e tendo um pouco de pretensão à respeitabilidade que procuram tantas famílias burguesas do interior. O pai morrera; ficara só a mãe com a mãe dela e dois filhos de 10 e 12 anos. Vi a miséria entrar pouco a pouco nesta família, enquanto a mãe fazia todos os esforços e matava-se de trabalhar para salvar seu lar. Porém, a miséria inflexível aumentava: foi preciso vender os móveis, restringir os gastos e, logo, foi só pela caridade que a família pôde comer e viver refugiada numa mansarda. Eu quase chegara a acusar o Céu, como o fazia esta mãe de família (Os lamas do Tibete admitem que o homem que chegou ao Nirvana tem, contudo, se desejar ser útil à humanidade, a liberdade de retomar a forma humana para ensinar a Doutrina... G. DE LAFORT, Op. cit., pág. 243).

É então que, tendo expressado ao Mestre minha queixa, um dia em que estávamos fechados juntos num pequeno quarto contíguo à sala em que fazia suas curas milagrosas pela prece, um espetáculo estranho apresentou-se aos meus olhos: o Mestre disse-me: “Vais ter uma resposta à tua pergunta; é uma grande felicidade para ti, mas é também uma grande responsabilidade. Antes desta resposta, eras ignorante e tinhas o salário dos ignorantes; agora estás avisado e terás o salário dos que sabem. Compreenderás mais tarde o que isto quer dizer. Vamos pedir ao AMIGO que levante para ti as cortinas que separam os planos”.

Naquele momento pareceu-me que a parede do pequeno quarto abriu-se. Seria criação de minha imaginação? Seria simplesmente iluminação de um clichê pela palavra do Mestre? Que importa!

Disse o Mestre: “Estas mulheres deixaram morrer de fome outrora uma parenta da qual queriam herdar”, e vejo o velho castelo feudal, reconheço a mãe e a avó, apesar da diferença dos vestuários, e vejo uma jovem preza num lugar obscuro, suplicando a estas mulheres que não deixassem morrer e que lhe dessem pão. “Elas não tiveram piedade”, disse o mestre. “Elas voltaram a terra depois de ter aceitado o pagamento das suas faltas e consentido em morrer de fome, como tinham feito morrer a outra. Porém, a Virgem piedosa, uma prece dos avós, mudaram o destino, e foi permitido que elas pudessem comer e que, depois de terem sido humilhadas, tivessem uma vida normal”. O que, de fato, aconteceu.

A mãe e a avó foram salvas pelo trabalho dos filhos, dois grandes espíritos encarnados pelo Céu nesta família de demônios femininos, para salvá-la. Esta história só tem valor para minha instrução pessoal. Que a tomem como lenda ou como realidade, pouco importa! A parcela de ouro que contém esta rocha é assaz brilhante para alumiar os corações capazes de compreender.

Existe na terra, conforme uma tradição secreta, sempre três destes enviados do Pai; quer se tenham encarnado juntamente, quer funcionem cada qual num plano diferente, pouco importa. Cada um destes enviados tem um caráter especial. Aquele de que o nosso coração sempre tem saudade pelas palavras vivas que nos ensinou, chamava-se o mais velho espírito da terra; tinha especialmente poder sobre o raio, que obedecia as suas ordens e agia também sobre o ar e água. O que é interessante para os nossos leitores é que tinha noção completa, com todos os seus detalhes, da vida atual de todos os seres terrestres com os quais se relacionava; ele vos dizia: “Tal dia quisestes suicidar-vos nestas ou naquelas condições, preparastes tudo para que julgassem ter sido um

acidente, e, no último momento, se não vos lançastes de cima do rochedo, foi porque eu estava invisível, ao vosso lado”. Um dia, ao entrar numa igreja, para ser padrinho do filho de um ateu ao qual prometera a volta da crença, inclinou-se ao ouvido de um mendigo, escondido entre as portas e lhe murmurou: “tenho 15.000 francos embaixo da minha cama, 10.000 francos em ouro e 5.000 em bilhetes, e tenho muito medo que os roubem”. O mendigo, espantado, corre à toda pressa para salvar o seu tesouro, que efetivamente era ameaçado. Seriam necessárias páginas e páginas para dizer tudo o que faz um enviado do Pai. É um pouco de sol na penumbra infernal, é muita piedade nos corações de pedra, é um raio de bondade no egoísmo e crueldade que nos rodeiam, e isto dá um pouco de amor à vida.

Tais são os que voltaram voluntariamente, os que se lembram verdadeiramente e, porque se lembram, os que nunca dizem que foram esta ou aquela grande personagem, nem mesmo evocando tudo o que poderiam ter feito nas existências anteriores.

Ao lado dos que voltam, há os que se lembram pelo exercício dos poderes mágicos e do batismo espiritual. A Antiguidade dizia que aqueles que tinham sido iniciados no antro de Trophonius, tomavam-se tristes no resto da vida, pois tinham visto face a face os horrores do além. A verdadeira iniciação produz a calma, não a tristeza. É preciso ler em Apuleio, a narração desta iniciação aos mistérios de Isis, para compreender que a iniciação Egípcia tinha por fim o desdobramento do ser humano, a libertação do espírito e a colocação do espírito livre, face a face com os deuses criadores e com os clichês dos pecados a pagar. Era este o batismo, e o espírito era tão feliz de achar-se livre da matéria que era preciso lançar água na cabeça do batizando, para fazer voltar, por meio desta reação, o espírito ao corpo material. Porém, uma vez estabelecida, esta comunicação entre os dois planos pode ser continuada, e aquele que a realiza torna-se um vivente nos dois planos, um adepto da dupla vida, um escriba das duas existências, o que os Hindus chamam um Dwidja. Este sabe, e porque sabe, é humilde e modesto; este conhece os mistérios da reencarnação espiritual, as responsabilidades de cada um dos nossos atos, e a puerilidade das vaidades terrestres. Este estado é dado a certos homens, sejam quais forem as suas religiões. Monges eremitas da Tebaides e das bosques nacionais, foram batizados pelo espírito; Jacob Boehme, o sapateiro divinamente iluminado, Swedenborg e vários alquimistas que permaneceram desconhecidos da multidão, foram praticantes da dupla vida.

Os reencarnados cíclicos

Existem na terra pessoas excepcionais que podem achar-se transportadas aos planos invisíveis.

Uma grande dama que foi muitas vezes a enviada do céu pela sua bondade: a Sra. Condessa de B.R.N. teve notáveis visões sobre este ponto.

Seriam precisos grandes cadernos para percorrer em companhia desta notável vidente e do seu guia, todas as regiões do Astral.

Lembremos somente uma visão relativa ao Nascimento. Antes da chegada na sua família de um pequeno ser, a condessa viu a Grande Montanha branca onde os avós deixam o Espírito que se encarna. Assistiu a dolorosa despedida e viu o guia arrancar dos parentes desolados o caro Espírito que se obscureceu ao entrar num corpo carnal. Assim como existem cometas que vêm trazer a força ao sol extenuado e que circulam entre os diversos sistemas solares, existem também enviados cíclicos que vêm em certos períodos agitar a humanidade adormecida nos prazeres ou afrouxada por uma quietude muito prolongada. Estamos aqui para combater e lutar, e todo indivíduo que se retira do combate, esperando não fazer mais nada é rapidamente levado da terra. Da mesma forma, todo povo que se adormece no luxo, no egoísmo de um comércio ou de uma indústria muito lucrativa e a quietude de um futuro sem luta, este povo só será salvo por uma febre social, que designam sob um nome qualquer de revolução, guerra civil ou invasão estrangeira. A paz na terra para um povo, da

mesma forma que a gordura para um indivíduo, não são um ideal a alcançar. Vamos adiante, porém...

Entre estes reencarnados cíclicos, que vêm sempre de um mesmo “compartimento” do invisível, se não forem do mesmo espírito, citaremos a reencarnação que tanto admirou os historiadores: Alexandre, César, Napoleão. Cada vez que um espírito deste plano volta, transforma repentinamente todas as leis da guerra; seja qual for o povo colocado à sua disposição, ele o dinamiza e faz dele um instrumento de conquista contra o qual nada pode lutar. É preciso que a França seja agradecida ao céu por tê-la feito instrumento deste devorador de homens, que foi Napoleão e, apesar dos protestos de invejosos e malévolos de toda origem, é preciso reconhecer a força do Corso, que deu um pouco de glória a nossa bandeira.

Cada vez que vem a terra, este espírito cria uma estratégica e tática novas, e as palavras do general austríaco ao exclamar: “Que quereis vós! ele não combate conforme as regras” são proferidas em qualquer época pelos generais que são seus adversários.

A próxima vez que vier, este espírito achará o meio de impedir a morte de mais de 2/3 do seu exército nos combates, pela criação de um sistema defensivo que revolucionará as leis da guerra. Porém, não estamos aqui para fazer profecias. Assinalemos a existência do cometa vermelho, daquele que tem a terrível missão de abrir o livro do sangue, mas não vale a pena nos estender em este tema.

No momento em que a lógica inflexível, apoiada no axioma mental “a força vence o direito”, julga conservar sob as suas ordens um povo vencido, no momento em que os políticos do mundo julgam que o destino é escrito pelo poder brutal e que nada mais há a fazer, um enviado celeste se encama, e tudo pode mudar de face, confundindo os lógicos e lançando o temor entre as indignas combinações dos políticos.

Joana d’Arc

É ainda a França que teve a grande honra de encarnar várias vezes uma enviada celeste do “compartimento” da Virgem da Luz, unindo a fraqueza da mulher à força do anjo encarnado. Santa Genoveva formou o núcleo da nação Francesa. Joana d’Arc salvou esta nação no momento em que, logicamente, nada mais havia a fazer. A intervenção do invisível é tão clara na história de Joana d’Arc, que os ateus, os adeptos do mental, os revoltados contra toda influência divina e os escritores de inclinações baixas, levantam-se com um conjunto perfeito para sujar a memória da enviada celeste e para insultar a missionária, que não compreendem.

Ficamos estupefatos ao ver as invenções militares deste general feminino: a organização da cavalaria metodicamente feita, a ordem adotada nos ataques da infantaria e o agrupamento da artilharia: três vitórias em três dias sucessivos; é o sucesso máximo do generalato, e este sucesso foi alcançado por uma mulher. O instinto do povo não se engana, e Saint-Yves d’Alveydre, na sua “Joana d’Arc vitoriosa” evocou maravilhosamente este instinto.

A Igreja Romana é também hostil a todo enviado celeste, e foi preciso a formidável voz do povo para reformar o juízo dos juizes eclesiásticos que, obscurecidos pela política, martirizaram a enviada do Céu.

O retorno do Espírito

Terminemos aqui esta evocação das reencarnações estranhas, tão estranhas para um povo como um cometa é estranho para um sistema solar normal. Quisemos evocá-los para passar em revista todos os casos; são exceções muito raras e não convinha que o nosso orgulho as fizesse regras gerais.

Para resumir, a encarnação atual é, para o espírito, a imantação das encarnações futuras. Toda dádiva de si mesmo, fora do interesse próprio, imanta e espiritualiza, isto é, gera a luz que se tornará o veículo do espírito no outro plano. Toda contração do espírito para o interior quer se chame egoísmo, cólera ou inveja, desmagnetiza, materializa e gera os clichês do pecado, que pode tornar-se mortal para o Astral, porque a preguiça não entra no céu. Aquele que sabe perdoar e ora; os objetos materiais, as riquezas terrestres ou as posições honoríficas são para ele instrumentos que lhe são confiados para a felicidade dos outros e que não tem direito de monopolizar para sua felicidade pessoal. Em vez de assentar-se no sofá de marfim que lhe é destinado, o Espírito pede ao Pai para ser verdadeiramente útil na terra, para tomar-se um dos seus verdadeiros soldados. Então, abandona o sofá de marfim, deixa os outros receberem as honras terrestres que lhe pertenciam e vai para os campos separar os grãos para melhorar as colheitas futuras.

O livro da vida

Existem no invisível palavras vivas escritas num livro, algumas páginas do qual foram lidas em dado momento por espíritos no estado de êxtase e é esta a origem de todos os mandamentos religiosos de todos os verdadeiros condutores de povos. A lei da reencarnação está escrita neste livro; não é uma invenção de cérebro humano, não é uma criação bastarda de uma imaginação em delírio; assim como o sol levanta-se no visível, afasta as sombras da noite e nos inunda de sua luz criadora, assim também a lei da reencarnação é o sol do mundo invisível: ela dissipa os erros filosóficos, alumia as almas nas suas missões, mostra a justiça imanente de todas as ações e de todas as reações em todos os planos, e justifica o brado imortal do Espírito ao encontrar seus avós: “Sê bendito, meu Pai; apesar das minhas traições e das minhas fraquezas, jamais me abandonastes”.

VIII - REENCARNAÇÃO E RELIGIÕES

Podemos terminar aqui nosso estudo da reencarnação, e, para concluir nosso trabalho, vamos somente lembrar algumas notas referentes à tradição.

Reencarnação e Budismo

Vimos nos capítulos precedentes que a reencarnação era um ensino secreto de todos os templos da Antiguidade. Primitivamente dada como uma parte da iniciação aos grandes mistérios no antigo Egito, esta revelação passou em todas as religiões esotéricas; encontramos-la em todos os autores clássicos, e demos numerosos exemplos dela: encontramos-la também no Budismo.

As investigações modernas a respeito das escrituras da Índia lançaram por terra as noções que se tinha da fabulosa antiguidade dos alfabetos indianos. É assim que os trabalhos de Philippe Berger e outros sábios permitem fazer chegar somente ao ano 500 antes de Jesus Cristo a constituição do alfabeto sânscrito devanagari, isto é, um alfabeto de Tebas, de academia de gramáticos; é também a época da vida de Gautama Buda, um iniciado dos templos bramânicos, que deixou o palácio de seu pai (o centro da iniciação) para dar ao mundo profano uma parte dos mistérios. A ideia da reencarnação é uma das ideias fundamentais do Budismo; penetrou em quase todo o Oriente, e é um fator secreto da valentia do soldado japonês, como será amanhã um fator tão importante, no fanatismo do soldado chinês quando invada a Europa, levado conscientemente pela Rússia e seu transiberiano.....

Se alguém morre com bravura pela coletividade, este sacrifício é imediatamente pago por uma reencarnação num plano social superior. O japonês que morre por seu imperador e sua pátria, se for um operário ou trabalhador obscuro, sabe que voltará rico nobre e ocupará um cargo importante.

De aqui se deduz que o homem de classe inferior não tem inveja do homem de classe superior, nos países em que a ideia da reencarnação tomou-se popular. O pobre sabe que paga sua vida anterior, como sabe que o rico recebe a perigosa recompensa dos seus sofrimentos de outrora.

Por isso, o soldado japonês corre para a morte com embriaguez, ao passo que para o soldado europeu é preciso uma concentração especial de vontade para morrer valorosamente na guerra.

Esta é uma questão de psicologia de raças, porém, queremos insistir sobre a importância desta ideia nos cérebros orientais.

Não devemos julgar, contudo, que o Budismo seja o criador religioso desta ideia da reencarnação; o Buda foi o seu propagador, apesar dos seus mestres e, por isso, fez um grande serviço à humanidade. As pessoas que se interessarem por estas questões, encontrarão num volume do Sr. Lafont, intitulado “O Budismo”, textos precisos e ensinamentos positivos, capazes de satisfazer plenamente a qualquer leitor.

Reencarnação e Cristianismo

Ocupou-se a religião cristã da Reencarnação? Pode-se responder francamente que sim.

Antes de tudo os evangelhos afirmam sem rodeios que João Batista é Elias reencarnado. Era um mistério. João Batista, interrogado cala-se, porém outros sabem.

Há também esta parábola do cego do nascimento punido pelos seus pecados anteriores, que nos faz refletir muito.

A religião cristã é uma continuação direta da religião egípcia: cada um dos evangelistas é acompanhado pelo símbolo de cada uma das quatro formas da esfinge, a cabeça humana ou o anjo, a águia, o leão e o touro.

A ideia da reencarnação faz parte, portanto, dos ensinamentos secretos da Igreja como a maior parte das ideias da iniciação egípcia.

Disseram que a reencarnação foi condenada pela Igreja; é falso. Um Concílio (IV Concílio de Constantinopla) disse que aquele que afirmasse ter voltado à terra por desgosto do céu ficava excomungado; porém, longe de condenar a reencarnação, esta declaração do Concílio indica, pelo contrário, que ela fazia parte do ensino e que se houvesse alguém que voltasse voluntariamente a reencarnar-se não por desgosto do Céu, mas por amor do próximo, o anátema não podia cair sobre ele (Rozier). Enfim, conforme os ensinamentos da Igreja Católica Romana, que guardou muito menos da tradição esotérica que a Igreja Ortodoxa Russa, há um espaço de tempo considerável entre o julgamento após a morte e o juízo final. É no juízo final que os espíritos devem receber, conforme o catolicismo, seu destino definitivo. Até lá pode haver mudança na evolução do espírito. Ora, que faz o espírito durante o tempo que se passa entre estes dois julgamentos? Podemos admitir que o céu, o inferno ou o purgatório são estados que podem ser passados em estado de materialização: era este o ensino de Swedenborg, e o próprio Maomé, que teve horror a todo esoterismo tradicional, mostra que foi verdadeiramente informado quando diz no capítulo: “As mulheres do Alcorão”, que o Cristo voltará no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos.

Podemos dizer que esta ideia da reencarnação, que foi o farol luminoso de toda a Antiguidade, nunca se perdeu em nenhuma religião; e hoje esta ideia reaparece, defendida por três tradições: a tradição cabalística, proveniente do Egito e transmitida até nós pelos Pitagóricos e os Neoplatônicos, a tradição oriental transmitida pelo Budismo e de que acabamos de falar, e enfim a revelação moderna do Espiritismo.

Rivail, mais conhecido pelo seu pseudônimo de Allan Kardec, fez um grande serviço à humanidade ocidental ao popularizar o dogma da reencarnação. Se esta ideia perturbou certos cérebros fracos como o fez outrora, no ano 1.000, a ideia do Inferno, por outro lado impediu tantos suicídios e relevou tantos ânimos, que precisamos ser gratos ao criador do espiritismo contemporâneo, assim como aos seus sucessores atuais como: Gabriel Delanne, Leon Denis, Leymarie, por terem espalhado entre as massas um instrumento tão precioso.

As crianças prodígios se explicam assim com muita facilidade por esta ideia da reencarnação; as lembranças positivas de certos seres que encontram, paisagens familiares, se explicam da mesma forma e, sem insistir muito, compreende-se a clareza que traz o conhecimento da reencarnação numa multidão de problemas, quer humanos quer sociais.

Não tivemos a intenção de fazer um estudo dogmático da reencarnação em todas as suas consequências, nem uma investigação histórica ou bibliográfica completa: nosso desejo é principalmente despertar em cada um dos nossos leitores os deuses que dormem, fazer falar no seu coração o deus da lembrança e criar assim em cada um deles o entusiasmo (En e Théos), este deus interior que revela verdadeiramente os mistérios.

Então, cada homem compreenderá que o dinheiro terrestre se converte em uma necessidade alimentar, se se converte, como viram Barlet e Lejay, no sangue social, nada mais é senão uma ferramenta. As nossas faculdades superiores merecem prender-se a coisas mais elevadas que este ideal completamente terrestre da riqueza ou das situações produzidas pelo orgulho. Para seguir o Cristo, era preciso abandonar tudo sem desgosto como se abandona um velho vestuário para revestir o vestuário de luz de todas as iniciações. Para compreender que não somos na terra mais que personagens que representam um papel por uma existência, é preciso ter participado dos mistérios do Pai, é preciso estar pronto a sacrificar tudo o que não é eterno e, ao conhecermos o mistério da reencarnação, podemos dizer com São Paulo: “Ó Morte, onde está o terror? ó Morte! onde está teu aguilhão?”.

O Dr. Rozier, bem conhecido pelos nossos leitores, diz, a este respeito: “quero somente provar que os Católicos têm o direito de crer o que lhes parece mais racional a este respeito: a opinião geral entre eles é que só vivemos uma vez na terra, porém não existe nenhuma proibição real que impeça o contrário. Toda opinião, por mais respeitáveis e numerosos que sejam os que a sustentam, está sujeita a revisão. Certamente que, se formos seduzidos por uma teoria contrária à opinião de homens consideráveis, de Padres da Igreja, por exemplo, devemos ficar perturbados, devemos exigir argumentos bem fortes para continuar a professá-la; porém só devemos capitular depois de termos sido vencidos por argumentos de uma força suficiente, ou ao menos que assim nos pareçam”.

Ora, que diz este famoso Concílio de Constantinopla sobre o qual certos autores se apoiam para demolir, não a metempsicose, que não está em questão no Ocidente, mas a teoria das reencarnações? Este Concílio condenou, no ano de 543, algumas proposições de Orígenes, entre elas e em primeiro lugar a seguinte:

“Si quis dicit, aut sentit proexistere hominum animas, utpote quae antea mentes fuerint et sanctae, virtutes, satietatemque cepisse divinae contemplationis, e in deterius conversas esse; atque ideirco apofixestai id este refrigisse a Dei charitate, et inde fixas graece, id est, animas esse nuncupatas, demissasque esse in corpora supplicii causa: anathema”.

Traduzo o mais literalmente possível: “Se alguém diz, ou pensa, que as almas dos homens preexistem, no ponto de terem sido anteriormente espíritos e virtudes (potências) santas, e que ficaram fartas da contemplação divina; que se perverteram e que por isso o amor de Deus se esfriou

nelas, razão pela qual tem sido denominadas de almas (sopros, em Grego), e que elas foram mandadas entrarem em corpos, como castigo: que seja anátema”. Os reencarnacionistas não pretendem que seja devido a aborrecimento da contemplação divina, devido a resfriamento do amor de Deus que as almas voltam a terra, muito pelo contrário; não pretendem também que sua volta seja uma punição. Dizem que a existência terrestre nos é imposta para evolucionarmos e chegar a nos tomar senhores da matéria de que Adão, pela sua queda, nos tomou escravos. Esta existência terrestre não poderia, sem inconvenientes, prolongar-se por mais de cem anos, devido a razões que seria inútil indicar aqui; porém cem anos são insuficientes para obter a vitória definitiva, foi, portanto, preciso conceder-nos um intervalo muito mais considerável, porém interrompido por intervalos de sonos mais profundos que os sonos diurnos; cada um destes sonos chama-se morte. É verdade que cada existência é acompanhada do esquecimento das que a precederam, porém este esquecimento é providencial, facilita a evolução; com a lembrança seria difícil mudar o plano de vida. Enfim, quando tivermos nos despertado um número de vezes suficiente para alcançar o fim dos nossos esforços, a Santidade, morremos uma última vez para não mais voltar; é então que somos definitivamente julgados e colocados numa das moradas do Céu ou no Purgatório. Se, pelo contrário, em cada uma das nossas existências, descemos cada vez mais, ao termos alcançado um certo limite que não nos deixe mais nenhuma esperança de salvação, morremos uma última vez para irmos ao inferno; porém este caso deve ser raro. A teoria das reencarnações, assim considerada, pode ser aceita ou rejeitada pelos católicos, porém não está sob o anátema citado. Somente, se rejeitarmos esta teoria, não podemos admitir exceção, sem o que abrimos uma brecha pela qual tudo pode passar.

Krishnaísmo e Budismo

A continuação citam-se alguns extratos relacionados com a reencarnação nas religiões que nasceram depois do Bramanismo.

“O que nasceu certamente deve morrer e o que morreu deve renascer”.

Bhagavad Gita.

“Quando a justiça adormece, quando a injustiça se levanta, então eu mesmo me tomo criatura, e nasço, de idade em idade, para a defesa dos bons, para a mina dos maus, para o restabelecimento da justiça. Aquele que conhece conforme a Verdade meu nascimento e minha obra divina, deixando seu corpo não volta a um nascimento novo: vem a Mim”.

Palavras de Krishna. Bhagavad Gita.

“Da Sensação nasce o Desejo e deste desejo, a prisão aos objetos existentes. Esta sede de viver, esta vontade de viver, basta, no momento da Morte, para prender o homem a uma nova existência. Por esta reprodução de existência volta o nascimento e com ele todo o seu cortejo de males: decrepitude, velhice e morte...”

Resumo do Budismo por G. de Lafont, pág. 170.

A Reencarnação e o esoterismo hebraico

O Ensino bíblico sobre a reencarnação compõe-se, como sempre em matéria sagrada, de uma parte oficialmente comunicada ao povo e de um complemento secretamente comunicado aos mestres.

O povo de Israel sabia que depois da morte a alma descia no Scheol, que significa: lugar de espera, expressão suficientemente explícita por si mesma.

Quanto ao ensino secreto, fora das precisões sobre o Vale de Josaphat ou do Cedron que expus anteriormente, entramos em muitas passagens muito difíceis para os tradutores modernos.

Eis, a título de exemplo, a tradução dos versículos 22 e 23 do capítulo X do Gênesis:

	TRADUÇÃO ATUAL	TRADUÇÃO VERDADEIRA
22.	Os filhos de: Sem (São): Heilam Aschur.. Arpacshad Sud e Aram...	A condição de: A qualificação para um papel (São): Uma retirada favorável (seio de mãe) e um progresso; Uma volta vitoriosa (neste mundo), Um bom acolhimento. e um intermediário (um pai).
23.	Os filhos de: Aram (São): Hutz .. Hul .. Gether... e Masch	As condições de: Um intermediário. (São): Um nutridor e a abundância; depois a prosperidade e o aumento.

Estes dois versículos, assim como os que os seguem, indicam as condições de uma volta feliz à terra, à saída deste Scheol, que é apenas um lugar de espera.

Jos. HEILBLING.

IX - TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS

Para avaliar corretamente uma questão tão importante como a da reencarnação, o melhor é utilizar os textos originais. Por esta razão, achamos conveniente reproduzir em sua totalidade o livro XII das Leis de Manú (tradução Pauthier). Nele encontramos, sob a forma de noções exotéricas da metempsicose, as mais importantes verdades a respeito da reencarnação. Para o Budismo, ver LAFONT, op. cit., pág. 101 e seguintes.

Beatitude final

1. - Ó tu que és isento de pecado, disseram os Maharchis, tu nos declarastes todos os deveres das quatro classes, explica-nos agora, conforme a verdade, a recompensa suprema das ações.
2. O descendente de Manú, Bhrgú, soberanamente justo, respondeu aos Maharchis: “Escutai a soberana decisão da retribuição destinada a tudo o que é dotado da faculdade de agir”.
3. Tudo ato do pensamento, da palavra ou do corpo, conforme for bom ou mau traz um bom ou um mau fruto; das ações dos homens resultam suas diferentes condições superiores, médias ou inferiores.
4. Saiba-se que, no mundo, o espírito (Manas) é o instigador deste ato, ligado com o ser animado, que tem três graus, o superior, o intermediário e o inferior, que funciona de três maneiras, pelo pensamento, pela palavra e pelo corpo, e que pode ter dez formas diferentes.
5. Os três atos maus do Espírito são: pensar na forma de se apropriar dos bens dos demais, meditar uma ação culposa, abraçar o ateísmo e o materialismo.
6. Os quatro atos maus da palavra são: dizer injúrias, mentir, falar mal de todos e falar mal de

propósito.

7. Os três atos maus do corpo são: apoderar-se de coisas que não são de sua propriedade, fazer mal aos seres animados sem ser autorizado pela lei, e cortejar a mulher de outro; os dez atos opostos são bons no mesmo grau.

8. O ser dotado de razão obtém uma recompensa ou um castigo por causa dos atos do espírito em seu espírito; pelos da palavra, nos órgãos da palavra; pelos atos corporais no seu corpo.

9. Por atos criminosos provenientes principalmente do seu corpo, o homem passa ao estado de criatura privada de movimento; por faltas que provenham principalmente da palavra, adquire a forma de um pássaro ou de uma besta selvagem; quando as faltas são mentais, renasce na condição humana mais vil.

10. Aquele cuja inteligência exerce uma autoridade soberana (danda) sobre suas palavras, sobre o seu espírito ou sobre seu corpo, pode ser nomeado Tridandi (que possui três poderes) com mais justo título que o devoto pedinte que traz simplesmente três bastões.

11. O homem que emprega esta tríplice autoridade que tem sobre si mesmo a todos os demais seres e que reprime o desejo da cólera, obtém, por este meio, a beatitude final.

12. O princípio vital motor deste corpo é chamado KCHETRADJNA pelos homens instruídos e este corpo que realiza as funções é designado pelos Sábios sob o nome de BRUTATMA (composto de elementos).

13. Um outro espírito interno, chamado DJIVA ou Mahat, nasce com todos os seres animados, e é por meio deste espírito, que se transforma e se toma a consciência e os sentidos, que, em todos os nascimentos, o prazer e o sofrimento são sentidos pela alma (Kchetradjna).

14. Estes dois princípios, a inteligência (Mahat) e a alma (Kchetradjna), unidos com os cinco elementos conservam-se numa íntima ligação com esta Alma suprema (Paramátmá) que reside nos seres da ordem mais elevada e da ordem mais baixa.

15. Da substância desta Alma suprema escapam-se como faíscas de fogo, inúmeros princípios vitais que comunicam sem cessar o movimento às criaturas das ordens.

16. Após a morte, as almas dos homens que cometeram más ações tomam um outro corpo, de cuja formação participam os cinco elementos sutis, este corpo é destinado a ser submetido às torturas do inferno.

17. Quando as almas revestidas deste corpo tenham sofrido, no outro mundo, as penas infligidas por Yama, as partículas elementais se separam e entram nos elementos sutis das que saíram.

18. Depois de ter colhido o fruto das faltas nascidas do abandono aos prazeres dos sentidos, a alma cuja mancha foi apagada, volta para estes dois princípios dotados de uma imensa energia, a Alma suprema (Paíamâtmá) e a inteligência (Mahat).

19. Estes dois princípios examinam juntamente, sem interrupção, as virtudes e os vícios da alma, e conforme ela se tenha entregue à virtude ou ao vício, alcança neste mundo e no outro o prazer ou o sofrimento.

20. Se a alma pratica quase sempre a virtude e raramente o vício, revestida de um corpo tirado dos cinco elementos, goza as delícias do paraíso (Swarga).

21. Porém, se se entregar frequentemente ao mal e raramente ao bem, após a morte do seu corpo tirado dos cinco elementos, e revestida de um outro corpo formado das partículas sutis dos elementos, é submetida às torturas infligidas por Yama.
22. Depois de ter passado estes tormentos conforme a sentença do juiz dos infernos, a alma (Djiva) cuja mancha está inteiramente apagada, adota novamente as proporções destes cinco elementos, isto é, toma um corpo.
23. Que o homem, considere, por meio do seu espírito, que estas transmigrações da alma dependem da virtude e do vício, dirija sempre seu espírito para a virtude.
24. Que saiba que a alma (Atmâ), isto é, a inteligência, tem três qualidades (Gunas), a bondade (Sattwa), a paixão (Radjas) e a obscuridade (Tamas); e, é dotada de uma destas qualidades, que a inteligência (Mahat) permanece incessantemente preza às substâncias criadas.
25. Quando uma destas qualidades domina completamente em um corpo mortal, converte o ser animado possuidor deste corpo, eminentemente distinto pelos sinais desta qualidade.
26. O sinal distintivo da bondade é a ciência, o da obscuridade é a ignorância, o da paixão consiste no desejo apaixonado e a aversão: tal é o modo pelo qual se manifestam invariavelmente estas qualidades, que acompanham todos os seres.
27. Quando o homem descobre na alma inteligente um sentimento afetuoso, completamente calmo e puro como o dia, deve reconhecer que é a qualidade da bondade (Sattwa).
28. Porém, toda disposição da alma que é acompanhada de tristeza, que produz a aversão e leva incessantemente aos prazeres dos sentidos, deve considerar como a qualidade da paixão (Radjas), que é difícil de vencer.
29. Quanto a esta disposição que é privada da distinção do bem e do mal, incapaz de discernir os objetos, inconcebível, inapreciável para a consciência e os sentidos exteriores, deve reconhecer pela qualidade da obscuridade (Tamas).
30. Vou agora declarar-vos completamente os atos excelentes, medíocres e maus, que procedem destas três qualidades.
31. O estudo do Veda, a devoção austera, a ciência divina, a pureza, a ação de dominar os órgãos dos sentidos, o cumprimento dos deveres e a meditação da Alma suprema, são os efeitos da qualidade da bondade.
32. Agir somente na esperança de uma recompensa, entregar-se ao desânimo, fazer coisas proibidas pela lei, e entregar-se continuamente aos prazeres dos sentidos, são os sinais da qualidade da paixão.
33. A cupidez, a indolência, a irresolução, a maledicência, o ateísmo, a omissão dos atos prescritos, a importunação e a negligência denotam a qualidade da obscuridade.
34. Além disso, para estas três qualidades colocadas nos três momentos do passado, do futuro e do presente, eis resumidamente os indícios que devemos reconhecer como os melhores:
35. A ação de que temos vergonha, ao acabar de fazê-la, ao fazê-lo ou ao prepararmo-nos para fazê-la, deve ser considerada pelo homem sábio como pertencente à qualidade da obscuridade.

36. Todo ato pelo qual desejamos adquirir um grande renome no mundo, sem, contudo afligir-nos muito pelo insucesso, deve ser considerado como pertencente à qualidade da paixão.
37. Quando desejamos com toda a alma conhecer os santos dogmas, quando não temos vergonha do que fazemos e a alma sente satisfação, esta ação traz o sinal da qualidade da bondade.
38. O amor pelo prazer distingue a qualidade da obscuridade; o amor pela riqueza, a qualidade da paixão; o amor pela virtude, a qualidade da bondade; a superioridade do mérito segue para estas coisas a ordem numérica.
39. Vou agora declarar-vos sucintamente e por ordem, as diversas transmigrações que a alma passa neste universo sob a influência destas três qualidades.
40. As almas dotadas da qualidade da bondade adquirem a natureza divina, as que estão dominadas pela paixão, lhes corresponde a condição humana, as almas mergulhadas na obscuridade, voltam para o estado dos animais: tais são as três principais formas de transmigração.
41. Cada uma destas três formas de transmigração causadas pelas diferentes qualidades deve ser reconhecida segundo três graus: inferior, intermediário e superior, na razão dos atos e do saber.
42. Os vegetais, os vermes e os insetos, os peixes, as serpentes, as tartarugas, os animais domésticos e selvagens, são as condições mais baixas dependentes da qualidade da obscuridade.
43. Os elefantes, os cavalos, os Sudras, os Bárbaros (Mletchhas) desprezados, os leões, os tigres e os javalis, formam os estados médios produzidos pela qualidade da obscuridade.
44. Os dançarinos, os pássaros, os homens que vivem enganando, os gigantes (Râkchasas) e os vampiros (Pisâtchas), compõem a ordem mais elevada da qualidade da obscuridade.
45. Os que batem com bastões (Djhellas), os lutadores (Mallas), os atores, os mestres de armas e os homens dados ao jogo ou às bebidas embriagantes, são os estados mais baixos produzidos pela qualidade da paixão.
46. Os reis, os guerreiros (kchatryas), os conselheiros espirituais dos reis, e os homens muito hábeis na controvérsia, formam a ordem intermediária da qualidade da paixão.
47. Os Músicos celestes (Gandharvas), os Guhyacas e os Yakcas, os gênios que seguem os Deuses, e todas as Ninfas celestes (Apsaras), são os mais elevados de todas as condições que a qualidade da paixão produz.
48. Os anacoretas, os devotos ascéticos, os Brâmanes, as legiões de semideuses de carros aéreos, os Gênios dos asterismos lunares e os Daityas, formam o primeiro grau das condições produzidas pela qualidade da bondade.
49. Os sacrificadores, os Santos (Richis), os Deuses, os Gênios dos Vedas, os Regentes das estrelas, as Divindades dos anos, os Pitris, e os Sâdhyas, compõem o grau intermediário ao qual leva a qualidade da bondade.
50. Brahma, os criadores do mundo, como Maritchi, o Gênio da virtude, as duas Divindades que presidem ao princípio intelectual (Mahat) e o princípio invisível (Avykata) do sistema Sâmkhya, foram declarados o supremo grau da qualidade da bondade.

51. Eu vos revelei em toda a sua extensão este sistema de transmigração dividido em três classes, cada uma das quais tem três graus, os quais se referem a três espécies de ações, e compreendem todos os seres.
52. Entregando-se aos prazeres dos sentidos, e, negligenciando seus deveres, os mais vis dos homens que ignoram as santas expiações têm, lhes corresponde, as condições mais desprezíveis.
53. Aprendei agora, completamente e por ordem, por quais ações cometidas aqui a alma deve, neste mundo, entrar neste ou naquele corpo.
54. Depois de ter passado numerosos anos nas terríveis moradas infernais, no fim deste período, os grandes criminosos são condenados às transmigrações seguintes, para expiar suas faltas.
55. O assassino de um Brâmane passa para o corpo de um cão, de um javali, de um burro, de um camelo, de um touro, de um bode, de um carneiro, de um animal selvagem, de um pássaro, de um Tchandâla e de um Poukkasa, conforme a gravidade do crime.
56. Que o Brâmane que bebe licores espirituais renasça sob a forma de um inseto, de um verme de um gafanhoto, de um pássaro que se nutre de excremento e de um animal feroz.
57. O Brâmane que roubou ouro passará mil vezes pelos corpos de aranhas, de serpentes, de camaleões, de animais aquáticos e de vampiros maléficos.
58. O homem que manchou o leito de seu pai natural ou espiritual renasce cem vezes no estado de erva, de salsa, de cipó, de pássaro carnívoro como o abutre, de animal armado de dentes agudos como o leão, e de animal feroz, como o tigre.
59. Aqueles que cometem atos de crueldade tornam-se animais ávidos de carne sangrenta como os gatos; os que comem alimentos proibidos tomam-se vermes; os ladrões, seres que se devoram mutuamente; os que cortejam as mulheres de baixa condição social, em demônios.
60. Aquele que teve relações com homens degradados, que conheceu a mulher de outro, ou que roubou alguma coisa, de um Brâmane, porém não ouro, tomar-se-á um demônio chamado Brahmarâkchasa.
61. Se um homem roubou por cupidez pedras preciosas, pérolas, coral, ou joias de diversas espécies, renasce na tribo dos ourives (ou no corpo do pássaro hemakâra).
62. Por ter roubado grãos, toma-se rato no nascimento seguinte; ao de latão, em forma de cisne; ao de água, em mergulhão; ao de açúcar extraído de uma planta, em forma de cão; ao de manteiga purificada, em forma de lagosta.
63. Se roubou carne, renasce na forma de abutre; ao de gordura, na forma de madgú (o madgú é um pássaro marítimo); ao de óleo, na forma de tailapaka (o tailapaka é um pássaro desconhecido; seu nome significa bebedor de óleo); ao de sal, na forma de cigarra; ao de coalhada, na forma de cegonha (balaka).
64. Se roubou vestidos de seda, renasce perdiz; um pano de linho, na forma de rã; um tecido de algodão, na forma de chorlito; uma vaca, na forma de crocodilo; ao de açúcar, na forma de vâgguda (pássaro desconhecido).
65. Pelo roubo de perfumes agradáveis, toma-se almíscar; ao de verduras, na forma de pavão; ao de grão preparado de diversos modos, na forma de ouriço; ao de grão cru, na forma de porco-espinho.

66. Por ter roubado fogo, renasce como garça real; um utensílio doméstico, na forma de besouro moscardo; ao de vestuários de cor, na forma de perdiz vermelha.

67. Se roubou um cervo ou um elefante, renasce como lobo; ao de um cavalo, na forma de tigre; ao de frutos ou raízes, na forma de macaco; ao de uma mulher, na forma de urso; ao de água potável, na forma de tchâtaka (espécie de cuco (*cuculus-melano-leucus*)). Os Indus creem que este pássaro só se desaltera na água da chuva, durante a própria queda desta água através do ar); ao de carruagens, na forma de camelo; ao de animais domésticos, na forma de bode.

68. O homem que tira pela força um determinado objeto pertencente a um outro ou que come manteiga purificada e bolos, antes que tenham sido oferecidos a uma Divindade, será inevitavelmente rebaixado ao estado de bruto.

69. As mulheres tenham cometido semelhantes roubos adquirem as mesmas degradações; e são condenadas a unirem-se a estes seres como suas fêmeas.

70. Quando os homens das quatro classes, sem uma necessidade urgente, se afastam dos seus deveres e obrigações, passam aos corpos mais vis e são reduzidos à escravidão dos seus inimigos.

71. Um Brâmane que negligencia seu dever, renasce após a morte sob a forma de um espírito (Preta), chamado Ulkâmukha (significa, cuja boca é como um archote), que come o que foi vomitado: um Kchatriya sob a forma de um espírito chamado Kataputana, que se nutre de alimentos impuros e de cadáveres em putrefação.

72. Um Vaisya toma-se um espírito maligno chamado Maitrâkchadjyotika, que devora matérias purulentas; um Suda que negligencia suas ocupações toma-se um gênio mau chamado Tchailâsaka, que se nutre de piolhos.

73. Quanto mais os entes animados inclinados à sensualidade se entregam aos prazeres dos sentidos, mais a agudeza dos seus sentidos adquire desenvolvimento.

74. E na razão do grau da sua obstinação em cometer estas más ações, estes insensatos sofrerão aqui penas cada vez mais cruéis voltando ao mundo sob esta ou aquela forma ignóbil.

75. Vão primeiramente ao Tâmisra, e a outras habitações horríveis do inferno, ao Asipatravana (floresta que tem por folhas lâminas de espada) e a diversos lugares de cativeiro e tortura.

76. Tormentos de toda espécie lhes estão reservados; serão devorados por corvos e corujas; devorarão bolos ardentes, andarão sobre areias ardentes e terão a insuportável dor de serem postos no fogo como os vasos de um oleiro.

77. Nascerão sob as formas de animais expostos a sofrimentos contínuos; sofrerão alternativamente a dor do excesso do frio e do calor e serão presas de toda espécie de terrores.

78. Mais de uma vez permanecerão em diferentes matrizes e virão ao mundo com dor; sofrerão rigorosas detenções e serão condenados a servir outras criaturas.

79. Serão forçados a separar-se dos seus parentes e amigos, e a viver com malvados; amontoarão riquezas e as perderão; seus amigos, adquiridos com dificuldade, se tomarão seus inimigos.

80. Terão de suportar uma velhice sem recursos, doenças dolorosas, desgostos de toda espécie e a morte impossível de vencer.

81. Qualquer que seja a disposição do espírito, produzida por uma das três qualidades, que um homem realiza um determinado ato, ele colhe o seu fruto num corpo dotado, desta qualidade.
82. A retribuição devida aos atos vos foi revelada inteiramente; conheci agora estes atos de um Brâmane, são estes atos que podem levá-lo a felicidade eterna (Nihsreyasa).
83. Estudar e compreender os Vedas, praticar a devoção austera, conhecer Deus (Brama), dominar os órgãos dos sentidos, não fazer mal e honrar seu mestre espiritual, são as principais obras que conduzem a bem-aventurança final.
84. Porém, entre todos estes atos virtuosos, realizados neste mundo, disseram os Santos, há um ato que tenha mais poder que todos os outros para levar a felicidade suprema?
85. De todos estes deveres, respondeu Bhargú, o principal é adquirir, por meio do estudo dos Upanichads, o conhecimento da alma (Atmâ) suprema, é a primeira de todas as ciências; por ela, com efeito, adquire-se a imortalidade.
86. Assim é! Entre estes seis deveres, o estudo dos Vedas, com o fim de conhecer a Alma Suprema (Paramâtmâ) é considerado como o mais eficaz para alcançar a felicidade tanto neste mundo como no outro.
87. Já que nesta obra do estudo dos Vedas e na adoração da alma suprema, estão inteiramente compreendidas todas as regras da boa conduta, enumeradas acima por ordem.
88. O culto prescrito pelos Livros Santos é de duas espécies: uma, em relação com este mundo e trazendo gozos, como, por exemplo, os do Paraíso; outra, separada das coisas do mundo e que leva à felicidade suprema.
89. Um ato piedoso, procedente da esperança de obter proveito neste mundo, como por exemplo, um sacrifício para fazer chover, ou na outra vida, como uma oblação feita com o fim de ser recompensado depois da morte, é considerado estar preso a este mundo; porém, aquele que é desinteressado, e dirigido pelo conhecimento do Ser Divino (Brahma), é considerado desvinculado deste mundo.
90. O homem que realiza frequentemente atos religiosos interessados, chega a classe dos deuses (Devas); porém aquele que realiza a miúdo obras piedosas desinteressadas, se despoja para sempre dos cinco elementos e obtém a libertação dos laços do corpo.
91. Vendo igualmente a alma suprema que está em todos os seres, todos os seres estão igualmente na alma suprema, quando oferece sua alma em sacrifício, identifica-se com o ser que brilha com sua própria luz.
92. Embora negligencie os ritos religiosos prescritos pelos Sâstras, o Brâmane deve com perseverança meditar na Alma suprema, vencer seus sentidos e repetir os Textos Santos.
93. Aqui radica a vantagem do segundo nascimento, principalmente para o Brâmane; pois o Dwidja, cumprindo este dever, obtém a realização de todos os seus desejos, e não de outra forma.
94. O Veda é um olho eterno para os Manes (Pitris), os Deuses e os homens; o Livro Santo não pode ter sido feito pelos mortais, e não é suscetível de ser medido pela razão humana.
95. Os compêndios de leis que não são baseadas nos Vedas, assim como todo sistema heterodoxo de

qualquer espécie, não produzem nenhum bom fruto depois da morte; pois os legisladores declararam que não têm outro resultado senão as trevas infernais.

96. Todos os livros que não se baseiam nas Sagradas Escrituras, saíram da mão dos homens e desaparecerão; sua posterioridade prova que são inúteis e mentirosos.

97. O conhecimento das quatro classes, dos três mundos e das quatro distintas ordens, com tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será, é derivado dos Vedas.

98. O som, o atributo tangível, a forma visível, o gosto e o odor que é o quinto objeto dos sentidos, ficam explicados claramente nos Vedas, com a formação dos elementos de que são as qualidades e mediante os referidos elementos.

99. O Veda-Sâstra primordial sustenta a todas as criaturas; por conseguinte, eu o considero como a causa suprema da prosperidade para o homem.

100. Aquele que compreende perfeitamente o Veda-Sâstra, merece o mando dos exércitos, a autoridade real, o poder de infligir castigos e a soberania de toda a terra.

101. Assim como um fogo violento queima até as árvores ainda verdes, da mesma forma o homem que estuda e compreende os Livros Sagrados destrói toda mancha que o pecado tenha produzido nele.

102. Aquele que conhece perfeitamente o sentido do Veda-Sâstra, seja qual for a ordem em que se ache, forma-se durante sua estada neste mundo, para se identificar com Deus (Brama).

103. Aqueles que leram muito valem mais que os que estudaram pouco: os que possuem o que leram são preteríveis aos que leram e esqueceram; os que compreendem tem mais mérito que os que sabem de cor; os que cumprem seu dever são preferíveis aos que simplesmente conhecem.

104. A devoção e o conhecimento da Alma divina são para um Brâmane, os melhores meios de chegar à felicidade suprema: pela devoção se livra de suas faltas; pelo conhecimento de Deus (Brama) procura a imortalidade.

105. Aquele que trata de adquirir um conhecimento positivo de suas obrigações deve entender previamente os três tipos das seguintes provas: a evidência, o raciocínio e a autoridade dos diferentes livros deduzidos das Santas Escrituras.

106. Só aquele que raciocina sobre as Santas Escrituras e sobre a compilação da lei, baseando-se nas regras da lógica conformes as Sagradas Escrituras, conhece o sistema dos deveres religiosos e civis.

107. As regras de conduta que levam à beatitude foram exata e inteiramente declaradas; a parte secreta deste código Manu vai ser-vos revelada.

108. Em todos os casos particulares de que não se faz menção especial, se se perguntar o que convém fazer, ei-lo: que a decisão estabelecida pelos Brâmanes instruídos tenha força de lei sem contestação.

109. Os Brâmanes que estudaram como a lei ordena os Vedas e suas ramificações, que são os Angas, a doutrina Mimânsâ, o Dharma-Sâstra e os Purânas, e que podem tirar provas do Livro Revelado, devem ser reconhecidos como muito instruídos.

110. Que ninguém conteste um ponto de lei decidido por uma assembleia de dez Brâmanes pelo menos, ou por um conselho de Brâmanes instruídos, que não devem ser menos de três reunidos.

111. A assembleia composta de dez juízes, ao menos, deve conter três Brâmanes versados nos três livros santos, um Brâmane conhecedor do sistema filosófico ortodoxo do Nyàya, um outro conhecedor da doutrina Mimânsâ, um erudito conhecedor de Nirukta, um legista e um membro de cada uma das três primeiras ordens.

112. Um Brâmane tendo particularmente estudado o Riga-Veda, um segundo conhecendo especialmente o Yadjus, um terceiro possuindo o Sâma-Veda, formam o conselho de três juízes para a solução de todas as dúvidas em matéria de jurisprudência.

113. A própria decisão de um só Brâmane, contanto que seja versado nos Vedas, deve ser considerado como uma lei da maior autoridade, e não como uma lei feita por dez mil indivíduos que desconhecem a doutrina sagrada.

114. Brâmanes que não seguiram as regras do noviciado, que não conhecem os Textos Sagrados, e não têm outra origem além da sua classe, ainda que fossem em número de vários milhares, não podem formar uma assembleia legal.

115. A culpa de aquele ao qual pessoas incapazes, submersas na maior obscuridade, explicam a Lei que eles mesmos ignoram, esta falta cairá sobre estes homens e com uma força cem vezes maior.

116. Os atos excelentes que conduzem à beatitude eterna vos foram declarados; o Dwidja que não os negligencia obtém um destino muito feliz.

117. É assim que o poderoso e glorioso Manu, mostrando benevolência para com os mortais, revelou-me inteiramente estas leis importantes que não devem ser segredos senão para os homens indignos de os conhecer.

118. Que o Brâmane, reunindo toda a sua atenção, veja na Alma Divina todas as coisas visíveis e invisíveis; pois, considerando tudo na Alma, não entrega seu espírito a iniquidade.

119. A Alma é o conjunto dos Deuses; o universo descansa na Alma Suprema; é a Alma que produz a série dos atos realizados pelos seres animados.

120. Que o Brâmane contemple, por meio da meditação, o éter sutil nas cavidades do seu corpo; o ar, na sua ação muscular e nos nervos do tato; a luz suprema do fogo e do sol, no seu calor digestivo e nos seus órgãos visuais; a água nos fluidos do seu corpo; a terra nos seus membros.

121. A lua (Hindu), no seu coração; os Gênios das oito regiões, no seu órgão do ouvido; Vichnú, no seu andar; Hara, na sua força muscular; Agni na sua palavra; Mitra, na sua faculdade excretora; Pradjâpati no seu poder procriador.

122. Porém deve imaginar o grande Ente (Para-Purucha) como o soberano Senhor do Universo, mais sutil do que um átomo, tão brilhante como o ouro mais puro e como algo que o espírito só pode concebê-lo pelo sono no estado da mais abstrata contemplação.

123. É este Deus que, envolvendo todos os seres com um corpo formado pelos cinco elementos, os faz passar sucessivamente do nascimento ao crescimento, do crescimento à dissolução, por um movimento semelhante ao de uma roda.

124. Assim o homem que reconhece, na sua própria alma, a Alma suprema presente em todas as

criaturas, mostra-se o mesmo em relação aos demais e consegue o mais feliz dos destinos, a de ser, no fim, absorvido em Brâma.

125. Assim terminou o Sábio, e o Dwidja que lê este código de Manu, promulgado por Bhargu, será sempre virtuoso e obterá a felicidade que deseja.

X - A REENCARNAÇÃO HUMANA

Gabriel Delanne, eminente escritor sobre questões espíritas, publicou no volume consagrado ao Congresso de 1900, pág. 339, um relatório muito importante do qual extraímos as seguintes páginas.

Recordações das vidas passadas

Se a alma já habitou na terra antes do nascimento corpóreo, por que não existe em cada um de nós a lembrança das vidas anteriores? A resposta a esta pergunta me parece bem simples; é porque as condições que presidem a renovação da memória não são realizadas.

Não é necessário fazermos hipóteses a este respeito, basta simplesmente verificarmos o que se produz na vida quotidiana. Normalmente se observa que os sonhos não deixam em geral qualquer sinal ao despertar; muitos períodos da nossa existência atual apagam-se tão bem na consciência, que se torna impossível fazê-los reviver pela vontade. Contudo, estas recordações não estão perdidas e pode-se encontrá-las integralmente pelo sono sonambúlico, quando se restabelece o perispírito nas mesmas condições dinâmicas que aquelas em que se achava quando deu-se a percepção. O sr. Pitre e sua escola, os Srs. doutores Bourru e Burot, o Sr. Pierre Janet, puseram este fato fora de contestação; e não existe magnetizador que ignore que o esquecimento ao despertar é uma das características mais constantes do sonambulismo. Colocado outra vez no estado segundo, o paciente recupera o conhecimento do que disse e fez durante os seus sonos magnéticos anteriores. Existem, pois, séries de memórias que coexistem no mesmo indivíduo e se desconhecem completa e absolutamente. Nestas condições, é fácil compreender que, se a hipótese das vidas sucessivas é exata, a lembrança de uma encarnação anterior é geralmente impossível, pois o movimento vibratório do envoltório periespirítico unido à matéria durante a vida atual difere muito sensivelmente do que era em uma vida anterior, para que mínimos de intensidade e de duração necessários à renovação destas recordações possam ser alcançados. Esta imensa reserva de materiais psíquicos constituiria a base da nossa individualidade intelectual e moral, ela formaria esta trama primitiva da inteligência, mais ou menos rica, no qual cada vida tece novos arabescos. Porém, todas estas aquisições só se podem manifestar pelas suas tendências primitivas, que cada qual traz ao nascer e que constituem o que chamamos de caráter. Desde então, a inconsciência mais completa deve ser a regra, e é precisamente o que se dá. Porém, não existem regras sem exceções.

Assim como notou-se, em certos pacientes, a conservação da lembrança ao despertar também pode-se encontrar indivíduos que se lembram de já ter vivido. Em alguns, este despertar das sensações antigas dá-se naturalmente.

Aqui, apesar do meu desejo de ser o mais sucinto possível, não posso silenciar os casos relativamente numerosos que conheço e que parecem apoiar fortemente a teoria da reencarnação. Esta crença a uma evolução contínua do princípio inteligente foi, com algumas variantes, a da Índia, dos sacerdotes do Egito, dos Druidas e de uma parte dos filósofos Gregos.

Pitágoras, desafiando a ironia dos seus contemporâneos, tinha costume de dizer publicamente que se lembrava de ter sido Hermodoto, Euphorbo e um Argonauta.

Juliano o Apóstata lembrava-se de ter sido Alexandre da Macedônia. Empédocles também afirmava que, por sua vez, “lembrava-se até de ter sido rapaz e moça”. Porém, como nada sabemos sobre as circunstâncias que puderam determinar estas afirmações, passaremos aos escritores dos nossos dias, que referem fatos similares.

Entre os modernos, o grande poeta Lamartine declara, na sua Viagem ao Oriente, ter tido reminiscências muito claras. Eis a sua narração: “Eu não tinha na Judéia nem Bíblia nem guia a mão, ninguém para dar-me o nome dos lugares e o nome antigo dos vales e das montanhas contudo reconheci imediatamente o vale de Terebenthó e o campo de batalha de Caul. Quando chegamos ao Convento, os Sacerdotes me confirmaram a exatidão das minhas previsões, meus companheiros não podiam crê-lo. Da mesma forma, em Sephora, tinha apontado com o dedo e designado pelo seu nome uma colina tendo no cume um castelo arruinado como o lugar provável do nascimento da Virgem. No dia seguinte, ao pé de uma montanha árida, reconheci o túmulo dos Macabeus, e dizia a verdade sem o saber. Excetuados os vales do Líbano, etc., quase nunca encontrei na Judéia um lugar ou uma coisa que não fosse para mim como uma lembrança. Temos, pois, vivido duas vezes ou mil vezes? Não é a nossa memória mais que uma imagem apagada que o sopro de Deus reanima?”

Estas reminiscências não podem ser devidas a volta de recordações provenientes de leituras, pois a Bíblia não faz a descrição exata das paisagens em que se passam as cenas históricas, ela simplesmente refere acontecimentos. Pode-se atribuir estas intuições tão claras e tão precisas a uma clarividência durante o sono?

De modo algum está demonstrado que o Sr. Lamartine foi sonâmbulo, porém se admitirmos esta hipótese, como teria ele feito para conhecer os nomes exatos de cada um destes lugares?

Se foram espíritos que lhe indicaram, por que lembra-se ele somente destas paisagens e não das suas instruções invisíveis? Não devemos fazer intervirem os Espíritos enquanto sua presença não for demonstrada, e parece-me que é este o caso.

O Conde de Résie, na sua “História das Ciências Ocultas”, tomo II, pág. 292, diz: “Podemos citar nosso próprio testemunho, assim como muitas surpresas que nos fez passar o aspecto de muitos lugares em diferentes partes do mundo, cuja vista nos lembrava imediatamente uma antiga recordação, uma coisa que não era desconhecida, e que, não obstante a víamos pela primeira vez”.

No jornal “La Presse”, de 20 de Setembro de 1868, um romancista popular, Ponson du Terrail, inimigo do Espiritismo, escrevia que lembrava-se ter vivido em tempos de Henrique III e Henrique IV e, nas suas recordações, o grande rei de modo algum se assemelhava àquele de que lhe falavam seus pais.

Posso lembrar também que Théophile Gautier e Alexandre Dumas, afirmaram, diversas vezes, baseando-se em recordações íntimas, sua crença nas vidas passadas; porém prefiro chegar às narrações que por si mesmas trazem as provas da sua autenticidade.

Num artigo biográfico sobre Méry, publicado no Journal Littéraire, de 25 de Setembro de 1864, o autor afirma, e que se achava ainda vivo, que o autor acreditava firmemente já ter vivido várias vezes; que se lembrava dos menores detalhes das suas existências anteriores e as detalhava com tanta certeza que convencia a todo mundo. “Assim, diz o biógrafo, afirma ter feito a guerra das Galias e de ter combatido na Germânia com Germanicus. Reconheceu desta vez os lugares em que outrora acampou, e em certos vales os campos de batalha em que combateu. Chamava-se então Minius”. Aqui há um episódio que parece estabelecer realmente que estas recordações não são simplesmente reflexos da sua imaginação. Cito textualmente:

“Um dia, na sua vida atual, estava em Roma e visitou a biblioteca do Vaticano. Foi recebido por

jovens, noviças de longas roupas escuras, que se puseram a falar-lhe no latim mais puro. Mery era bom latinista, em tudo o que se refere à teoria e às coisas escritas, porém ainda não tinha tentado falar familiarmente na língua de Juvenal. Ao ouvir estas Romanas, ao admirar este magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que estava em uso, pareceu-lhe que um véu caía dos seus olhos; pareceu-lhe que ele próprio tinha conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam desta língua divina. Frases espontâneas e irrepreensíveis saíam dos seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção; enfim, falou em Latim como fala em Francês. Tudo isto não podia ser feito sem uma aprendizagem, e se não tivesse atravessado este século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência impossível de adquirir em poucas horas”.

O autor tem razão. É preciso distinguir cuidadosamente este fato das hiperestésias da memória, tantas vezes observadas no sonambulismo e em certas doenças. Nestes estados especiais, o paciente repete às vezes trechos inteiros, ouvidos outrora no teatro ou lidos há muito tempo e profundamente esquecidos no estado normal. Porém, uma conversa mantida, numa língua desusada, sem hesitações, sem afetação, gozando plenamente das suas faculdades, supõe evidentemente para a pronúncia e a tradução das ideias, a entrada em função de um mecanismo muito inativo, mas que se desperta no momento propício, sob o estímulo dos seus esforços. Ninguém improvisa uma língua, mesmo que conheça as suas palavras e regras gramaticais. Resta a parte mais difícil: o do enunciado das ideias. Esta depende dos músculos da laringe e das localizações cerebrais e só pode ser adquirida pelo hábito. Se a esta ressurreição mnemônica juntarmos as recordações precisas dos lugares outrora habitados e agora reconhecidos, há fortes razões para admitir as vidas múltiplas como a explicação mais lógica destes fenômenos. Aliás, são menos raros do que se julgou. Vou citar ainda alguns exemplos tirados da coleção da “Revue Spirite”.

Um dos primeiros espíritas, o professor Damiani, dirigiu, em 1º de Novembro de 1878, ao editor do Banner of Light de Boston, uma carta em resposta a certas polêmicas, a respeito da reencarnação; extraio dela o seguinte trecho:

“Seja-me permitido dizer por que penso não ter sido enganado nas minhas visões espirituais. Antes de ser reencarnacionista e quando era tão oposto a estas teorias como pode ser quem quer que seja, diferentes médiuns, que não se conheciam, falaram-me das minhas reencarnações.

“Ri-me muito disto, na época em que qualifiquei estas revelações como histórias! Porém, quando, depois de ter esquecido estas circunstâncias, tendo-se passado vários anos, possuía o dom da visão espiritual; quando me vi com meus próprios olhos no meio das famílias das minhas existências passadas, vestido com as roupas do tempo, e no meio dos povos que outros videntes me tinham descrito, oh! para mim, ver foi crer”.

Esta declaração me parece convincente, pois que provém de um observador incrédulo, que só fica crente conforme seu exame pessoal. Que causa poderia produzir as afirmações concordes de médiuns desconhecidos entre si e que, não obstante, concordam para referir aos mesmos fatos?

Se as vidas anteriores deixam em nós sinais, é possível a certas pessoas ler estas inscrições hieróglifas, estas ruínas veneráveis, escritas numa língua que só a faculdade psicométrica permite decifrar. As descrições dos videntes devem ser semelhantes, pois que se apoiam em documentos positivos; daí, provavelmente, esta unanimidade que o professor Damiani observa e que verifica quando este poder desenvolveu-se nele.

“La Revue Spirite” de 1860 (pag. 206) contém a carta de um oficial da marinha, que se lembra de ter vivido e ter morrido assassinado na ocasião da revolta de São Bartolomeu. As circunstâncias desta existência estão profundamente gravadas em seu ser, e conta fatos que mostram estas reminiscências não serem devidas a um capricho do seu espírito: “Se eu vos disser, escreve ele, que tinha

sete anos, quando tive este sonho que, ao fugir, fui atingido pelas costas por três punhaladas. Se vos disser que esta saudação que se faz sob as armas, antes de combater, eu a fiz a primeira vez que tive um florete na mão. Se vos disser que cada preliminar, mais ou menos gracioso que a educação ou a civilização puseram na arte de matar, me era conhecido antes de toda educação nas armas, etc.”. Esta ciência instintiva, anterior a toda educação, deve ter sido adquirida antanho. Onde então, se não vivemos mais que uma vez?

O Sr. Lagrange refere, numa carta dirigida à Revista em 1880, que conhece, em Vera-Cruz, uma criança de sete anos, chamada Júlio-Afonso, que cura pela imposição das suas mãozinhas, ou por meio de remédios vegetais de que dá a receita. Quando se lhe pergunta onde os aprendeu, responde que quando era grande, tinha sido médico. Esta faculdade extraordinária declarou-se à idade de quatro anos, e muitas pessoas, a princípio incrédulas, se declararam convencidas.

Pode-se pretender aqui que a criança é simplesmente médium: de fato, ouve os espíritos; porém sabe distinguir perfeitamente o que lhe revelam do que tira do si próprio; esta certeza de que era médico antes desta vida não lhe foi inculcada pelos seus guias, é inata.

O Sr. Bouvery cita, segundo o Lotus Azul, o caso do Sr. Isaac G. Foster, cuja filha chamada Maria, morreu em ILL, condado de Effingham. Teve, alguns anos mais tarde, uma segunda filha que nasceu em Dakota, cidade que veio habitar depois da morte de Maria. A nova filha foi chamada Nellie, porém persistiu em chamar-se Maria, dizendo que era o verdadeiro nome pelo qual a chamavam outrora.

Numa viagem feita em companhia de seu pai, ela reconheceu a antiga casa, e muitas pessoas que nunca tinha visto, porém, a primeira filha Maria conhecia muito bem. “A uma milha da nossa antiga casa, diz o Sr. Foster, acha-se a casa de escola que Maria frequentava; Nellie, que não a vira, fez uma exata descrição dela e exprimiu-me o desejo de vê-la novamente. A levei até lá, aí chegando, ela se dirigiu diretamente para uma escrivaninha que sua irmã ocupava, dizendo-me: esta é a minha”. “Dir-se-ia, um morto que voltou do túmulo”, acrescenta o pai. Ê a expressão exata, pois se podemos crer que a criança viu este lugar no sonambulismo, ninguém pôde indicar-lhe as pessoas que Maria conhecia e, não obstante, Nellie não se engana, ela as indica exatamente.

Poderia estender esta lista, porém como me falta tempo para discutir convenientemente esta questão, prefiro passar a outra série de documentos, sempre referentes à volta da alma a este plano.

A Reencarnação anunciada com antecedência

Soube estes dois seguintes fatos, pelo Sr. Bouvier, um excelente magnetizador, diretor do jornal “La Paix Universelle”, que se publica em Lyon. Um paciente que tinha o costume de dormir, e que goza, neste estado, da faculdade de ver os espíritos, lhe disse um dia, espontaneamente, que a alma de uma religiosa desejava falar-lhe. O Sr. Bouvier lhe perguntou quem era ela e o que desejava. Ela deu o seu nome e indicou o convento situado em Rouen, onde vivia, e disse que voltaria após a sua morte que estava próxima. O paciente, da mesma forma que o Sr. Bouvier, ignorava absolutamente a existência deste estabelecimento religioso, e ambos nunca tinham ouvido falar dele. Algum tempo depois, a mesma religiosa apresentou-se e disse que tinha deixado seu corpo terrestre, o que foi reconhecido posteriormente, e que voltaria ainda no sexo feminino e só viveria três meses. Todos estes acontecimentos realizaram-se pontualmente.

Um segundo caso de encarnação foi predito ao Sr. Bouvier, anunciando que o espírito ia incorporar-se, sob a forma feminina, numa família bem conhecida do diretor d’A Paz Universal, e que de nenhum modo esperava a vinda de outro filho que não desejava. O espírito disse que seria infeliz porque não o amariam. Tudo isto infelizmente realizou-se nas condições anunciadas.

A clarividência magnética do paciente do Sr. Bouvier não pode explicar o aparecimento desta religiosa, que nunca conheceu na terra; pois, o exercício desta faculdade sempre tem sua razão de ser numa certa relação entre as partes interessadas. Se pois podemos admitir que a irmã do paciente seja a causa indireta da previsão, a intervenção da religiosa é inexplicável, a não ser pela sua intenção de retomar um organismo terrestre. No segundo exemplo, não existe nenhum laço entre o sonâmbulo e os pais da criança; o espírito que se reencarnou é realmente o autor do fenômeno, pois o paciente não é espiritista e não podia autossugestionar-se neste ponto da mesma forma que não podia receber sugestão do Sr. Bouvier que estava longe de esperar estes acontecimentos.

O príncipe Emílio de V..., na data de 18 de dezembro de 1874, escrevia em Vevey, na Suíça, à Revista Espirita para lhes explicar um caso interessante, relativo à reencarnação; tratava-se do seu segundo filho, de 3 anos de idade: que, pouco tempo antes do seu nascimento, os espíritos tinham anunciado que esta criança devia ter grandes dons mediúnicos, pois na sua última existência, que tinha acontecido na Inglaterra, teria ocupado em desenvolver estes poderes pela prática da magia e da astrologia, e teria abusado delas, o que o fizera perecer miseravelmente. “Há algumas semanas, diz o príncipe, a criança estava brincando e tagarelando no meu gabinete, quando ouço-a falar da Inglaterra de que, sem eu o saber, ninguém lhe tinha dito coisa alguma. Presto atenção e lhe pergunto o que é a Inglaterra? Ele me responde: Oh! sim, é um país onde estive, há muito tempo.

P. — Eras pequeno como agora?

R. — Oh, não, era maior que você e tinha uma longa barba.

P. — Porventura lá estávamos mamãe e eu?

R. — Não, tinha um outro papai e outra mamãe.

P. — E que fazias lá?

R. — Brincava muito com fogo, e, uma vez me queimei tanto que morri.

Poderia talvez ver-se, nesta narração ingênua, uma transmissão inconsciente do pensamento do pai ao filho, porém as respostas da criança parecem claramente emanar da sua própria inteligência que parece ter-se despertado momentaneamente para desaparecer depois, como acontece muitas vezes em circunstâncias semelhantes. Querendo apoiar a teoria da reencarnação por sólidas provas experimentais, os jornais espíritas Franceses abriram um inquérito sobre os fenômenos que se refere a esta ordem de ideias. Desde o 1.º de janeiro deste ano, verifica-se que os testemunhos chegam em maior número do que se esperava.

Reproduzi, no número de Abril da “Revista Científica e Moral do Espiritismo”, um processo verbal feito em Lyon, conforme o qual um médium em encarnações predisse o nascimento de uma criança do sexo feminino, que devia, em consequência das circunstâncias pertencentes à sua vida passada, ter uma cicatriz na fronte. Nasceu efetivamente uma menina com o sinal anunciado.

O “Progresso Espirita”, nos seus números de 5 de Fevereiro e 20 de Março de 1898, cita três atestados que seria muito extenso reproduzir integralmente, porém demonstram que os espíritos voltam à terra. Não se trata aqui de sonambulismo, mas sim de médiuns tiptólogos ou escritores, de modo que a clarividência não tem de intervir na explicação, a menos que seja atribuída aos espíritos desencarnados. Porém, então, apresenta-se uma outra dificuldade; é preciso supor que estes seres invisíveis nos enganam voluntariamente, que mentem conscientemente para sustentar um erro? Esta conjectura não me parece razoável quando se trata de espíritos que deram provas, em muitas circunstâncias, de altas qualidades morais e prefiro admitir o que anunciam e o que se verifica, antes que crer num subterfúgio universal e inverossímil. Chego a um gênero de provas que poderia ser muito discutido, porém que razoavelmente não podemos deixar em silêncio, já que cinco de cada dez espíritas que admitem a reencarnação, só chegaram a esta conclusão pelas afirmações dos seus guias.

Espíritos que afirmam ter vivido várias vezes na Terra

Podemos fazer a objeção, contra este tipo de provas, que todos os espíritos que se manifestam não se lembram de uma vida anterior à última; porém se levarmos em consideração que o despertar das recordações está em relação com um certo grau vibratório do perísprito, e que este está ligado ao desenvolvimento espiritual do ser, compreenderemos facilmente que, a média dos homens desencarnados sendo de uma moralidade inferior, seu perísprito ainda grosseiro não possa ressuscitar diante da vista interna o panorama das suas existências passadas. Porém, assim como é possível renovar integralmente a memória em certos pacientes sonambúlicos, da mesma forma, Espíritos superiores que possuem um poder magnético, proporcional ao seu grau de evolução moral, têm o poder suficiente para, quando necessário, despertar as recordações latentes.

Contentar-me-ei em citar um exemplo deste gênero, extraído da Revista Espírita de 1866 (pág. 175 e seg.) porque parece confirmar a opinião emitida acima. Trata-se do espírito de um médico muito estimado, o Dr. Cailleux; refere, por intermédio do médium Morin, que, embora tivesse saído desde há muito do estado de perturbação, achou-se um dia num estado semelhante a uma espécie de sono lúcido. E disse: “Quando meu espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, era, por assim dizer, magnetizado pelo fluido dos meus amigos espirituais; devia resultar daí uma satisfação moral que, dizem eles, é minha recompensa e, além disso, uma animação para prosseguir no caminho seguido pelo meu espírito desde há um bom número de existências, estava, pois, adormecido por um sono magnético-espiritual, vi o passado formar-se num presente fictício; reconheci individualidades desaparecidas nos tempos ou antes que tinham sido o mesmo indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra deixada, esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do que o empregado para dizer-vos, de idade em idade, formar-se, crescer e tomar-se ciência, o que, no princípio não era mais que os primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para alívio da humanidade sofredora. Vi tudo isto, e, quando cheguei ao último destes seres que, sucessivamente, tinham trazido um suplemento à obra, então, reconheci a mim mesmo. Aí, tudo desapareceu, e tornei-me o espírito ainda em atraso deste vosso pobre doutor”.

Ver-se-á nesta narração uma alucinação espiritual da alma do Dr. Cailleux? É possível, embora improvável, pois os espíritos avançados não enganam, da mesma forma que não o fazem neste mundo as pessoas de bem. Não se trata, neste exemplo, nem de experiências nem de investigações tentadas pelos seus guias; mostra-se ao espírito, por uma introspecção que lhe permite escavar conscientemente as camadas profundas do seu ser. Se refletirmos que isto foi obtido há 32 anos, quando era ignorado o meio de produzir a ressurreição das antigas lembranças, pelo hipnotismo ou o magnetismo, poderá talvez ser vista neste fato uma analogia favorável à crença nas vidas sucessivas.

FIM